



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO COMUNICAÇÃO, CULTURA E AMAZÔNIA
MESTRADO ACADÊMICO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO

LANNA PAULA RAMOS DA SILVA

AGÊNCIA DE NOTÍCIAS JOVENS COMUNICADORES DA AMAZÔNIA: Práticas de
Comunicação Alternativa Em Defesa da Juventude Negra de Belém do Pará

BELÉM – PA

2020

LANNA PAULA RAMOS DA SILVA

AGÊNCIA DE NOTÍCIAS JOVENS COMUNICADORES DA AMAZÔNIA: Práticas de Comunicação Alternativa Em Defesa da Juventude Negra de Belém do Pará

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia (PPGCOM), da Universidade Federal do Pará (UFPA), como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciências da Comunicação.

Área de Concentração: Comunicação Social.

Linha de Pesquisa: Comunicação, Cultura e Socialidades na Amazônia.

Orientadora: Professora Doutora Célia Regina Trindade Chagas Amorim.

BELÉM – PA

2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

P324a Paula Ramos da Silva, Lanna
AGÊNCIA DE NOTÍCIAS JOVENS COMUNICADORES DA
AMAZÔNIA : Práticas de Comunicação Alternativa Em Defesa da
Juventude Negra de Belém do Par / Lanna Paula Ramos da Silva. —
2020.
171 f. : il. color.

Orientador(a): Prof^ª. Dra. Célia Regina Trindade Chagas
Amorim

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em
Comunicação, Instituto de Letras e Comunicação, Universidade
Federal do Pará, Belém, 2020.

1. Comunicação Alternativa. 2. Educomunicação. 3.
Agência de Notícias Jovens Comunicadores da Amazônia. 4.
Extermínio da Juventude Negra. I. Título.

CDD 301.14

LANNA PAULA RAMOS DA SILVA

AGÊNCIA DE NOTÍCIAS JOVENS COMUNICADORES DA AMAZÔNIA: Práticas de
Comunicação Alternativa Em Defesa da Juventude Negra de Belém do Pará

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
Comunicação, Cultura e Amazônia (PPGCOM), da
Universidade Federal do Pará (UFPA), como requisito
parcial à obtenção do título de Mestre em Ciências da
Comunicação.

DATA DA AVALIAÇÃO: ____/____/____

CONCEITO:

Banca Examinadora

Prof.^a Dr.^a Célia Regina Trindade Chagas Amorim
Orientadora - PPGCOM/UFPA

Pro.^a Dr.^a Alda Costa
Examinadora interna – PPGCOM/UFPA

Prof.^a Dr.^a Cicilia Maria Krohling Peruzzo
Examinadora externa - PPGCOM/UERJ

Prof. Dr. Marcos Silva
Examinador externo - CES/UC

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus, meu pai, que tem me sustentado e acompanhado durante toda a vida, não sendo diferente no percurso do mestrado e desta dissertação. Sua graça e misericórdia foi o que me manteve erguida.

Aos jovens da *Agência de Notícias Jovens Comunicadores da Amazônia* agradeço por me acolherem e me receberem sendo sempre atenciosos e prestativos em todos os momentos que estive presente nas atividades. Também menciono aqueles jovens que participaram da *Agência JCA* em um momento anterior a esta pesquisa, o trabalho desenvolvido desde o início do projeto até aqui é de uma vasta importância para os movimentos em defesa das juventudes de Belém e do Brasil.

Em especial, gostaria de agradecer a Patrícia Cordeiro e Naiane Queiroz, coordenadoras da *Agência JCA*, que acompanharam o processo desta pesquisa sempre disponíveis a me auxiliar, receber e responder meus questionamentos. Assim como, aos jovens que disponibilizaram um tempo para entrevistas: Alexandre Soares, Paloma Melissa, Ariane Barbosa e Pablo Cauê. O trabalho de vocês me inspira!

À minha família pelo amor e apoio incondicional. Se hoje me encontro prestes a receber um diploma de mestrado, devo isso aos meus pais, Paulo e Beatriz, que em muitos momentos de suas vidas colocaram meu futuro à frente dos seus. Sou e serei eternamente grata. Também ao meu irmão, Jorge, agradeço pelos momentos de companheirismo e escuta sobre os problemas da vida e acadêmicos que compartilhamos.

Agradeço imensamente a professora Célia Amorim. Obrigada pelo incentivo constante, paciência e orientação acadêmica e por aceitar sempre com entusiasmo os desafios das pesquisas que eu e seus outros orientandos apresentamos. Isso é muito importante para que, juntos, possamos construir a universidade que um dia desejamos alcançar. Além disso, é claro, obrigada pelo apoio nos momentos difíceis que vivenciei durante este percurso. Quaisquer palavras que eu escreva aqui ainda vão ser limitadas para expressar o que sua orientação, que não é e nunca foi somente acadêmica, representa pra mim nesses seis anos que estivemos juntas.

Ao professor Otacílio Amaral que me recebeu no estágio docente e com o qual pude compartilhar momentos importantes de conhecimento e aprendizagem em sala de aula e também fora dela. Professores como o professor Otacílio e a professora Célia representam, para mim, exemplos de educadores e inspiração para futura prática de pesquisa e docência.

Às professoras Alda Costa e Cicilia Peruzzo pelas contribuições e questionamentos durante o percurso desta pesquisa. Os tensionamentos e observações das professoras foram fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho.

Ao professor Marcos Silva pelo aceite para contribuir nesta fase final. Suas contribuições serão muito bem-vindas.

À Mariana, Denise e Raphael pela amizade e companheirismo. Nossas conversas, risadas, compartilhamentos de projetos, aspirações, problemas e teorias, além, é claro, das nossas reuniões, foram responsáveis pelas melhores experiências que vivi na Universidade. O apoio de vocês foi e continua sendo essencial pra mim.

À Delane pela amizade, apoio e incentivo que nunca cessam. Nossas conversas sempre são capazes de restabelecer a minha sanidade. Obrigada por sempre estar atenta e pronta a me ouvir mesmo que alguns quilômetros estejam entre a gente.

Aos meus amigos e amigas, Camila, Gabriel, Elson, Fernanda, Neil e Andreson, que, à sua maneira e momento, estiveram presentes nessa caminhada demonstrando seu apoio, companheirismo e atenção e me proporcionando momentos que irei aguardar com carinho sempre.

A todos os integrantes, antigos e atuais, do Grupo Mídias Alternativas na Amazônia que têm sido, pra mim, durante todos esses anos, um ambiente de amizade, inspiração e compartilhamento de conhecimentos que levarei pra vida.

E, por fim, mas de nenhuma forma menos importante, ao Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia, nas figuras de docentes e técnicos-administrativos, à Universidade Federal do Pará e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelas vivências, conhecimentos adquiridos e pela possibilidade de auxílio financeiro que me foi concedida.

Mataram outro menino preto, era um menino e era preto

Mataram outro menino... Era um menino preto

As pessoas querem fugir, fingir não ver, mas não peçam para mim, eu vi! Era um menino preto

Parecem "pais de família", eu acho, mas estão armados com pau, pedras, ira e esculacho. Achando fazer justiça com as próprias mãos. Não é assim não!

É que quando morre um preto na periferia, logo se procura um jeito pra justificar. Era ladrão, traficante, maconheiro ou estava envolvido com algum tipo de bandidagem. Mas se morre um branquinho lá no centro, tem até missa campal. Sai em todas as revistas, nas tv's, vira manchete de jornal.

Era um menino, podia ser um adulto, podia ser o Pelé que mesmo assim ninguém taria de luto. Pois era preto do gueto, sujeito suspeito. Podia ser o seu filho sofrendo com preconceito.

Eu faço som que por mais que a gente apele, não importa teu caráter se eles sempre vão julgar teu tom pele. Que é preto, lindo como a noite, dessa senzala urbana minha alma traz lembranças do açoite.

Eu sou magia negra, samba no pé da moça, sou capoeira, sou o lado negro da força, sou verso de Castro Alves, sou rima do Mano Brown, sou metade que nunca fez um ensino fundamental. Sou você saindo pra trabalhar, pois até hoje nós somos vítimas de um crime secular. Sou Garrincha, mestre Pino, sou Saci, pois o menino preto lá podia ser o menino preto aqui.

Hoje eu vi a luz do dia, ontem foi a noite na periferia. Aqui tem extermínio de menino preto todo dia! Essa realidade tem que acabar! Tem que acabar! Essa violência tem que acabar! Essa realidade tem que acabar!

Dê poder ao povo preto!

(Menino Preto - Zimbra Groove participação Pelé do Manifesto, 2016)¹

¹ Versão disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Gecz4cn7_Mo. Acesso em: 28 mai. 2020.

RESUMO

Esta pesquisa tem como tema a comunicação produzida pela *Agência de Notícias Jovens Comunicadores da Amazônia (Agência JCA)*, um espaço de mobilização em defesa da juventude negra da Região Metropolitana de Belém, Pará, por meio da comunicação alternativa. A questão-problema que guia este estudo é: Como configuram-se as práticas comunicativas alternativas da *Agência de Notícias Jovens Comunicadores da Amazônia* em defesa da juventude negra belenense? Portanto, o objetivo geral desta pesquisa é compreender como se constituem as dinâmicas comunicativas alternativas da *Agência JCA*, no exercício da comunicação alternativa. Como objetivos específicos tem-se a) identificar como se configura a *Agência de Notícias Jovens Comunicadores da Amazônia* tendo como centralidade as evidências comunicativas e educacionais presentes; b) compreender como o extermínio da juventude negra da periferia apresenta-se como problemática frente a *Agência JCA* ; c) investigar e analisar as estratégias comunicativas realizadas pela *Agência JCA* e a contribuição destas em defesa dos jovens negros moradores de áreas periféricas da Região Metropolitana de Belém. A metodologia utilizada baseia-se na pesquisa bibliográfica; na realização de entrevistas semiestruturadas individuais com os jovens que participaram/participam do meio de comunicação e coordenadores do projeto. Além disso, também se realizou a observação participante em atividades promovidas pela *Agência JCA*. A fundamentação teórica deste estudo contou com discussões acerca da comunicação alternativa (Peruzzo, 2008; 2009; entre outros; AMORIM *et al*, 2015) , educação (Soares, 2011; 2002), juventude (PAIS, 1990; DAYRELL, 2003) e extermínio da juventude negra (NASCIMENTO, 1978; MUNANGA, 2003; ALMEIDA, 2018; GOMES E LABORNE, 2018). Consideramos que a *Agência JCA* desenvolve por meio de seus conteúdos alternativos críticos-reflexivos acerca das juventudes e periferias de Belém e de suas ações, caminhos de mobilização, conscientização e luta contra o extermínio das juventudes negras de Belém e também a ampliação de direitos de cidadania, assim se constituindo como uma importante articulação em defesa das juventudes negras de Belém do Pará.

Palavras-chave: Comunicação Alternativa. Educação. *Agência de Notícias Jovens Comunicadores da Amazônia*. Extermínio da Juventude Negra.

ABSTRACT

This research has as theme the communication produced by *Agência de Notícias Jovens Comunicadores da Amazônia* (Agência JCA), a space of mobilization in defense of black youth in the Metropolitan Region of Belém, Pará, through alternative communication. The question-problem that guides this study is: How are the alternative communicative practices of *Agência de Notícias Jovens Comunicadores da Amazônia* in defense of black youth from Belém? The general objective of this research is to understand how the alternative communication dynamics of *Agência JCA* are constituted, in the exercise of alternative communication. The specific objectives are to a) identify how the *Agência de Notícias Jovens Comunicadores da Amazônia* is set up, with the communicative and educommunicative evidence present as a central feature; b) understand how the extermination of black youth from the periphery presents itself as a problem before the *Agência JCA*; c) investigate and analyze the communication strategies carried out by *Agência JCA* and their contribution in defense of young blacks living in peripheral areas of the Metropolitan Region of Belém. The methodology used is based on bibliographic research; conducting individual semi-structured interviews with young people who participated / participate in the media and project coordinators. In addition, participant observation was also carried out in activities promoted by the *Agência JCA*. The theoretical foundation of this study included discussions about alternative communication (Peruzzo, 2008; 2009; among others; AMORIM *et al*, 2015), educommunication (Soares, 2011; 2002), youth (PAIS, 1990; DAYRELL, 2003) and extermination black youth (NASCIMENTO, 1978; MUNANGA, 2003; ALMEIDA, 2018; GOMES E LABORNE, 2018). We believe that *Agência JCA* develops through it is critical-reflective alternative content about the youths and peripheries of Belém and its activities, ways of mobilizing, raising awareness and fighting against the extermination of black youths in Belém and also the expansion of citizenship rights, thus constituting itself as an important articulation in defense of the black youths of Belém do Pará.

Keywords: Alternative Communication. Educommunication. Agência de Notícias Jovens Comunicadores da Amazônia. Extermination of Black Youth

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 -	Infográfico do Atlas da Violência 2019, destaque da seção “O peso da desigualdade racial”	17
Figura 02 -	Logo do Instituto Universidade Popular	29
Figura 03 -	Adolescentes e jovens participantes do Curso de Comunicação Popular em 2008	31
Figura 04 -	Imagem que abre a descrição do “Projeto Jovens Comunicadores da Amazônia” presente no site do Instituto Universidade Popular (UNIPOP)	37
Figura 05 -	Logo da Agência de Notícias Jovens Comunicadores da Amazônia	44
Figura 06 -	Região Metropolitana de Belém	47
Figura 07 -	Mapa da Violência 2019, dados representativos do aumento da letalidade nas Regiões Norte e Nordeste	50
Figura 08 -	Gráfico demonstrativo do aumento dos índices de suicídios entre negros	52
Figura 09 -	Cabeçalho do blog da Agência JCA	79
Figura 10 -	Cabeçalho do blog da Agência JCA	81
Figura 11 -	Página do Facebook da Agência JCA	82
Figura 12 -	Conta da Agência JCA na rede social Instagram	83
Figura 13 -	Conta da Agência JCA no Twitter	83
Figura 14 -	Postagem sobre o lançamento da Agência JCA, 8 de novembro de 2016	87
Figura 15 -	Página criada para o evento de lançamento da Agência JCA	88
Figura 16 -	Publicação de divulgação na página do facebook com um vídeo com as informações gerais do evento	88
Figura 17 -	Captura de tela do feed de fotos da conta da Agência JCA no Instagram mostrando as artes produzidas para divulgação do III Ato contra o extermínio da juventude negra	93
Figura 18 -	Cartaz de divulgação do III Ato contra extermínio da juventude negra realizado pela Agência JCA	95
Figura 19 -	Cartaz de divulgação do III Ato contra extermínio da juventude negra	95

realizado pela Agência JCA

Figura 20 -	Carta-protesto escrita e lida na Audiência Pública por Maynara Santana	97
Figura 21 -	Postagem sobre a Marcha Fúnebre no blog da Agência JCA	99
Figura 22 -	Texto sobre o Coletivo de Juventude do Centro de Defesa e Estudos do Negro do Pará (CEDENPA)	101
Figura 23 -	Texto de visibilização da iniciativa Rede de Mulheres Negras de Belém	103
Figura 24 -	Texto sobre o Fórum Permanente de Discussão, Acompanhamento e Avaliação das Cotas na UFPA	106
Figura 25 -	Cartaz de divulgação do II Encontro das Juventudes Amazônidas	108
Figura 26 -	Mesa de debate com protagonismo feminino do II Encontro das Juventudes Amazônicas, 2018	109
Figura 27 -	Participantes no II Encontro das Juventudes Amazônicas	110
-		
Figura 28 -	Grupo de discussão sobre mulheres negras	112
Figura 29 -	Grupos de debates apresentando as propostas no II Encontro das Juventudes Amazônicas	113
Figura 30 -	Grupos de debates apresentando as propostas no II Encontro das Juventudes Amazônicas	113
Figura 31 -	Post de divulgação do cine-debate no <i>facebook</i>	116
Figuras 32, 33, 34, 35 -	Printscreens de registros do cine debate realizado em 13 maio de 2019	119
Figura 36 -	Cartaz de divulgação do III Encontro das Juventudes Amazônidas	121
Figura 37 -	Mesa “Juventudes e Perspectivas de Enfrentamento na Amazônia”	122
Figura 38 -	Mesa “Saúde Mental da Juventude”	122

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 -	Postagens selecionadas no blog da Agência JCA sobre a temática da juventude negra	76
Quadro 02 -	Atividades investigadas a partir da observação participante	78
Quadro 03 -	Ações nas quais os jovens articuladores da Agência JCA estiveram presentes, fosse na organização ou participação, e que se encontram registradas no blog.	90

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
1.1 Metodologia da pesquisa	20
1.2 Os capítulos da pesquisa	25
2 A CONSTITUIÇÃO DA AGÊNCIA JOVENS COMUNICADORES DA AMAZÔNIA: UMA COMUNICAÇÃO ALTERNATIVA E EDUCOMUNICATIVA.....	27
2.1 Instituto Universidade Popular: incentivo ao protagonismo juvenil por meio da comunicação popular e da educomunicação	28
2.2 Agência de Notícias Jovens Comunicadores da Amazônia: o contexto social e político de criação	42
3 EXTERMÍNIO DA JUVENTUDE NEGRA: UM DOS TEMAS DA AGÊNCIA DE NOTÍCIAS JOVENS COMUNICADORES DA AMAZÔNIA	55
3.1 Algumas concepções de juventude	55
3.2 O extermínio da juventude negra como um processo sócio histórico baseado no racismo	63
4 AS PRÁTICAS COMUNICATIVAS DA AGÊNCIA DE NOTÍCIAS JOVENS COMUNICADORES DA AMAZÔNIA	75
4.1 Pressupostos metodológicos de análise	75
4.2 A presença da Agência Jovens Comunicadores da Amazônia na internet e seus conteúdos alternativos	78
4.2.1 Divulgar, realizar e registrar: caminhos de mobilização e conscientização social na internet.....	86
4.2.2 Mapear e visibilizar: práticas positivas das juventudes nas periferias de Belém	100
4.3 As ações de mobilização da Agência de Notícias Jovens Comunicadores da Amazônia	107
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	123
REFERÊNCIAS.....	125
APÊNDICES	1311

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa busca investigar a respeito do universo da *Agência de Notícias Jovens Comunicadores da Amazônia*, uma iniciativa protagonizada por jovens residentes da Região Metropolitana de Belém², no Estado do Pará, que tem se dedicado a construir um espaço de mobilização da sociedade civil por meio da comunicação alternativa e da promoção de ações combativas em defesa da juventude negra da cidade.

A *Agência de Notícias Jovens Comunicadores da Amazônia* é composta por jovens, de 15 a 29 anos, moradores de áreas periféricas da cidade de Belém que participam e/ou participaram de cursos formativos, especialmente do curso de Comunicação Popular, promovido pelo Instituto Universidade Popular. A UNIPOP, como é mais conhecida, é uma entidade da sociedade civil, sem fins lucrativos, voltada para a formação de lideranças populares de e para movimentos sociais e populares, agentes pastorais, educadores populares, arte-educadores e juventudes, tendo em vista o “fortalecimento da democracia e a humanização da sociedade” (TAVARES, 2015, p. 62). Localizada na Avenida Senador Lemos, bairro Umarizal, a entidade desenvolve inúmeras atividades como cursos, debates, entre outras, tendo como perspectivas a “cidadania ativa, ecumênica, de educação popular, cujo princípio metodológico básico está no pluralismo político, de gênero, cultural e religioso” (INSTITUTO UNIVERSIDADE POPULAR, 2019)³.

Ao participar das atividades do curso de Comunicação Popular promovido pela UNIPOP, os jovens expressavam o desejo de possuir um espaço em que pudessem continuar colocando em prática os conhecimentos adquiridos. Com isso, a UNIPOP, por meio da coordenação de juventudes, apoiou a criação da *Agência JCA*⁴ enquanto um espaço de comunicação popular/alternativa dentro da entidade onde os jovens pudessem exercer o protagonismo na construção e desenvolvimento das ações e conteúdos do projeto.

Este processo desenvolvido com as juventudes pelo Instituto Universidade Popular é caracterizado por Ismar Soares (2002) como uma intervenção no âmbito da educomunicação que é a interface entre a educação, a comunicação e as tecnologias da informação e comunicação. Para o autor, estes processos contribuem para a formação de cidadãos políticos

² A Região Metropolitana de Belém compreende, além da capital Belém, mais seis municípios do Estado do Pará, são eles: Ananindeua, Castanhal, Benevides, Marituba, Santa Barbara do Pará e Santa Izabel do Pará. Disponível em: <<http://fnemrbrasil.org/regiao-metropolitana-de-belem-pa/>>. Acesso em: 06 ago. 2019.

³ INSTITUTO UNIVERSIDADE POPULAR. **Institucional**. Disponível em: <<http://www.unipop.org.br/conteudos/institucional/1644>>. Acesso em: 23 set. 2019

⁴ Utilizaremos a abreviação *Agência JCA* para se referir a *Agência de Notícias Jovens Comunicadores da Amazônia* para melhor fluidez textual e de leitura podendo ser utilizado abreviado ou por extenso conforme necessidade ao longo do texto.

com a capacidade e possibilidade de se tornarem emissores de mensagens exercendo, assim, seu direito à comunicação.

O conjunto de processos que promovem a formação de cidadãos participativos política e socialmente, que interagem na sociedade da informação na condição de emissores e não apenas consumidores de mensagens, garantindo assim seu direito à comunicação. Os processos educacionais promovem espaços dialógicos horizontais e desconstrutores das relações de poder e garantem acesso à produção de comunicação autêntica e de qualidade nos âmbitos local e global. Sendo assim, a educação contempla necessariamente a perspectiva crítica com relação à comunicação de massa, seus processos e mediações. (Conclusão do Encontro da Rede CEP, Fortaleza, outubro de 2009 *apud* SOARES, 2011, p. 38).

Alinhado a esta perspectiva de Soares (2011), a *Agência de Notícia Jovens Comunicadores da Amazônia* foi lançada oficialmente em novembro de 2016 em um evento⁵ realizado na sede do Instituto Universidade Popular, que contou com uma roda de conversa intitulada “Juventudes negras e os meios de comunicação”, além de intervenções culturais de artistas pautadas pela temática que perpassava toda a proposta do evento: a juventude negra, o extermínio vivenciado pelos (as) jovens negros (as) na cidade de Belém e as formas de combate desse problema. A defesa da juventude negra frente à problemática do seu extermínio representa um dos objetivos centrais traçados para este primeiro momento de atuação da *Agência JCA*, a “constituição de um espaço de mobilização contra o extermínio de jovens, em especial, jovens pobres e negros” (AGÊNCIA DE NOTÍCIAS JOVENS COMUNICADORES DA AMAZÔNIA, 2020)⁶.

A investigação e estudo de formas de comunicação alternativas e contra hegemônicas tem sido um caminho percorrido desde a graduação. Em 2014, ao ingressar como bolsista de iniciação científica no Projeto de Pesquisa Mídias Alternativas na Amazônia⁷, coordenado

⁵ AGÊNCIA JCA. **UNIPOP e parceiros promovem lançamento da Agência de Notícia em Belém**. Disponível em: <<http://agenciajca.blogspot.com/2016/11/unipop-e-parceiros-promovem-lancamento.html>>. Acesso em 12 ago. 2019

⁶ AGÊNCIA JCA. **Objetivos**. Disponível em: <<http://agenciajca.blogspot.com/p/objetivo.html>>. Acesso em: 25 fev. 2020.

⁷ O projeto Mídias Alternativas na Amazônia nasceu em 2011 com o objetivo de “sistematizar estudos e mapear possibilidades midiáticas, de natureza contra hegemônica, nas categorias Mídias Impressas e Mídias *On Line*, a partir do período da Ditadura Militar (1964-1985) até os dias atuais” (MÍDIAS ALTERNATIVAS E COMUNITÁRIAS NA AMAZÔNIA, 2020). A pesquisa contou com diversas fases de trabalho, nas quais foram catalogadas cerca de 100 mídias (jornais, boletins, cartilhas, revistas, blogs, entre outros) encontradas em arquivos públicos da cidade de Belém, na internet e diretamente com ativistas desse tipo de comunicação. O projeto foi aprovado no Edital Universal 14/2013, Faixa A/CNPq. É vinculado ao Grupo de Pesquisa intitulado Mídias Alternativas na Amazônia, com base no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Para mais informações acerca da caracterização do projeto e resultados consultar: Amorim, 2011 e o sítio virtual “Mídias Alternativas e Comunitárias na Amazônia (<http://projetomacam.net/>)”.

pela professora doutora Célia Regina Trindade Chagas Amorim, pude me aproximar de meios de comunicação contra hegemônicos produzidos por atores sociais amazônicos.

Os estudos e análises realizados no âmbito do Projeto Mídias Alternativas na Amazônia têm contribuído para o campo da comunicação na região⁸ revelando como estas mídias configuram uma contra hegemonia nesse lugar (AMORIM *et al*, 2015) construindo narrativas alternativas que buscam expor a verdadeira realidade que foi vivenciada aqui, por exemplo, no período de exceção representado pela Ditadura Civil-Militar (1964-1985), e também nos dias atuais, em que as disputas de narrativas com a grande mídia empresarial é uma constante.

Nos anos de trabalho desenvolvidos no projeto, o que sempre se destacou ao meu olhar foram os sujeitos, a realidade vivida por eles e suas lutas por transformação social e sobrevivência (como no caso daqueles que produziram jornais nos anos de ditadura civil-militar). Pessoas que, mesmo sofrendo com as desigualdades impostas, resistem e lutam para que sua voz não seja silenciada, que pautam suas questões em seus próprios meios de comunicação buscando a ampliação da cidadania na conquista de direitos sociais.

As investigações e discussões realizadas no Grupo de Pesquisa Mídias Alternativas na Amazônia me possibilitaram não apenas um enriquecimento acadêmico e dentro da área de formação, ao me apresentar uma comunicação não apenas subversiva, mas transformadora e emancipadora dos sujeitos. Foi a partir dos estudos de comunicação alternativa que pude estudar e praticar a forma de comunicação em que acredito enquanto pesquisadora e jornalista. Esse trabalho também me auxiliou a perceber e refletir sobre a minha experiência pessoal enquanto jovem universitária, negra, cotista e moradora da periferia de Belém, e sobre o quanto as narrativas construídas pelas perspectivas dos próprios sujeitos, sem atrelamentos financeiros, podem ser um instrumento de transformação em uma dada comunidade.

Em 2017 desenvolvemos o trabalho de conclusão de curso da graduação⁹ com o estudo do *Jornal Circulando* (2013) feito por professores e estudantes Ensino Médio da cidade de Belém-PA. *O Jornal Circulando* (2013) foi uma das mídias catalogadas pelo

⁸ Alguns dos artigos científicos que apresentam os resultados das pesquisas são “Ditadura Civil-Militar (1964-1985): O Movimento Estudantil e a Comunicação Alternativa na Amazônia Paraense” (AMORIM; SILVA, 2016), “A Voz do Lavrador, Lamparina, O Feixe e Ferramenta: A comunicação alternativa dos trabalhadores rurais na Amazônia” (AMORIM; SILVA; SOUSA, 2014), “Mídias alternativas na Amazônia: articulações de contrapoder na internet” (AMORIM *et al*, 2015)⁸, entre outros.

⁹ No Trabalho de Conclusão de Curso, a perspectiva adotada apontou para a possibilidade que jovens, em ambiente escolar, têm de desenvolver a criticidade, questionar e refletir sobre a sociedade em que vivem se o modelo de educação proposto a eles estiver intrinsecamente relacionado com a comunicação, adotando, pois, um modelo de educação baseado na liberdade, em que educando e educadores partem de um compartilhamento igualitário de saberes. (RAMOS DA SILVA; PEREIRA DA SILVA, 2017).

Projeto Mídias Alternativas na Amazônia e surgiu como um potencial objeto estudo, pois nasce com o objetivo de retratar e refletir sobre as manifestações políticas de 2013, as chamadas Jornadas de Junho, ocorridas Belém e outras cidades brasileiras. Esse movimento teve ampla repercussão no que concerne à área midiática, pois as transmissões e cobertura dos protestos pelo país designaram os participantes, em grande parte estudantes, como baderneiros e vândalos, enquanto o que acontecia, na realidade, era uma forte repressão policial que ocasionou um amplo surgimento e utilização de canais alternativos de informação para contestar essa cobertura¹⁰.

Conhecendo a realidade do que foram as manifestações de 2013, por ter presenciado e participado, despertou em mim a necessidade de investigar como a juventude, que muitas vezes é tida por grande parte da população como acrítica, se articulou para ir de contra aos discursos da grande mídia. Observar a construção de perspectivas críticas por estudantes de escolas de Belém sobre as Jornadas de Junho e outros assuntos de interesse público, como a preservação do patrimônio histórico, educação, saúde e violência, foi essencial para vivenciar a capacidade crítica, atuante, de reivindicação e luta que as juventudes podem desenvolver.

Assim como o Jornal Circulando, a *Agência de Notícias Jovens Comunicadores na Amazônia* foi catalogada nos últimos anos de trabalho na iniciação científica e ao me deparar com a temática trabalhada, no caso, a defesa da juventude que sofre com um processo de violência que vem sendo caracterizado como extermínio, veio a inquietação de investigação no mestrado, visto que eu também estava em um momento pessoal de aproximação efetiva com as temáticas raciais que me acompanharam durante a vida. Nesse sentido, a questão central trazida pela *Agência JCA* revelou a urgência e necessidade de construir uma reflexão sobre comunicação alternativa e o combate ao extermínio da juventude negra da cidade de Belém.

Extermínio da juventude negra é uma categoria que vem sendo utilizada pelo movimento negro, de direitos humanos, juventudes e por alguns pesquisadores para designar o fenômeno da alta letalidade de jovens classificados como negros e que, geralmente, residem

¹⁰ Importante destacar que até o momento da produção do trabalho de conclusão de curso os desdobramentos sociais e políticos das Jornadas de Junho de 2013 ainda não estavam claramente delineados no cenário brasileiros. Diversos estudiosos desse movimento e do cenário sócio-político se dedicaram a entender os resultados e consequências dos movimentos de 2013 e muitas análises apontam que as reivindicações que ocasionaram as jornadas de junho de 2013 acabaram por serem cooptadas por camadas direitistas e conservadoras ocasionando o *impeachment* da então presidente Dilma Rousseff, em 2016, considerado por diversos pesquisadores como um golpe contra a democracia brasileira. “Sem que isto estivesse posto em sua origem e afastando-se da dimensão libertária das primeiras manifestações, as jornadas de junho de 2013 tornaram-se a semente dos protestos de 2015 e 2016 contra o governo da ex-presidente Dilma Rousseff que culminaram no seu *impeachment*.” (MELO; VAZ, 2018, p. 36).

em locais e comunidades periféricas brasileiras. Essa realidade vem sendo registrada de forma estatística por meio de pesquisas sobre violência e segurança pública que apontam, anualmente, um crescimento nos números de homicídios no Brasil, com destaque para as mortes de jovens de 15 a 29 anos, que chegam a mais da metade dos assassinatos registrados.

Nessas pesquisas, realizadas por órgãos como o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP) e a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), entre outros, encontram-se reveladas as características específicas que demarcam a juventude mais atingida, no caso, a juventude negra, moradora de áreas periféricas. Como destaca o Índice de Vulnerabilidade Juvenil à Violência (IVJ): “Vale lembrar que essas mortes tem uma geografia e um endereço certo, pois estamos falando dos jovens, sobretudo das periferias, que estão mais expostos à violência” (BRASIL, 2017).

Em 2018¹¹, o Atlas registrou a morte de 33.590 jovens assassinados em 2016 no Brasil, enquanto em 2019¹² esse número aumentou em uma taxa de 6,7%, o que representou cerca de 35 mil homicídios de jovens em 2017¹³. Os dados de 2018 evidenciam um aumento de 23,1% nos homicídios de jovens negros, enquanto, no mesmo período, os assassinatos de não negros teve uma redução de 6,8%. O infográfico produzido a partir do Atlas da Violência 2019 traz uma seção intitulada “O Peso da Desigualdade Racial” (Figura 01) onde demonstra, entre outros dados, que quase 80% das vítimas de homicídios em 2017 eram pessoas negras.

¹¹ Atlas da Violência, 2018. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=33410&Itemid=432>. Acesso em: 06 ago. 2019.

¹² Atlas da Violência 2019. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatorio_institucional/190605_atlas_da_violencia_2019.pdf>. Acesso em: 06 ago. 2019.

¹³ Importante destacar que o Atlas da Violência utiliza os dados oficiais do Sistema de Informações sobre Mortalidade, do Ministério da Saúde (SIM/MS), e as análises são realizadas compreendendo o período de observação de dez anos.

Figura 01 – Infográfico do Atlas da Violência 2019, destaque da seção “O peso da desigualdade racial”



Fonte: Atlas da Violência; Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2019.

O fenômeno caracterizado como extermínio da juventude negra possui raízes no racismo presente na sociedade brasileira decorrente da colonização e da escravização do povo africano. As marcas deixadas pelo período colonial estão diluídas no tecido social brasileiro, como é o caso da discriminação e racismo vivenciado pela população negra em diversos âmbitos da vida, podendo ser considerada uma característica estrutural da sociedade contemporânea (ALMEIDA, 2018). “O que queremos enfatizar do ponto de vista teórico é que o racismo como processo histórico e político, cria as condições sociais para que direta ou indiretamente, grupos racialmente identificados sejam discriminados de forma sistemática” (ALMEIDA, 2018, p. 39), como vem sendo o caso da juventude negra.

São jovens que coexistem em um contexto de privações, em que suas vidas são estigmatizadas seja a partir do lugar de moradia, da criminalização de sua condição social e/ou por conta de sua raça/cor. A extrema violência que ronda a juventude negra da periferia brasileira é acompanhada de um encadeamento de falta de direitos, como a escassez de oportunidades, saúde, lazer, entre outras. De acordo com as pesquisadoras Nilma Lino Gomes e Ana Amélia Laborne (2018) é “importante compreender que quando se nega o espaço, o trabalho, a saúde, a terra, o alimento, a educação, nega-se o direito à vida. A vida deveria ser o mais estruturante de todos os direitos, pois é um direito humano fundamental” (GOMES; LABORNE, 2018, p. 02).

Gomes e Laborne, ao discutirem o racismo e o extermínio da juventude negra, apontam que os jovens, assim como os movimentos negro e de direitos humanos, têm pautado a importância de estratégias de defesa frente a esta problemática. “A juventude negra tem publicizado a sua situação de violência” (GOMES; LABORNE, 2018, p. 04). Segundo elas:

Essa denúncia tem alcançado diferentes fóruns e atores políticos que atuam em prol das questões juvenis, tais como, a União Nacional dos Estudantes (UNE), o Encontro Nacional de Jovens Negros (ENJUNE), os coletivos negros partidários ou não, militantes orgânicos do Movimento Negro ou não e pesquisadores da temática da juventude. (GOMES E LABORNE, 2018. p. 4).

Neste cenário, a *Agência de Notícias Jovens Comunicadores da Amazônia*, investigada nesta pesquisa, coloca-se como um importante espaço de enfrentamento da violência contra a juventude negra de periferia da cidade de Belém, uma vez que a Região Norte, juntamente da Região Nordeste, têm recebido destaque nas estatísticas por apresentarem um crescimento nos homicídios de jovens nos últimos anos (ATLAS DA VIOLÊNCIA, 2019). Pode-se exemplificar isto também por meio dos inúmeros casos de chacinas ocorridas em bairros periféricos da Região Metropolitana de Belém, como as chacina de 2014¹⁴, 2017¹⁵, 2018¹⁶ e, a mais recente, em 2019¹⁷ na qual foram assassinadas 11 pessoas que estavam em um bar, no bairro do Guamá, o mais populoso de Belém. Apesar das investigações e informações veiculadas sobre esses casos, quase nunca, ou raras vezes, identificarem as vítimas informando a cor de sua pele, basta olharmos as fotos divulgadas nas reportagens para entender e confirmar a problemática das altas taxas de pessoas negras assassinadas.

O contexto local, somado ao nacional e também ao cenário internacional, desperta os jovens que pensavam as estratégias da *Agência JCA* para a necessidade de construção de um espaço de mobilização que atuasse em defesa da juventude negra fortemente vitimada pela violência nas periferias. A proposta, portanto, foi construir um meio de comunicação alternativo que trabalhasse para a mobilização em defesa dos jovens negros, e também para possibilitar outra narrativa dando “visibilidade a práticas positivas desenvolvidas por

¹⁴ DIÁRIO ONLINE. **Uma noite para nunca mais esquecer.** Disponível em: <<http://www.diarioonline.com.br/noticias/policia/noticia-308536-.html>>. Acesso em 17 de ago. de 2018.

¹⁵ DIÁRIO ONLINE. **32 pessoas são executadas após morte de PM.** Disponível em: <<http://www.diarioonline.com.br/noticias/policia/noticia-391548-32-pessoas-sao-executadas-apos-morte-de-pm.html>>. Acesso em 17 de ago. de 2018.

¹⁶ Rádio Agência Nacional. Disponível em: <<http://radioagencianacional.etc.com.br/geral/audio/2018-05/depois-de-morte-de-pm-belem-registra-28-assassinatos-em-menos-de-48-horas>>. Acesso em 17 de ago. de 2018.

¹⁷ O LIBERAL. **Chacina em bar no Guamá deixa 11 pessoas mortas e apenas um sobrevivente.** Disponível em: <<https://www.oliberal.com/policia/chacina-em-bar-no-guama-deixa-11-pessoas-mortas-e-apenas-um-sobrevivente-1.141121>>. Acesso em: 28 mar. 2020.

coletivos, grupos, organizações sociais, entre outros nas periferias de Belém” (AGÊNCIA DE NOTÍCIAS JOVENS COMUNICADORES DA AMAZÔNIA, 2020)¹⁸.

Para a pesquisadora Cicilia Peruzzo (2009), este é um dos papéis da comunicação alternativa, colocar-se em contraposição à mídia empresarial corporativa. Portanto, a comunicação alternativa trata-se de uma comunicação livre, “ou seja, que se pauta pela desvinculação de aparatos governamentais e empresariais de interesse comercial e/ou político conservador” (PERUZZO, 2009, p. 134).

[...] A finalidade, em última instância, é favorecer a autoemancipação humana e contribuir para a melhoria das condições de existência das populações empobrecidas, de modo a reduzir a pobreza, a discriminação, a violência etc., bem como avançar na equidade social e no respeito à diversidade cultural. (PERUZZO, 2009, p. 134-135).

Diante do apresentado, a atuação da *Agência JCA* se desenvolve de duas formas articuladas e complementares: uma por meio da mobilização em torno da defesa da juventude com ações de protesto, discussão e conscientização realizadas tanto na UNIPOP quanto na comunidade; e outra a partir da produção de conteúdos para as mídias digitais da *Agência JCA*. Os meios utilizados por eles são um *blog*¹⁹ e contas nas redes sociais *Facebook*²⁰, *Instagram*²¹ e *Twitter*²².

Frente a tudo isso, esta pesquisa tem como questão problema: como se configuram as práticas comunicativas alternativas da *Agência de Notícias Jovens Comunicadores da Amazônia* em defesa da juventude negra belenense? Como hipótese, considera-se que, por meio de suas ações – sejam elas na rua, comunidades ou na sede da UNIPOP – e de seus conteúdos contra hegemônicos acerca das juventudes e periferias de Belém, a *Agência JCA* desenvolve, não somente entre os jovens integrantes, mas com as juventudes de forma geral e com a comunidade caminhos de mobilização, conscientização e luta contra o extermínio da juventude negra de Belém e a ampliação de direitos de cidadania.

Tendo isto em vista, o objetivo geral desta pesquisa é compreender como se constituem as dinâmicas comunicativas da *Agência de Notícias Jovens Comunicadores da Amazônia*, no exercício da comunicação alternativa quando da construção das atividades em

¹⁸ Agência JCA. Objetivos. Disponível em: <<http://agenciajca.blogspot.com/p/objetivo.html>>. Acesso em: 28 mar. 2020.

¹⁹ Disponível em: <<https://agenciajca.blogspot.com/>>. Acesso em 16 set. 2019.

²⁰ Disponível em: <<https://www.facebook.com/AgenciaJCA/>>. Acesso em 16 set. 2019.

²¹ Disponível em: <<https://www.instagram.com/agenciajca/>>. Acesso em 16 set. 2019.

²² Disponível em: <https://twitter.com/agencia_jca>. Acesso em 16 set. 2019.

defesa da juventude negra da periferia de Belém. De forma específica, os objetivos se centralizam em: a) identificar como se configura a *Agência de Notícias Jovens Comunicadores da Amazônia* observando a centralidade das evidências comunicativas e educacionais presentes; b) compreender como o extermínio da juventude negra da periferia se apresenta como problemática frente a *Agência JCA* ; c) investigar e analisar as estratégias comunicativas realizadas pela *Agência JCA* e a contribuição destas em defesa dos jovens negros moradores de áreas periféricas da Região Metropolitana de Belém.

1.1 Metodologia da pesquisa

Nesse estudo, a metodologia empregada para investigação do universo da pesquisa, ou seja, a *Agência de Notícias Jovens Comunicadores da Amazônia* com os jovens articuladores, as estratégias de ação de comunicação alternativa realizadas e as temáticas trabalhadas por eles, conta com procedimentos metodológicos e teóricos essenciais à apreensão do conhecimento em desenvolvimento. Entende-se aqui que a “metodologia inclui as concepções teóricas de abordagem, o conjunto de técnicas que possibilitam a construção da realidade e o sopro divino do potencial criativo do investigador” (MINAYO, 2002, p. 16).

Portanto, para uma elaboração significativa e coerente da reflexão, realizou-se uma pesquisa bibliográfica que “trata-se do primeiro passo em qualquer pesquisa científica, com o fim de revisar a literatura existente e não redundar o tema de estudo ou experimentação (MACEDO, 1996, p. 13). Assim, a pesquisa bibliográfica se configurou como elemento base para a constituição da abordagem teórico-metodológica da investigação possibilitando um estudo das concepções de comunicação popular/alternativa, juventude, genocídio do povo negro, entre outras temáticas e assuntos que se relacionam nesta pesquisa.

Também foram empreendidos procedimentos metodológicos de pesquisa de campo, uma forma de aproximação efetiva com o universo da pesquisa. Um deles foi a realização de entrevistas semiestruturadas com os jovens que integram a *Agência JCA* e com as coordenadoras do projeto. A primeira entrevista foi realizada em 09 agosto de 2018, com a pedagoga e educadora popular Patrícia Cordeiro, que coordena na UNIPOP os programas relacionados às juventudes, sendo assim a coordenadora geral da *Agência JCA*. Esta entrevista inicial foi essencial para o desenvolvimento da pesquisa, uma vez que foi o primeiro contato realizado, em que já foi possível entender a configuração geral do trabalho realizado pelos sujeitos da pesquisa. Posteriormente, em agosto de 2019, foi realizada uma segunda entrevista com a coordenadora, agora com mais aprofundamento nas questões.

As entrevistas empreendidas nesse estudo têm como referência os pensamentos da pesquisadora Cremilda Medina (1986) para quem a técnica da entrevista precisa ter como horizonte o Diálogo Possível, que se caracteriza pelo estabelecimento de um diálogo entre entrevistador e entrevistado, ou seja, da comunicação, que prevê em última instância uma humanização do contato interativo. A autora declara que “quando, em um desses raros momentos, ambos – entrevistado e entrevistador – saem ‘alterados’ do encontro, a técnica foi ultrapassada pela ‘intimidade’ entre o EU e TU” (MEDINA, 1986, p. 7).

Com isto em vista, também foram realizadas entrevistas individuais com 5 jovens que integraram/integram a *Agência JCA*. As entrevistas tiveram como objetivo entender a atuação dos jovens no fazer comunicativo da *Agência JCA*, assim como as dinâmicas comunicativas estabelecidas entre eles quando da construção das ações em defesa da juventude negra, entre outras questões. Os questionários semiestruturados, assim como a transcrição de todas as entrevistas realizadas se encontram presentes nos apêndices deste trabalho. Os jovens entrevistados foram:

- a) Naiane Queiroz, 23 anos, negra, moradora do bairro Icuí em Ananindeua. Esteve presente desde o início no projeto como articuladora e hoje atua como educadora e coordenadora. Entrevista realizada em 30 ago. 2019 na sede da UNIPOP;
- b) Paloma Melissa, 26 anos, branca, moradora do bairro do Benguí em Belém. Integrou a agência de 2017 a 2019 onde atuou, principalmente, por meio da cobertura fotográfica, atividade a qual possuía afinidade. Entrevista realizada em 30 ago. 2019 na sede da UNIPOP;
- c) Pablo Cauê, 16 anos, branco, morador do bairro Jaderlândia em Ananindeua, participou das atividades da agência durante o ano de 2018, após participar do curso de comunicação popular a convite de um amigo integrante da *Agência JCA*. Entrevista realizada em 30 ago. 2019 na sede da UNIPOP;
- d) Ariane Barbosa, 29 anos, negra, moradora da comunidade Vila da Barca localizada no bairro do Telegráfo em Belém. Participou do curso de comunicação popular em 2009 e por meio de um convite retornou para construir a *Agência JCA* em 2016. Entrevista realizada em 29 ago. 2019 na Casa da Linguagem, bairro de Nazaré, Belém;
- e) Alexandre Soares, 23 anos, pardo, morador do bairro da Condor em Belém. Participou das atividades na agência por dois anos, de 2017 a 2019. Primeira entrevista realizada em 27 ago. 2019 na Universidade Federal do Pará, campus Guamá, Belém. Segunda

entrevista realizada em 30 mai. 2020 de forma remota por meio de aplicativo de mensagens²³;

Outro procedimento metodológico foi a realização da pesquisa participante que “consiste na inserção do pesquisador no ambiente natural de ocorrência do fenômeno e de sua interação com a situação investigada” (PERUZZO, 2003, p. 02). A observação participante, enquanto posicionamento teórico-metodológico adotado nesta pesquisa, entra em concordância com os objetivos e posturas defendidos até então, pois propõe um caráter qualitativo que busca compreender o fenômeno em sua complexidade e profundidade, ao mesmo tempo em que defende o agir do pesquisador por meio da pesquisa. Segundo o pesquisador Carlos Brandão (2007) a pesquisa participante tem na realidade social seu ponto de partida.

O ponto de origem da pesquisa participante deve estar situado em uma perspectiva da realidade social, tomada como uma totalidade em sua estrutura e em sua dinâmica. Mesmo que a ação de pesquisa e as ações sociais associadas a ela sejam bem locais e bem parciais, incidindo sobre apenas um aspecto de toda uma vida social, nunca se deve perder de vista as integrações e interações que compõem o todo das estruturas e das dinâmicas desta mesma vida social. (BRANDÃO; BORGES, 2007, p. 54).

Diante disso, buscando a investigação das dinâmicas da *Agência JCA*, minha inserção ocorreu, primeiramente, em uma das ações realizadas no ano de 2018, o II Encontro das Juventudes Amazônicas (EJAMA), evento realizado no dia 14 de dezembro. O EJAMA é um evento organizado anualmente pelos integrantes da *Agência JCA* que visa um dia inteiro de atividades de debate (palestras, mesas redondas, rodas de conversa, culturais) que tenham como foco as problemáticas enfrentadas pelas juventudes amazônicas.

Neste momento, os integrantes da *Agência JCA* já possuíam conhecimento sobre mim e sobre os objetivos da pesquisa, assim, participei de todas as atividades do dia como ouvinte e pesquisadora, estabelecendo assim a observação participante como posicionamento teórico-metodológico, uma vez que minha presença ali não se confundia com a de um membro da agência. (PERUZZO, 2003).

Do mesmo modo, estive como observadora em algumas reuniões de trabalho realizadas na sala da coordenação de juventudes na UNIPOP. As reuniões de trabalho ocorriam nas terças e quintas-feiras e tinham objetivos diversos, por exemplo, estive presente em uma reunião realizada em 19 de fevereiro de 2019 em que os jovens trabalhavam na

²³ Esta segunda entrevista foi realizada de forma remota devido ao isolamento social voluntário vivenciado no Estado do Pará por conta da pandemia do Covid-10.

gravação de vídeos com participantes mulheres do curso de comunicação popular para ser lançado no Dia Internacional de Luta das Mulheres, 8 de março.

Outras reuniões eram marcadas para o desenvolvimento de proposta de ações, como a realizada no dia 4 de abril em que houve a discussões de quais ações seriam desenvolvidas ainda no primeiro semestre de 2019. Neste dia uma das propostas levantadas foi a realização de um cine-debate com foco na temática no genocídio da juventude negra. Esta proposta foi discutida e afinada nas reuniões posteriores, estive presente na reunião do dia 23 de abril, na qual foi discutido o filme a ser projetado, a dinâmica do evento e as estratégias de divulgação, como a produção do folder.

Outras inserções como pesquisadora em observação se deram no referido cine-debate realizado no dia 13 de maio de 2019 na UNIPOP e no III Encontro das Juventudes Amazônicas realizado no dia 14 de dezembro de 2019 na Fundação Cultural Curro Velho, localizada no bairro do Telegráfo. A participação nessas atividades garantiu uma percepção das dinâmicas que constituem a atuação da *Agência JCA*, tanto no que se refere as construções das ações e conteúdos alternativos quanto da atividade em si, possibilitando a compreensão das discussões empreendidas, da conscientização realizada e dos debates em torno da defesa das juventudes.

Para somar-se as observações e entrevistas com os integrantes, foi realizado o mapeamento das postagens do blog da *Agência JCA* que possuem como centralidade as questões relacionadas a juventude negra. Ao total foram levantadas 28 postagens, sendo elas de divulgação, registro ou texto crítico reflexivo resultado das ações organizadas pela *Agência JCA*; participação em atos, manifestações ou eventos que também tenham como foco a defesa e a luta em favor dos jovens belenenses.

Configurando-se os procedimentos acima destacados de coleta de dados, a abordagem empreendida aqui é de natureza qualitativa que, de acordo Minayo (2002) “trabalha com o universo de significados, motivações, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis” (MINAYO, 2002, p. 21-22). A pesquisa qualitativa tem como característica se ocupar da observação de fenômenos sociais sendo assim muito utilizada nas Ciências Sociais, o que demonstra sua pertinência nesse estudo, pois proporciona uma compreensão das dinâmicas das relações sociais estabelecidas no âmbito da *Agência JCA*.

Com isso, o tipo de método qualitativo empreendido trata-se da análise de conteúdo (BARDIN, 1997) com a utilização das técnicas de análise categorial para a produção de inferências que possam responder as questões aqui levantadas quanto às práticas e dinâmicas da *Agência de Notícias Jovens Comunicadores da Amazônia* no exercício da comunicação alternativa em defesa da juventude negra de Belém. De acordo com Bardin, a análise de conteúdo é

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (BARDIN, 1977, p. 42).

A partir desta proposta da autora, considera-se também que as relações estabelecidas entre os sujeitos apresentam-se em sentidos de comunicação, portanto, a análise compreende não apenas os conteúdos produzidos para as redes digitais, tais como texto, fotos, entre outros, mas também e, significativamente, as relações construídas nos caminhos do exercício da comunicação alternativa e nas ações desenvolvidas por eles. Esse posicionamento se alinha às perspectivas de Vera França (2006) para quem

Analisar os sujeitos em comunicação é, simultaneamente, achar nos textos as marcas que os interpelam, e no posicionamento e falas desses sujeitos a maneira como eles respondem, atuam, produzem. Por este caminho a análise comunicativa vai buscar a atualização de possibilidades, a realização de experiências vivas que marcam sua adequação às (e a modificação das) estruturas nas quais esses sujeitos estão inseridos. Não se trata, portanto, da análise de um texto, ou da caracterização de um sujeito, mas do movimento dos textos (narrativas, discursos, representações) no contexto das interlocuções. (FRANÇA, 2006, p. 20).

Os procedimentos metodológicos descritos visam uma investigação e entendimento articulado das práticas desenvolvidas pela *Agência de Notícias Jovens Comunicadores da Amazônia* visando compreender as diversas nuances que constroem sua atuação enquanto meio de comunicação em defesa da juventude negra da cidade de Belém. Em sentido geral, este estudo vem contribuir para os estudos na área da comunicação e da comunicação alternativa em âmbito nacional e, especialmente, regional/local, assim como para a luta política e social dos jovens brasileiros.

1.2 Os capítulos da pesquisa

Esta pesquisa está dividida em quatro capítulos. Segundo padrões acadêmicos, este capítulo introdutório se constitui como sendo o primeiro e nele se encontram os principais delineamentos da pesquisa. No próximo capítulo, o segundo, apresenta-se as argumentações referentes ao trajeto de idealização e desenvolvido da *Agência de Notícias Jovens Comunicadores da Amazônia* a partir do trabalho realizado no Instituto Universidade Popular por meio da educomunicação e comunicação popular/alternativa que possibilita o protagonismo dos jovens participantes. Com isso, pretende-se apresentar um panorama do contexto de criação da *Agência JCA* estabelecendo as relações pertinentes as concepções de educomunicação e comunicação alternativa evocadas no processo. Além disso, também há um diálogo a partir do contexto social e político no qual se deu a criação da agência, assim como uma referência a constituição das periferias da Região Metropolitana de Belém, espaços de residência dos jovens articuladores da Agência e dos jovens para os quais as estratégias são direcionadas.

No terceiro capítulo a discussão se dá em torno de premissas fundamentais que estão na centralidade da atuação da Agência JCA que é a questão do extermínio da juventude negra. Nesse sentido, propõe-se uma argumentação sobre as concepções de juventude enquanto categoria social levando em consideração as características que distinguem a juventude apresentada nesse estudo, ou seja, a juventude negra moradora da periferia, que é tanto a mais atingida pela violência letal quanto a atuante na *Agência JCA*. Neste capítulo também se encontra o debate acerca do extermínio, enquanto estratégia do genocídio historicamente sofrido pela população negra no Brasil (NASCIMENTO, 1978), em articulação com a visão que os jovens da *Agência JCA* possuem sobre a problemática.

No quarto capítulo, as reflexões teóricas realizadas até então se constituem enquanto subsídios para a compreensão analítica da atuação efetiva da *Agência JCA* realizada em defesa da juventude negra moradora da periferia de Belém. O capítulo está subdividido em dois momentos de análise. Um em que o foco se encontra na análise de natureza qualitativa sobre os conteúdos produzidos nas redes digitais. Aqui, o *corpus* é representado, principalmente, pelas 28 postagens mapeadas no blog da *Agência JCA*, acerca das atividades de atuação realizadas por eles. Além das postagens, os conteúdos das redes sociais diretamente ligados as ações, como fotos, vídeos, textos de divulgação, entre outros, também serão observados.

No segundo, momento observa-se as dinâmicas comunicativas estabelecidas entre os integrantes da *Agência JCA* quando da construção e desenvolvimento das ações tendo como

objetivo compreender a experiência vivida e sua contribuição para as práticas em defesa da juventude, assim como as relações estabelecidas entre a *Agência JCA* e os jovens mobilizados para as atividades. O olhar volta-se para as possibilidades de mobilização e desenvolvimento e/ou despertar do sujeito jovem crítico que possa a vir somar na luta pela ampliação de direitos.

2 A CONSTITUIÇÃO DA AGÊNCIA JOVENS COMUNICADORES DA AMAZÔNIA: UMA COMUNICAÇÃO ALTERNATIVA E EDUCOMUNICATIVA

Este capítulo busca apresentar o trajeto de idealização e desenvolvimento da *Agência de Notícia Jovens Comunicadores da Amazônia*, demonstrando como se deu este processo ainda no âmbito da entidade Instituto Universidade Popular, que se configura como importante articulador e apoiador da iniciativa. A partir disso, destaca-se o trabalho de educomunicação e comunicação popular desenvolvido pela entidade e os efeitos destes na criação da *Agência JCA* enquanto um espaço de participação e protagonismo juvenil pensado para atuar em defesa da juventude negra na cidade de Belém.

As discussões caminham também para uma apresentação do contexto que propiciou a criação da *Agência JCA* e das motivações que levaram as juventudes a se articular diante do cenário de violência vivida na cidade de Belém. Junto a isso faz-se uma exposição sobre como se deu e como se constituem as periferias da Região Metropolitana de Belém. Estas reflexões tem como base os estudos de comunicação alternativa (PERUZZO, 2009; 2003; 2005; 2008; ...) e educomunicação (SOARES, 2000; 2002; 2011) em diálogo com os pensamentos do filósofo e pedagogo Paulo Freire, uma vez que estas duas concepções possuem epistemologicamente origens na educação libertadora proposta por Freire.

A educação libertadora de Freire tem como centralidade a autonomia do sujeito no processo de aprendizagem, o desenvolvimento da criticidade e a libertação deste a partir tomada de consciência de sua realidade, capaz de possibilitar a transformação social. Para o autor esses processos só são possíveis com um modelo de educação fundamentado na comunicação dialógica (FREIRE, 1985).

Estas características são evidenciadas nos processos desenvolvidos com as juventudes tanto pela UNIPOP quanto pela *Agência JCA* e são discutidas nesse capítulo a partir de dois materiais elaborados por pesquisadores e educadores que atuaram e/ou atuam diretamente na UNIPOP. Tendo como foco refletir sobre as estratégias, objetivos e premissas do trabalho, os materiais são a cartilha “Juventude, Participação e Autonomia – Sistematização de uma experiência: do protagonismo juvenil à cultura de direitos, estratégias de trabalho com a juventude” (SOUZA; SILVA, 2012) que trata sobre o curso de comunicação popular desenvolvido com os jovens desde 2006; e o livro “UNIPOP 30 anos: a educação popular na luta por direitos e defesa da vida na Amazônia” (OTTERLOO; SILVA, 2018) que reúne artigos diversos sobre as atividades, cursos e oficinas promovidos pela entidade em 30 anos

de atuação. Por meio destes diálogos propõe-se o entendimento dos processos comunicativos e educomunicativos que permearam a constituição da *Agência de Notícias Jovens Comunicadores da Amazônia*.

2.1 Instituto Universidade Popular: incentivo ao protagonismo juvenil por meio da comunicação popular e da educomunicação

O Instituto Universidade Popular encontra-se presente no cenário paraense de mobilização, organização e formação para a luta por direitos humanos e sociais há mais de 30 anos. Como já citado nesse estudo, a UNIPOP destaca-se por desenvolver atividades voltadas, principalmente, as camadas populares da sociedade tendo em vista uma formação de lideranças que possam atuar em defesa de seus pares e da sociedade de um modo geral. A criação da UNIPOP ocorreu oficialmente em 27 de outubro de 1978 sendo reconhecida juridicamente como uma entidade civil, sem fins lucrativos, de Utilidade Pública Estadual (Lei 5.797, de 17/10/94) e Utilidade Pública Municipal (Lei 8.275, de 14/10/2003) (TAVARES, 2015). No entanto, a idealização deste projeto iniciou ainda em 1985.

Em 1985, o Brasil passava pelo fim da ditadura civil-militar (1964-1985) que havia durado 21 anos. Este contexto histórico e político era propício e significativo para a consolidação de uma proposta de organização que possuísse o fortalecimento da democracia enquanto pauta, como a UNIPOP, uma vez que, nesse momento, os processos de mobilização populares e de movimentos sociais em favor da democracia foram essenciais para a dissolução do regime civil-militar. Assim, em Belém diversas entidades, movimentos sociais, partidos políticos, Igrejas comprometidas com a Teoria da Libertação e setores da academia iniciaram a idealização de uma universidade popular com bases na educação popular.

No final dos anos 70 e início dos anos 80, as práticas de educação popular emergem com força nas lutas pelo direito de morar, pela educação pública com ampliação de escolas nos bairros; pelo saneamento básico, transporte e outras políticas que contribuíssem para a qualidade de vida dos moradores. À medida que as lutas se ampliavam, os diferentes processos exigiram mobilização, organização e formação. A troca de saberes exigia uma mediação pedagógica, aquela que considera o grupo como um âmbito privilegiado para a expressão. A chave está precisamente na dinâmica e na riqueza trazidas mediante o confronto de ideais e opiniões que põem em jogo as experiências prévias e a possibilidade da conquista de consensos e dissensos, num processo de reflexão e expressão. (OTTERLOO, 2018, p. 09).

Nesta perspectiva surge o Instituto Universidade Popular, a UNIPOP. Atuando sob o lema “Saber é poder” e tendo como principais protagonistas das práticas e estratégias pedagógicas sujeitos da sociedade de diversas faixas etárias, a UNIPOP possui como objetivo

a formação lideranças que atuem junto a movimentos populares e organizações garantindo a ampliação de direitos.

Figura 02 – Logo do Instituto Universidade Popular



Fonte: <<http://www.unipop.org.br/>>. Acesso em: 23 set 2019.

Dentre os inúmeros protagonistas e ações desenvolvidas pela entidade, destaca-se aqui o trabalho realizado com as juventudes. As atividades com as juventudes estiveram presentes desde a fundação da UNIPOP já que eram abertas de forma geral ao público. Entretanto, oficialmente, os projetos pensados especificamente para grupos de jovens foram executados a partir dos anos 1990 por meio do projeto intitulado “Protagonismo Juvenil” (SILVA, 2018). A pesquisadora Lúcia Isabel da Silva, que atuou como coordenadora e articuladora do projeto à época, descreve a concepção de protagonismo juvenil sob a qual a UNIPOP gestava as atividades e que ainda são levadas em consideração até hoje.

Nossa concepção de protagonismo juvenil remeta a pensar um ator político “juventude”, como sujeito principal das ações, da ocupação de um papel principal nos acontecimentos sociais. [...]. Tratava-se então da viabilização da participação da juventude, não preparada para eles, mas fundamentalmente, construída, co-gerida por eles/as, sem pressupor uma imposição nem de ideias, nem de comportamentos ou de práticas, mas ao contrário, o trabalho das aprendizagens básicas para a vivência democrática. Uma educação para a participação. (SILVA, 2018, p. 47).

O conceito de protagonismo juvenil trabalhado pela UNIPOP está fundamentado nos pensamentos de Antônio Carlos Gomes da Costa (2000), importante pedagogo que atuou ativamente na defesa dos direitos infanto-juvenis sendo um dos redatores do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Para ele, o termo protagonismo juvenil refere-se a adolescentes e jovens adultos tendo como objetivo a preparação para a cidadania, seria, portanto,

Modalidade de ação, criação de espaços e condições capazes de possibilitar aos jovens envolverem-se em atividades direcionadas à solução de problemas reais, atuando como fonte de iniciativa liberdade e compromisso. O cerne do

protagonismo é a participação ativa e construtiva do jovem na vida da escola, da comunidade ou da sociedade mais ampla. (COSTA, 2000, p. 179).

Com isso em vista, o “Projeto Protagonismo Juvenil” visava a realização de um “trabalho de formação, mobilização e organização dos jovens no sentido da construção coletiva de subjetividades protagonistas...” (SILVA, 2018, p. 46) e tinha como meta a “vivência cidadã, determinada em parte pelos níveis de autonomia que cada jovem constrói e pela qualidade da sua participação social” (SILVA, 2018, p. 47). O sentido de autonomia evocado pelo trabalho desenvolvido pela UNIPOP concorda com as colocações de Freire (2004) a liberdade e autonomia pretendidos nos processos pedagógicos. Ele defende que “é neste sentido que uma pedagogia da autonomia tem de estar centrada em experiências estimuladoras da decisão e da responsabilidade, vale dizer, em experiências respeitadas da liberdade” (FREIRE, 2004, p. 107).

A partir de 1999 os projetos voltados às juventudes se ampliaram agregando diversas atividades, como cursos profissionalizantes, formação sócio-política e socioambiental, entre outros. Processos estes que possibilitaram uma ativa participação e estímulo do protagonismo desenvolvendo uma juventude protagonista que

é uma juventude que olha seu bairro, sua rua, sua cidade, identifica seus problemas e consegue dizer esses problemas são problemas nossos; e com isso se organiza e, torno de conquistas, vai atrás de resultados, coloca seus conhecimentos, informações e vontades a serviço disso. (SILVA, 2018, p. 48).

É neste percurso que em 2006 a entidade incorpora como um de seus cursos voltados à juventude o curso de comunicação popular, que seria os primeiros passos do que viria a ser a *Agência de Notícias Jovens Comunicadores da Amazônia*. O Curso de Comunicação Popular foi oferecido, pela primeira vez, em 2006 por meio do programa “Juventude, Participação e Autonomia” que objetivava²⁴ “contribuir para o empoderamento da juventude amazônica, fortalecendo e ampliando ações individuais e coletivas pela promoção e garantia de seus direitos” (TAVARES, 2015, p. 66). Segundo Galvão e Teófilo (2018),

A proposta era fazer com que os participantes compreendessem a comunicação como um direito humano, que ultrapassa os muros da mídia oficial, chamando a atenção para a comunicação alternativa que respeita a diversidade e pluralidade da sociedade, expressando diversas manifestações sociais, quebrando a lógica de que

²⁴ Em entrevista a autora deste trabalho a coordenadora das ações com as juventudes da UNIPOP, Patrícia Cordeiro, informou que em 2018 o programa “Juventude, Participação e Autonomia” foi extinto nominalmente, porém as atividades com os adolescentes e jovens continuam sob estes princípios.

tudo o que é divulgado pelos veículos oficiais são conteúdo verdadeiros. (GALVÃO; TEÓFILO, 2018, p.119).

O curso tinha como público principal jovens (15 a 25 anos) moradores de bairros periféricos da Região Metropolitana de Belém. O curso desenvolvido até os dias atuais prevê uma formação sociopolítica, ambiental e educacional por intermédio da aprendizagem e/ou aprimoramento das habilidades com as tecnologias da informação e comunicação, tendo como foco o incentivo ao protagonismo da juventude no desenvolvimento das lutas por direitos e do reconhecimento da comunicação como um direito humano para além da mídia corporativa tradicional.

Figura 03 – Adolescentes e jovens participantes do Curso de Comunicação Popular em 2008



Fonte: Cartilha “Juventude, Participação e Autonomia”²⁵, 2012.

A incorporação da comunicação popular, ou alternativa – como também pode ser chamada – ao trabalho desenvolvido pela UNIPOP é bastante pertinente uma vez que este tipo de comunicação está, geralmente, alinhada aos objetivos de movimentos populares, sejam eles

²⁵ SOUZA, Dayana; SILVA, Selli Rosa e. (Org.). **Juventude, Participação e Autonomia**. Sistematização de uma experiência: do protagonismo juvenil à cultura de direitos, estratégias de trabalho com a juventude. Belém, UNIPOP, 2012. Disponível em: <https://issuu.com/unipop/docs/cartilha_jpa_6.compressed>. Acesso em: 28 set. 2019.

de emancipação, transformação social e ampliação de direitos, como é o caso da entidade. De acordo com a pesquisadora Cicilia Peruzzo (2009), trata-se de uma outra comunicação “que visa exercitar a liberdade de expressão, oferecer conteúdos diferenciados e servir de instrumento de conscientização, e assim, democratizar a informação e o acesso da população aos meios de comunicação, de modo a contribuir com a transformação social” (PERUZZO, 2009, p. 132)

A comunicação alternativa teve grande expressividade e disseminação no Brasil no período de Ditadura Civil-Militar (1964-1985) quando o país esteve sob a repressão e censura imposta pelo regime aos meios de comunicação. Diante disso se desenvolveram inúmeros canais alternativos, como boletins, jornais, folhetos, revistas, rádios, entre outros, que representaram para a sociedade formas de se opor à ditadura, furar o bloqueio de informações, aglutinar ideias de transformação e de luta pelo restabelecimento da democracia. Segundo Amorim e Silva, “[...] era com o desejo de transformação do mundo e lutar por um país democrático que a imprensa alternativa denunciava os abusos cometidos pelos militares para camadas da sociedade, que tinham acesso aos pequenos jornais” (AMORIM; SILVA, 2016, p.188).

O termo Imprensa Alternativa, de acordo com o pesquisador Bernardo Kucinski (1991) se refere à comunicação alternativa realizada no período de ditadura civil-militar brasileira, pois segundo ele essa comunicação era feita, majoritariamente de forma impressa, com forte atuação de profissionais de comunicação e representou uma alternativa diante da censura ditatorial. Em suas palavras,

Já o radical de alternativa contém quatro dos significados essenciais dessa imprensa: o de algo que não está ligado a políticas dominantes; o de uma opção entre duas coisas reciprocamente excludentes; o de única saída para uma situação difícil e, finalmente, o do desejo das gerações dos anos de 1960 e 1970, de protagonizar as transformações sociais que pregavam (KUCINSKI, 1991, p. 5).

Além dos jornalistas e comunicadores, diversos atores sociais apropriaram-se desta forma de comunicação, como estudantes, trabalhadores rurais, operários e outros grupos de camadas populares da sociedade, contribuindo por meio do exercício da comunicação alternativa para a propagação de ideias contrárias ao regime militar e mobilização em prol da redemocratização do Brasil. De certo que a comunicação alternativa não se esgotou no período de ditadura civil-militar, pelo contrário, com o fim do regime e a entrada em um contexto de restabelecimento da democracia a sociedade apresenta novas necessidades

introduzindo assim novos delineamentos no fazer comunicacional alternativo. Sobre este cenário Peruzzo (1998) afirma

Atualmente, apesar de algumas premissas continuarem vivas, a conjuntura é outra e as preocupações das pessoas também, e assim vão sendo incluídas novas temáticas e mudando as linguagens e os tipos de canais adequados ao momento atual. Hoje, o cerne das questões gira em torno da informação, educação, arte e cultura, com mais espaço para o entretenimento, prestação de serviços, participação plural de várias organizações (cada uma falando o que quer, embora respeitando os princípios éticos e normas de programação) e divulgação das manifestações culturais locais (PERUZZO, 1998, p. 152).

Nesse sentido, Peruzzo (2005) denomina a comunicação produzida nesse novo contexto junto aos movimentos populares como “comunicação popular, alternativa e comunitária”²⁶. Esse termo se refere a particularidades da comunicação alternativa, como a forma de participação, demandas, entre outras.

É sem fins lucrativos e se alicerça nos princípios de comunidade, quais sejam: implica a participação ativa, horizontal e democrática dos cidadãos; a propriedade coletiva; o sentido de pertença que desenvolve entre os membros; a corresponsabilidade pelos conteúdos emitidos; a gestão partilhada; a capacidade de conseguir identificação com a cultura e interesses locais; o poder de contribuir para a democratização do conhecimento e da cultura (PERUZZO, 2005, p. 22).

Com isto em vista, o curso de comunicação popular desenvolvido pela UNIPOP reflete as possibilidades apresentadas aos jovens sujeitos para que amplifiquem e contribuam na luta já desenvolvida, assim como para que possam expandir os sentidos de atuação política e de produção de informações e conteúdos alternativos que se diferenciem da mídia tradicional corporativa. Possibilitar essa visão para além da mídia corporativa se mostra bastante pertinente levando em conta o cenário midiático presente no Brasil, em que a mercantilização da informação estabelece impérios midiáticos históricos baseados no monopólio familiar e na propriedade cruzada (AZEVEDO, 2006).

Fábio Castro (2012) afirma que este modelo de concentração midiática possui grandes impactos socioculturais e políticos na realidade brasileira. E é justamente buscando se contrapor a este modelo midiático que a comunicação popular e alternativa oferece a possibilidade de construção de outras narrativas frente às veiculadas pelos meios de comunicação tradicionais. Segundo Peruzzo “como o próprio nome indica, a comunicação

²⁶ Para mais informações consultar: “Aproximações entre Comunicação popular e comunitária e a imprensa alternativa no Brasil na era do ciberespaço” (PERUZZO, 2008); “Revisitando os conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária” (PERUZZO, 2006).

alternativa se baliza por uma proposição diferente: pretende ser uma opção enquanto canal de expressão e de conteúdos info-comunicativos frente à grande mídia comercial e à mídia pública de tendência conservadora” (2008, p. 2).

Ao incorporar a comunicação popular e alternativa enquanto metodologia de trabalho, a UNIPOP retifica seu papel enquanto instituição de promoção de princípios democráticos perante a sociedade possibilitando que jovens da Região Metropolitana de Belém desenvolvam habilidades centradas na dialogicidade, horizontalidade e criticidade pertinentes aos processos comunicativos contra hegemônicos. Sobre isso, a coordenadora das ações com juventudes da UNIPOP, declara:

A UNIPOP tem uma trajetória muito bonita no campo da educação popular, e a comunicação entra nisso na mesma pegada assim que é vislumbrando a transformação desse modelo de sociedade onde, no nosso caso, as juventudes possam utilizar dessas linguagens, dessas ferramentas que a comunicação nos possibilita pra olhar pro seu território e buscar uma transformação, enfim... Denunciar. Então a gente tem o objetivo de trazer esse olhar desse sujeito pra dentro... Também dele enquanto sujeito político, né?! Porque as pessoas tem uma confusão de achar que a gente fala em política parece que é relação partidária. Mas esse sujeito político que decide, que cobra, que fiscaliza, entendeu? (CORDEIRO, Patrícia, 2018)²⁷.

A partir da fala de Patrícia Cordeiro é possível perceber que o trabalho desenvolvido pela UNIPOP, tanto no que tange a educação quanto a comunicação, carrega como premissas fundamentais os pensamentos do educador e filósofo brasileiro Paulo Freire, que balizaram e balizam a comunicação alternativa. Os pressupostos básicos estão centrados nas ideias da educação libertadora forjada enquanto *práxis* educativa, ou seja, prática e ação, que entende o ser humano como um sujeito histórico-social. De acordo com Ernani Maria Fiori no prefácio do livro de Paulo Freire “A pedagogia do oprimido” (1983): “a prática da liberdade só encontrará adequada expressão numa pedagogia em que o oprimido tenha condições de, reflexivamente, descobrir-se e conquistar-se como sujeito de sua própria destinação história” (p. 03).

A educação libertadora se configura como um projeto político-pedagógico em que a ação educativa baseada na dialogicidade possibilita ao oprimido a conscientização sobre a sua realidade. Portanto, nas palavras de Freire, a pedagogia do oprimido é

aquela que tem de ser forjada com ele e não para ele, enquanto homens ou povos, na luta incessante de recuperação de sua humanidade. Pedagogia que faça da opressão e

²⁷ CORDEIRO, Patrícia. Entrevista 1 [ago. 2018]. Entrevistadora: Lanna Paula Ramos. Belém, 2018.

de suas causas objeto da reflexão dos oprimidos, de que resultará o seu engajamento necessário na luta por sua libertação, em que esta pedagogia se fará e refará (FREIRE, 1983, p. 32).

Nesse sentido, há um forte sentido de autonomia estimulado no sujeito a partir da aprendizagem dialógica que é exercitada entre educador e educando, quando esta relação não é hierarquizada, sendo ao invés disso horizontal onde educador e educando cooperam um com o outro. Dessa forma conformando, portanto, um modo de educar libertador assentado no diálogo entre os indivíduos, ou seja, tendo a comunicação como elemento base. Nas palavras de Freire (1985): “a educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é a transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados” (FREIRE, 1985, p. 69).

As ideias do educador Paulo Freire compõem toda uma vertente de estudos que contribuíram efetivamente para a consolidação de perspectivas críticas e transformadoras na área da educação no Brasil e no Mundo e não ficaram restritas somente a este campo. Segundo Gadotti (2007) o pensamento freiriano é um exemplo de transdisciplinaridade, pois suas abordagens “transbordaram-se para outros campos do conhecimento, criando raízes nos mais variados solos, bem como auxiliando reflexões não só de educadores, mas também de médicos, terapeutas, cientistas sociais, filósofos, antropólogos e outros profissionais” (GADOTTI, 2007, p. 23-24).

A comunicação popular/alternativa é uma das áreas em que os pressupostos de Freire encontram-se presentes visto que, como já apontado nesta pesquisa, os meios de comunicação alternativa e popular tiveram grande difusão no período ditatorial ao serem articulados por movimentos sociais populares que contribuíram fortemente com as mobilizações para a dissolução do regime civil-militar. É neste sentido que a influência de Paulo Freire se faz presente. As ideias da educação dialógica e libertadora foram fortemente aplicadas neste período a espaços não formais de educação, como as organizações não governamentais, movimentos populares, entre outros, como as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), Pastoral da Terra (CPT), Pastoral Operária (PO) e outras que tinham como fundamentos a Teologia da Libertação²⁸ (PERUZZO, 2017), uma corrente de pensamento presente na Igreja Católica. Ao propor uma aproximação dos pressupostos Freirianos com a comunicação popular, Peruzzo afirma que atitude crítica de mobilização das camadas populares na ditadura militar representou um ambiente fértil a comunicação popular. Segundo ela:

²⁸ A Teologia da Libertação é uma corrente teológica da Igreja Católica surgida na América Latina nos anos 1950-1960 que articula os ensinamentos de Jesus Cristo com a libertação do sujeito e a busca por justiça social.

Paralelamente ao controle dos grandes meios de comunicação pelas forças econômicas e políticas do exercício do poder surgem manifestações de comunicação do próprio povo. Entre estas manifestações está a comunicação popular, alternativa e comunitária criada no bojo do processo de consciência-organização-ação como parte constitutiva e constituinte das práticas sociais, no nível interno e para difundir as mensagens geradas no contexto dos movimentos sociais populares, que não encontravam espaço para tanto na mídia convencional. (PERUZZO, 2017, p. 07)

Diante disso, a pesquisadora destaca algumas percepções conceituais de Freire que encontram-se imbricadas nas manifestações de comunicação popular, comunitária e alternativa, como a capacidade de conscientização que torna o indivíduo sujeito capaz de modificar sua realidade social; a atitude crítica do sujeito frente as injustiças e opressões estruturais da sociedade; e o entendimento da comunicação como dialogo estabelecido entre os sujeitos em um sentido de reciprocidade. (PERUZZO, 2017).

Assim, pode-se afirmar que ao adotar a comunicação popular e alternativa como metodologia do trabalho desenvolvido, a UNIPOP abrange de várias maneiras o pensamento de Paulo Freire. Desse modo, os direcionamentos de atuação da entidade incentivam, despertam e promovem elementos importantes para a formação de sujeitos políticos, aqui mais especificamente, jovens sujeitos políticos, como o protagonismo social, a autonomia, a conscientização, a atitude crítica e a participação popular. Este último elemento, a participação popular, revela-se como um elemento bastante característico da comunicação popular, visto que a participação horizontal e direta dos sujeitos é um dos pilares desse tipo de comunicação. Segundo Peruzzo (1999)

A participação na comunicação é um mecanismo facilitador dá ampliação da cidadania, uma vez que possibilita a pessoa tornar-se sujeito de atividades de ação comunitária e dos meios de comunicação ali forjados, o que resulta num processo educativo, sem se estar nos bancos escolares. A pessoa inserida nesse processo tende a mudar o seu modo de ver o mundo e de relacionar-se com ele. Tende a agregar novos elementos à sua cultura. Os meios de comunicação comunitários/populares — nem todos, obviamente — têm assim o potencial de serem, ao mesmo tempo, parte de um processo de organização popular® e canais carregados de conteúdos informacionais e culturais, além de possibilitarem a prática da participação direta nos mecanismos de planejamento, produção e gestão. Contribuem, portanto, duplamente, para a construção da cidadania. (PERUZZO, 1999, p. 218).

Nesta perspectiva, projetos de comunicação popular e alternativa como os promovidos pelo Instituto Universidade Popular para os jovens da Região Metropolitana de Belém colocam-se como profícuos no que tange os objetivos de mudança social, fortalecimento de princípios democráticos e a ampliação de direitos dos sujeitos. Para Peruzzo (1999)

A participação popular é algo construído dentro de uma dinâmica de engajamento social mais amplo, em prol do desenvolvimento social e que tem o potencial de, uma vez efetivada, ajudar a mexer com a cultura, a construir e reconstruir valores, contribuir para maior consciência dos direitos humanos fundamentais e dos direitos de cidadania, a compreender melhor o mundo e o funcionamento dos próprios meios de comunicação de massa. Revelam-se, assim, como espaço de aprendizado das pessoas para o exercício de seus direitos e a ampliação da cidadania. (PERUZZO, 1999, p. 225).

Seguindo nesta perspectiva, o trabalho da UNIPOP com as juventudes avançou e em 2013 surge então o “Projeto Jovens Comunicadores da Amazônia: Democratizando o acesso à informação” (Figura 04) que viria a ser o principal impulsionador das ideias que constituiriam a *Agência JCA* anos mais tarde. O projeto foi possibilitado por meio da aprovação no edital de seleção no “Programa Oi Novos Brasis”²⁹, do Oi Futuro³⁰, em 2012, que garantiu aporte financeiro para o desenvolvimento das atividades. A participação em editais de empresas privadas é uma das formas de sustentabilidade da UNIPOP, visto que sendo uma organização da sociedade civil o acesso a recursos públicos acaba sendo limitado, portanto, recorrer a estes editais torna-se essencial para que os projetos não fiquem estagnados.

Figura 04 – Imagem que abre a descrição do “Projeto Jovens Comunicadores da Amazônia” presente no site do Instituto Universidade Popular (UNIPOP)



Fonte: <<http://www.unipop.org.br/projetos>>. Acesso em: 29 set. 2019.

Segundo Patrícia Cordeiro, o apoio financeiro e as novas estratégias incorporadas a metodologia da comunicação popular garantiram novas experiências para os participantes do curso que, muitas vezes, ao término, queriam continuar na UNIPOP, mas não encontravam um espaço onde pudessem exercer o que haviam aprendido dentro do curso, o que foi possibilitado pelas vivências articuladas a partir do projeto.

²⁹ “Oi Futuro divulga projetos selecionados no programa Oi Novos Brasis”. Disponível em: <<https://www.oi.com.br/oi/sobre-a-oi/sala-de-imprensa/opcoes/press-releases/detalhe?imprensa=oi-futuro-divulga-projetos-selecionados-no-programa-oi-novos-brasis>>. Acesso em: 28 set. 2019.

³⁰ O Oi Futuro é o instituto de responsabilidade social da empresa de telecomunicações Oi que fomenta, há 14 anos, projetos nas áreas de educação, cultura, inovação social e esporte. Mais informações: <<https://oifuturo.org.br/>>.

E aí foi muito bacana porque o que a gente vivia: os meninos e meninas passavam pelas formações e queriam alguma coisa a mais. Aí ficava aqui... A gente dizia que era um grupo de suporte, que era não sei o que, mas não tinha um pouco por onde se afirmar. Aí esse mesmo grupo que tinha feito umas vivências, a gente planejou escrever o projeto e eram 20. A gente fez a primeira turma com esses 20, e abriu pra mais 20. Então nós fizemos o primeiro projeto de dois anos onde essas turmas se encontravam no meio do processo já com vivências que a gente chama de ações de incidência, né?! (CORDEIRO, Patrícia, 2018)³¹.

Com os recursos disponíveis, o “Projeto Jovens Comunicadores da Amazônia” trazia em sua essência o que já vinha sendo trabalho no curso de comunicação popular, como a formação a partir das Novas Tecnologias da Informação e Comunicação (NTICs), e agregou a isso o desenvolvimento de atividades chamadas de “ações de incidência política”. A proposta era “incentivar o protagonismo entre jovens e adolescentes, contribuindo para uma nova cultura de mobilização e reivindicação de direitos” (GALVÃO; TEÓFILO, 2018, p. 119). As ações de incidência colocavam-se, portanto, como estratégias fundamentais diante da proposta. Sobre isso a coordenadora do projeto declara:

Quando surgiu em 2006, o curso era um curso assim que as pessoas vinham voluntariamente (eu num vivi essa época, quando eu entrei ainda era dessa forma). As pessoas vinham de manhã ficavam o sábado inteiro, as pessoas que vinham falar, que vinham facilitar eram voluntárias, não sei se tinha transporte, não lembro, acho que isso tinha..., Mas assim, de resto não. Então esse era um processo de maturação assim, quando a gente escreveu o projeto e tinha lá “Ação de Incidência” né?! E as incidências surgem nesse contexto, a UNIPOP já fazia atividades e encontros e tudo, mas com esse termo foi no momento assim, da feitura, da escrita do projeto. (CORDEIRO, Patrícia, 2019)³².

As incidências políticas presentes na proposta do projeto previam a participação e atuação dos adolescentes e jovens em debates, organização e articulação de processos políticos no espaço público destacando sempre o estímulo ao protagonismo por meio da participação cidadã capaz de empoderar e criar nos jovens uma cultura democrática na luta por direitos. De acordo com Pontual (2017), a incidência política

É a ação de um grupo humano destinada a influir nas decisões de governos no âmbito local, nacional e internacional. Seu objetivo é a criação ou modificação de certas políticas para assegurar que sejam inclusivas, equitativas e que não operem qualquer tipo de discriminação em relação a determinados grupos sociais ou comunidades, assim como, garantir sua implementação com participação e controle social. (PONTUAL, 2017, p. 64).

³¹ CORDEIRO, Patrícia. Entrevista 1 [ago. 2018]. Entrevistadora: Lanna Paula Ramos. Belém, 2018.

³² CORDEIRO, Patrícia. Entrevista 2 [ago. 2019]. Entrevistadora: Lanna Paula Ramos. Belém, 2019.

Desse modo foram configurados os métodos de trabalho dentro do projeto Jovens Comunicadores da Amazônia que teve duração de dois anos, funcionando de 2013 a 2015, e contou com a participação de 50 jovens, moradores de localidades periféricas da Região Metropolitana de Belém. O Projeto propunha fazer uma articulação entre teoria e prática, buscando as formações teórico-práticas sobre comunicação social, mídia, dispositivos tecnológicos, entre outros aspectos referentes ao desenvolvimento das habilidades com as NTICs. Em dois anos de projeto foram realizadas ações de incidência com as temáticas: violência sexual contra crianças e adolescentes, democratização da comunicação e extermínio de jovens negros (GALVÃO; TEÓFILO, 2018).

Foram levantadas no site da UNIPOP³³ as temáticas reflexivas que diziam respeito ao processo de formação realizado pelo projeto. Eram elas:

- O que é a Comunicação e seu papel social?
- Mídia e Juventude;
- Políticas Públicas para Juventude e Controle Social;
- Participação e Protagonismo Juvenil;
- Mídia e DhESCA (Plataforma Brasileira de Direitos Humanos Econômicos, Sociais, Culturais e Ambientais³⁴);
- Mídia, Ecumenismo e Diálogo Inter-religioso;
- Mídia e Educação Ambiental;
- Mídias digitais e Novas Mídias;
- Leitura e Interpretação de Texto;
- Produção audiovisual;
- Técnicas de fotografia documental, documentário audiovisual e rádio comunitária.

É possível perceber por meio dessas temáticas a abrangência destinada ao processo formativo que perpassa tanto o âmbito da comunicação social propriamente dita e da aprendizagem dos recursos comunicativos, quanto do debate e discussão de temáticas como religião, meio ambiente, políticas públicas. Este modo de trabalho evidencia a qualidade de prática social que a ação educativa (FREIRE, 2007) proposta pela UNIPOP demonstra.

³³ Disponível em: <<http://www.unipop.org.br/projetos/ler-projeto/34408>>. Acesso em 29 set. 2019.

³⁴ “A DhESCA Brasil é uma rede nacional de articulação de organizações da sociedade civil que visa promover os Direitos Humanos econômicos, sociais, culturais e ambientais como direitos humanos em seu conjunto universais, indivisíveis e interdependentes, articulados ao aprofundamento e radicalização da democracia e a construção de um modelo de desenvolvimento sustentável e solidário”. Mais informações: <<http://www.unesco.org/new/pt/brasil/about-this-office/networks/specialized-communities/specialized-communities-shs/dhesca-brasil/>>. Acesso em: 29 set. 2019.

Fazendo educação numa perspectiva crítica, progressiva, nos obrigamos, por coerência, a engendrar, a estimular, a favorecer, na própria prática educativa, o exercício do direito à participação por parte de quem esteja direta ou indiretamente ligado ao fazer educativo (FREIRE, 2007, p. 67).

Estes modos de organização do trabalho proposto pelo *Projeto Jovens Comunicadores da Amazônia* institui um ecossistema comunicativo (MARTÍN-BARBERO, 2000) em que há um processo articulado entre ação educativa e comunicativa, conformando-se também em ação educomunicativa mediante a inserção das tecnologias da informação e comunicação nas estratégias de mobilização pela luta pela ampliação de direitos. Sendo assim, para o autor Soares “o conceito de ecossistema comunicacional designa a organização do ambiente, a disponibilização dos recursos, o *modus faciendi* dos sujeitos envolvidos e o conjunto das ações caracterizam determinado tipo de ação comunicacional” (SOARES, 2000, p. 22-23).

A educomunicação conformada com o ecossistema comunicativo configura-se não apenas como o resultado da inserção das tecnologias da informação e da comunicação, ela é, segundo Soares (2011), essencialmente “uma práxis social, originando um paradigma orientador da gestão de ações na sociedade” (SOARES, 2011, p. 13), portanto, a educomunicação “define-se como ‘um conjunto de ações inerentes ao planejamento, implementação e avaliação de processos, programas e produtos destinados a criar e fortalecer ecossistemas comunicativos’”. (SOARES, 2011, p. 44, grifo do autor).

Para Soares (2000), o ecossistema comunicativo é marcado pela dialogicidade e se configura justamente por espaços como o criado no projeto “Jovens Comunicadores da Amazônia”, espaços de gestão comunicativa, onde os procedimentos e relações são gestados na perspectiva de ampliação da comunicabilidade humana. A educomunicação tem como fundamento a ação educativa, nas palavras de Soares (2002), a educomunicação

[...], supõe uma teoria da ação comunicativa que privilegie o conceito de comunicação dialógica; uma ética de responsabilidade social para os produtores culturais; uma recepção ativa e criativa por parte das audiências; uma política de uso dos recursos da informação de acordo com os pólos envolvidos no processo de comunicação (produtores, instituições mediadoras e consumidores da informação), o que culmina com a ampliação dos espaços de expressão. (SOARES, 2002, p. 25).

Aqui vemos mais uma vez o pensamento de Paulo Freire sendo trazido à reflexão dos processos desenvolvidos no âmbito da UNIPOP. Concordando com isto, Soares (2011) apresenta o que considera ser as duas principais premissas da educomunicação, que se alinham aos ideais de Freire acerca do modelo dialógico e libertador da educação.

[...] a educação só é possível enquanto “ação comunicativa”, uma vez que a comunicação configura-se, por si mesma, como um fenômeno presente em todos os modos de formação do ser humano. No caso, o tipo de comunicação adotado passa a emprestar a identidade ao processo educativo, qualificando-o [...]. O segundo axioma afirma que toda comunicação – enquanto produção simbólica e intercâmbio/transmissão de sentidos – é, em si, uma “ação educativa”. No caso, diferentes modelos de comunicação determinariam resultados educativos distintos. Como consequência, defendemos a tese segundo a qual uma comunicação essencialmente dialógica e participativa, no espaço do ecossistema comunicativo escolar, mediada pela gestão compartilhada (professor/aluno/comunidade escolar) dos recursos e processos da informação, contribui essencialmente para a prática educativa, cuja especificidade é o aumento imediato do grau de motivação por parte dos estudantes, e para o adequado relacionamento no convívio professor/aluno, maximizando as possibilidades de aprendizagem, de tomada de consciência e de mobilização para a ação. (SOARES, 2011, p. 17).

Apesar de tratar no trecho destacado do contexto escolar, estas colocações também podem ser traduzidas para o âmbito de processos gestados nos movimentos sociais populares, visto que estas organizações possuem algum grau de horizontalidade no trabalho desenvolvido, por exemplo, na UNIPOP há uma coordenação, que entre outras atividades, tem como função buscar a facilitação dos processos, sejam eles educativos ou comunicativos.

De acordo com Soares (2011), as práticas educomunicativas desenvolvidas em espaços informais de educação, como movimentos sociais, populares, organizações não governamentais, entre outras organizações da sociedade civil, tem conseguido atrair de forma significativa a juventude, se sobressaindo a espaços formais como a escola.

Os jovens participantes desses projetos [de educomunicação] apontam o desejo de encontrar nas possibilidades de produção da cultura, através do uso e dos recursos da comunicação e da informação, os sonhos cotidianos e a transformação da realidade social. Eles se abrem para a compreensão crítica da realidade social e ampliam seu interesse em participar da construção de uma sociedade mais justa, confirmando sua vocação pela ação democrática de vida em sociedade. Tudo isso porque a participação os levou a maior conhecimento e a maior interesse pela comunidade local, inspirando ações coletivas de caráter educomunicativo. (SOARES, 2011, p. 31).

Soares (2011) afirma que a juventude assimilou, como nenhuma outra categoria geracional, a cultura digital trazida pelas possibilidades que a internet e as novas tecnologias da informação e da comunicação, desenvolvidas no final do século XX, trouxeram para a sociedade. Essas tecnologias passaram a ser interpretadas pelos jovens “como importantes meios para o desenvolvimento pessoal e social, além de possibilitar maior capacitação intelectual das novas gerações” (SOARES, 2011, p. 11).

As dinâmicas educativas e comunicativas executadas pela UNIPOP em todos esses anos de trabalho, no eixo de comunicação popular e educomunicação com as juventudes,

configuram-se como um ambiente fértil para os adolescentes e jovens participantes desses processos, potencializando-os enquanto sujeitos críticos e políticos. Freire aponta que “(...) nas condições de verdadeira aprendizagem os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo” (FREIRE, 2004, p. 26).

Desse modo, são esses mesmos jovens participantes que acabam construindo, juntamente com os membros da instituição, novos projetos desencadeados de inquietações refletidas dentro da realidade das atividades. Silva (2018) afirma a partir de sua atuação na UNIPOP que “as influências são de mão dupla – a UNIPOP ajuda a formar algumas gerações de jovens, assim como estes e estas jovens constroem e ajudam a recriar esta instituição” (SILVA, 2018, p. 43).

Foi o que ocorreu com o curso de comunicação popular que passou por um progresso no sentido de incluir outras atividades, além das oficinas de formação, e também foi o que aconteceu na transição do “Projeto Jovens Comunicadores da Amazônia” para a constituição da *Agência JCA*.

2.2 Agência de Notícias Jovens Comunicadores da Amazônia: o contexto social e político de criação

Como apresentado, o trabalho desenvolvido pela UNIPOP com as juventudes por meio da comunicação popular mostrou-se produtivo e significativo no estímulo a conscientização e consciência crítica dos jovens que passam ao desejo de atuar em suas comunidades e na sociedade em busca da transformação social e em defesa da cidadania. Foi assim que com a experiência no projeto “Jovens Comunicadores da Amazônia”, coordenadores, educadores e os jovens participantes começaram a pensar a criação de um meio de comunicação alternativa.

A inspiração partiu do envolvimento que alguns dos jovens já possuíam com experiências na Rede Nacional de Adolescentes e Jovens Comunicadores (RENAJOC)³⁵ e com experiências de comunicação popular e educomunicação como a Revista *Viração Jovem*³⁶ e Agência *Jovem de Notícias*³⁷, ambos desenvolvidos pela ONG *Viração*

³⁵ A Rede Nacional de Adolescentes e Jovens Comunicadores foi criada em 2008 e integra adolescentes e jovens por meio de ações que tem como foco o direito à comunicação.

³⁶ A Revista *Viração* foi o primeiro produto da Rede *Viração* e é um dos principais produtos de comunicação da organização. É uma publicação criada, editada e voltada para adolescentes e jovens. “... A produção da revista envolve mais de 40 jovens, de 22 estados do país e Distrito Federal”. Para mais informações e acesso a edições da Revista *Viração*: <<https://issuu.com/viracao>>.

Educomunicação³⁸ (GALVÃO; TEÓFILO, 2018). A ONG Viração atuou em parceria com a UNIPOP à época dos cursos de comunicação popular, algumas vezes veiculando matérias produzidas pelos jovens do curso de comunicação e do projeto “Jovens Comunicadores da Amazônia” em suas mídias (SOUZA; SILVA, 2012).

Com as inspirações práticas e o ímpeto de exercitar as habilidades e conhecimentos desenvolvidos nos projetos da UNIPOP até então, os jovens em conjunto com os educadores que os acompanharam nesse percurso, começaram a delinear o projeto final do que seria *Agência de Notícias Jovens Comunicadores da Amazônia*. Esse momento envolveu a definição de alguns objetivos específicos para acompanhar a constituição da iniciativa, uma vez que atrelados a UNIPOP garantir a subsistência financeira do projeto era fundamental já que, como apontado, a entidade participa de editais de seleção promovidos por outras entidades para custear projetos.

Esse, inclusive, foi um ponto levantado pela coordenadora: “A agência é o seguinte... Ela não é um projeto que tenha um apoio já fixo então ela não tá alocada. Nós [UNIPPOP] somos uma ONG, a gente aprova projeto... E aí o que acontece ‘Faz ação para, faz ação para’”. (CORDEIRO, Patrícia, 2018)³⁹. Tendo isto em vista, a constituição final da *Agência Jovens Comunicadores da Amazônia* se dá quando o projeto é apoiado pelo Fundo Brasil de Direitos Humanos⁴⁰ garantindo o financiamento das atividades no período de um ano⁴¹.

³⁷ A Agência Jovem de Notícias é outra ramificação do trabalho realizado pela Rede Viração. Trata-se um portal de notícias online que funciona a partir dos mesmos princípios da Revista. Disponível em: <<https://www.agenciajovem.org/wp/>>. Acesso em 29 set. 2019.

³⁸ A Rede Viração é uma organização da sociedade civil que atua desde 2003 com comunicação, educação e mobilização social entre adolescente, jovens e educadores. Conta com o apoio institucional de importantes entidades como o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), Agência de Notícias dos Direitos da Infância (ANDI), entre outros. Mais informações: <<http://viracao.org/>>. Acesso em 29 set. 2019.

³⁹ CORDEIRO, Patrícia. Entrevista 1 [ago. 2018]. Entrevistadora: Lanna Paula Ramos. Belém, 2018.

⁴⁰ O Fundo Brasil de Direitos Humanos é uma fundação independente, sem fins lucrativos, que atua como articuladora de recursos financeiros a serem transmitidos de doadores individuais, empresas e instituições a defensores dos direitos humanos, pessoas e organizações não governamentais. Mais informações: <<https://www.fundobrasil.org.br/quem-somos/>>. Acesso em: 03 out. 2019.

⁴¹ Apresentação dos objetivos e resultado do projeto da *Agência JCA* apoiado pelo Fundo Brasil de Direitos Humanos. Disponível em: <<https://www.fundobrasil.org.br/projeto/instituto-universidade-popular-unipop/>>. Acesso em: 03 out. 2019.

Figura 05 – Logo da Agência de Notícias Jovens Comunicadores da Amazônia



Fonte: <<https://agenciajca.blogspot.com/>>. Acesso em: 17 de ago. de 2018.

Desse modo, em 2016, a *Agência JCA* é lançada com a finalidade, já apontada aqui, de ser um meio de comunicação popular/alternativa e um espaço de mobilização da juventude no combate ao extermínio da juventude negra belenense, ou seja, em defesa dessa juventude. Nas próprias palavras expressas no blog o propósito era a

Constituição de um espaço de mobilização contra o extermínio de jovens, em especial, jovens pobres e negros e de visibilidade de práticas positivas desenvolvidas por coletivos, grupos, organizações sociais, entre outros nas periferias de Belém, formado por jovens oriundos de processos vivenciados nas áreas da comunicação e mobilização, já desenvolvidos ou em processo de desenvolvimento pela UNIPOP e das entidades parceiras (*Agência JCA*)⁴².

Além deste objetivo geral havia estratégias específicas programadas pelos integrantes da *Agência JCA*, como a realização de oficinas formativas, dando assim continuidade nos processos educacionais; mapeamento das iniciativas de juventudes, comunicação popular, entre outras com afinidades da proposta presentes nas comunidades/periferias para a produção de conteúdo com a intenção de dar visibilidade a elas; realização de atos de mobilização nas comunidades; e a realização de uma audiência pública. Estes dois últimos tendo como centralidade temática o extermínio da juventude negra.

O estabelecimento desses objetivos que transitam entre o fazer prático da comunicação alternativa, com a criação de conteúdos para meios, e a articulação em movimentos de mobilização *in loco* nas comunidades em busca da sensibilização dos sujeitos e de políticas públicas frente ao Estado para o combate da problemática, reitera as reflexões de Peruzzo que afirma que as mídias alternativas não tratam-se apenas de práxis comunicacional de produção informativa, “mas de processos de organização e mobilização comunitários que incluem os

⁴² Disponível em: <<http://agenciajca.blogspot.com/p/objetivo.html>> . Acesso em: 03 out. 2019.

meios” (PERUZZO, 2013, p. 167). Assim, não é somente com a utilização da comunicação alternativa enquanto meio, que ocorre a ampliação de direitos, por exemplo, mas também no exercício dela, por meio da produção e construção dos inúmeros processos que a constituem. Segundo a Peruzzo,

Trata-se de sua inserção em processos de mobilização e de vínculo local ou identitário sintonizados a programas mais amplos de organização-ação, dos movimentos sociais populares. Estes privilegiam o atendimento às necessidades concretas de segmentos populacionais de acordo com cada realidade. (PERUZZO, 2009, p. 135).

Desse modo, a criação da *Agência JCA* envolveu, além dos jovens que passaram por formações na UNIPOP, outros que foram sensibilizados e mobilizados para a construção do meio de comunicação popular/alternativa. Portanto, eram integrantes da *Agência JCA* em 2016, ano de seu lançamento oficial, jovens oriundos das formações da UNIPOP e de entidades parceiras como o Coletivo Tela Firme⁴³, a Rede de Jovens+Pará⁴⁴ e o Coletivo de Juventude do CEDENPA (Centro de Estudos e Defesa do Negro no Pará⁴⁵), além de estudantes de comunicação, jornalistas e educadores populares.

Essa composição representava o desejo e a ideia de uma comunicação alternativa colaborativa, por isso os jovens da UNIPOP buscaram mobilizar e reunir outros atores sociais comprometidos com a comunicação popular e com a juventude negra. Em postagem realizada no blog, a integrante Naiane Queiroz fala sobre a expectativa no lançamento da *Agência JCA*:

⁴³ O Coletivo Tela Firme é uma iniciativa de comunicação popular, criada em 2014 por jovens moradores do bairro Terra Firme, daí o nome do coletivo, situado na cidade de Belém. “O Tela Firme tenta refletir a luta do povo e do lugar para construir, significar e ressignificar seu território. É um coletivo de comunicação popular que, através do audiovisual, mostra a beleza, a diversidade e a complexidade da periferia e cobra políticas públicas que ofertem serviços necessários para a dignidade de sua população”. Descrição presente na página do *Facebook* do Coletivo. Disponível em: <https://www.facebook.com/pg/telafirme/about/?ref=page_internal>. Acesso em: 23 set. 2019.

⁴⁴ A Rede de Jovens+Pará faz parte, como representante estadual, da Rede Nacional de Adolescentes e Jovens Vivendo com HIV/AIDS, uma articulação que atua na “promoção e defesa dos direitos humanos, como foco nos direitos sexuais e reprodutivos de adolescentes e jovens vivendo com HIV/AIDS. Temos por missão agrupar, acolher e apoiar estes(as) frente aos diversos desafios pessoais, sociais em vista da prevenção e promoção da saúde. Atuamos em parceria com outras organizações da sociedade construindo propostas e acompanhando programas e políticas públicas para a juventude e de saúde, contribuindo também em ações que estimulem o protagonismo juvenil contra os estigmas e impactos do HIV e AIDS”. Disponível em: <<http://jovensmaispara.blogspot.com/p/a-rede.html#.XZEZukZKjIW>>. Acesso em: 23 set. 2019.

⁴⁵ O Centro de Estudos e Defesa do Negro é uma entidade sem fins lucrativos, criada em 1980, que desenvolve diversas atividades político-sociais com vista a superação do racismo, preconceito e discriminação sofridos pela população negra e indígena do Estado. O Coletivo de Juventude da entidade conta com jovens negros/as do diversos bairros da Região Metropolitana de Belém. Mais informações: <<http://www.cedenpa.org.br/>>. Acesso em: 23 set. 2019.

Um dos momentos esperados para xs jovens que a compõem, mostrando sim que existem grupos/entidades/coletivos organizados que fazem acontecer uma luta contra o extermínio da juventude negra. E que cada vez mais atuam de forma direta na sociedade, cada um na sua esfera. Por isso a Agência vem unir todxs para agregar valores/trocas, mostrando assim um contraponto ao que nos é mostrado na mídia tradicional. (AGÊNCIA DE NOTÍCIAS JOVENS COMUNICADORES DA AMAZÔNIA, 2016)⁴⁶.

A proposta colaborativa da *Agência JCA* buscou agregar coletivos e jovens atores sociais que possuíam em comum residir e atuar em bairros da periferia da Região metropolitana de Belém. A constituição da Região Metropolitana de Belém decorreu de um processo histórico baseado nos projetos econômicos desenvolvimentistas que foram impostos de forma mais acentuada a Região Amazônica no período de Ditadura Civil-Militar, como as políticas de integração nacional e o estímulo à imigração para a região, entre outros processos e políticas. A primeira constituição da Região Metropolitana de Belém de 1973⁴⁷ compreendia as cidades de Belém e Ananindeua (MENDES, 2018), sendo a partir desta década que os processos de metropolização acentuaram as diferenças espaciais entre ricos e pobres, centro e periferia.

A periferização em Belém das décadas de sessenta, setenta e início da década de oitenta reforçou a existência de um tipo de forma metropolitana que se caracterizava por ser compacta ou confinada, já que eram as baixadas – espaços segregados, alagados ou sujeitos a alagamentos, e centralmente localizados – os principais locais de reprodução da mão-de-obra de baixo poder aquisitivo que passou a incrementar o espaço urbano belenense, sendo, por isso mesmo, essas áreas os focos políticos principais de atuação dos movimentos populares urbanos e dos interesses políticos do poder local. (TRINDADE JÚNIOR, 2000, p. 125).

Nesse sentido, a expansão urbana que caracterizou a constituição da Região Metropolitana de Belém foi composta por inúmeros processos de urbanização, alguns planejados pelo poder público na forma de conjuntos habitacionais outros articulados pela própria população de forma espontânea, eram os chamados assentamentos ou “invasões” dispostos tanto em Belém quanto em Ananindeua. Segundo Mendes (2018) “a metropolização ocorre com a expansão desses espaços que de maneira precária, ‘colocavam a população pobre’ para fora da cidade, em ‘cidades satélites” (p. 14-15).

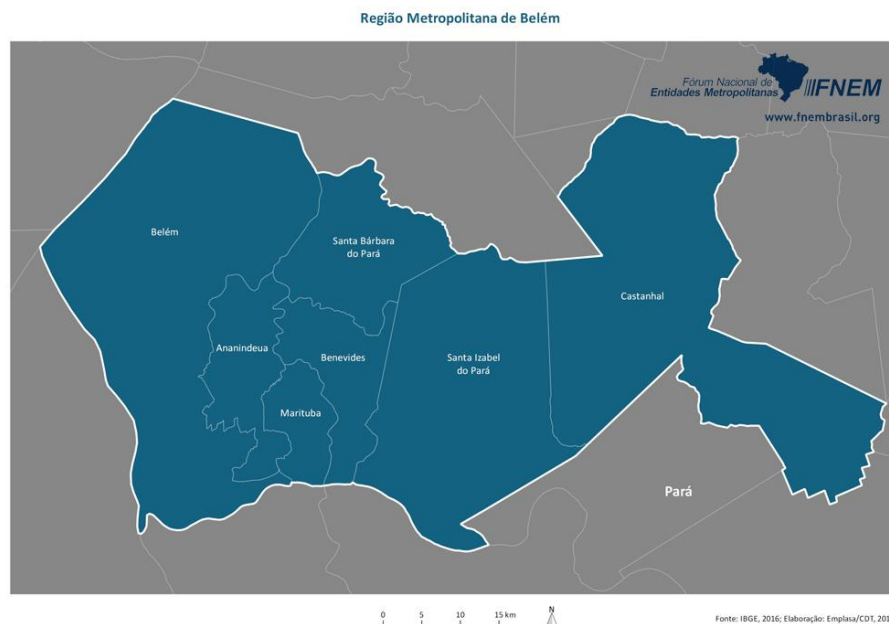
Atualmente a Região Metropolitana de Belém é constituída por sete municípios: Belém, Ananindeua, Benevides, Marituba, Castanhal, Santa Bárbara do Pará e Santa Izabel do

⁴⁶ AGÊNCIA JCA. **UNIPOP e parceiros promovem lançamento da Agência de Notícia em Belém.** Disponível em: <<http://agenciajca.blogspot.com/2016/11/unipop-e-parceiros-promovem-lancamento.html>>. Acesso em: 12 ago. 2019.

⁴⁷ Oficializada pela Lei Federal nº 14/08.06.1973. Ver Mendes, 2018.

Pará (Figura 06). A incorporação dos demais municípios a área metropolitana deu-se de forma gradual conforme a expansão urbana avançava, principalmente, em direção a BR-010. De acordo Mendes (2018) os municípios presentes na extensão da Rodovia BR-010, também conhecida como rodovia Belém-Brasília, possuem historicamente um vínculo com a Estrada de Ferro Belém-Bragança, uma vez que esta quando foi desativada em 1965 deu lugar a rodovia BR-010.

Figura 06 – Região Metropolitana de Belém



Fonte: Fórum Nacional de Entidades Metropolitanas (FNEM). Disponível em: <<http://fnembrasil.org/regiao-metropolitana-de-belem-pa/>>. Acesso em: 23 mai. 2020.

A metropolização de Belém, assim como outros pelo Brasil, é marcada pela influência efetiva de estratégias econômicas como a industrialização, o capital imobiliário e os interesses políticos do Estado que transformam o espaço urbano e o condiciona a processos de segregação em que as populações mais empobrecidas acabam concentradas em áreas de baixadas, as chamadas periferias. De acordo com Milton Santos:

A cidade em si, como relação social e como materialidade, torna-se criadora de pobreza, tanto pelo modelo socioeconômico de que é o suporte como por sua estrutura física, que faz os habitantes das periferias (e dos cortiços) pessoas ainda mais pobres. A pobreza não é apenas fato do modelo socioeconômico vigente, mas, também, do modelo espacial. (SANTOS, 1993, p. 10).

Chagas (2014) afirma que o processo de urbanização produz e impulsiona os índices de violência e criminalidade e no Brasil este fenômeno “é gerado por meio da desigualdade

socioespacial e socioeconômica, pobreza, uso de drogas, participação incipiente do Estado” (CHAGAS, 2014, p. 191) que se encontra localizado principalmente nas periferias das cidades brasileiras. Diante deste contexto, aglutinar e mobilização de forma organizada jovens para que estes atuem na perspectiva da defesa de direitos à sobrevivência da juventude negra mediante a proposta de comunicação alternativa se mostra um dos indicativos da capacidade da juventude de incidir sobre as suas localidades.

Com isto em vista, os jovens articuladores da *Agência JCA* buscaram traçar seus objetivos de atuação a partir de suas inquietações com contexto de extrema violência que as comunidades periféricas da Região Metropolitana de Belém estão submetidas. De maneira mais clara, a inquietação parte de casos de chacinas que ocorreram na cidade e vitimaram, em sua maioria, jovens da periferia. O caso mais emblemático é a chacina de novembro de 2014 que vitimou 11 pessoas, em sua maioria jovens moradores de bairros periféricos da Região Metropolitana de Belém (RMB)⁴⁸. Este foi um dos casos que representaram o alerta diante da violência envolvendo as juventudes da periferia. O caso foi considerado como uma resposta das milícias que atuam na cidade a morte do cabo da polícia militar, Antônio Marcos da Silva Figueiredo. Em 2017⁴⁹ e 2018⁵⁰, repetiram-se os homicídios nas periferias após assassinatos de agentes da polícia militar⁵¹.

O caso de novembro de 2014, principalmente, suscitou a necessidade de se estabelecer investigações sobre os casos de chacinas ocorridos em Belém e também em outras cidades do Estado. Um exemplo foi o documento produzido pela Comissão de Direitos Humanos da Ordem dos Advogados do Pará (OAB/PA) intitulado “Relatório da Situação dos Casos de Chacinas e Extermínio de Jovens Negros no Estado do Pará”, onde registram os casos de 1994 a 2017. Este relatório aponta os episódios de todo o Estado nesse período, dos quais salientamos 5 eventos ocorridos em bairros periféricos da Região Metropolitana nos anos 2000, que soma 39 assassinatos, a maioria de jovens entre 15 e 29 anos: Icoaraci – 2012; Guamá e Cremação – 2014; Belém – 2014; Belém – 2017; Condor – 2017.

⁴⁸ Disponível: <<http://www.diarioonline.com.br/noticias/policia/noticia-308536-.html>> . Acesso em: 17 de ago. de 2018.

⁴⁹ Disponível em: <<http://www.diarioonline.com.br/noticias/policia/noticia-391548-32-pessoas-sao-executadas-apos-morte-de-pm.html>>. Acesso em: 17 de ago. de 2018.

⁵⁰ Disponível em: <<http://radioagencianacional.etc.com.br/geral/audio/2018-05/depois-de-morte-de-pm-belem-registra-28-assassinatos-em-menos-de-48-horas>>. Acesso em: 17 de ago. de 2018.

⁵¹ Ferreira Junior (2019) afirma que “a ocorrência das chacinas em Belém está relacionada à atuação de milícias e a um cenário urbano marcado por mortes com características de execução, comumente relacionadas ao tráfico de drogas e ao controle financeiro e populacional na periferia da cidade” (2019, p. 42).

Além da Ordem dos Advogados (PA), a Assembleia Legislativa do Estado do Pará (ALEPA) instaurou uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) para apurar a atuação de milícias nas chacinas, visto que um dos fatores comuns aos eventos foi a ocorrência após morte de policiais.

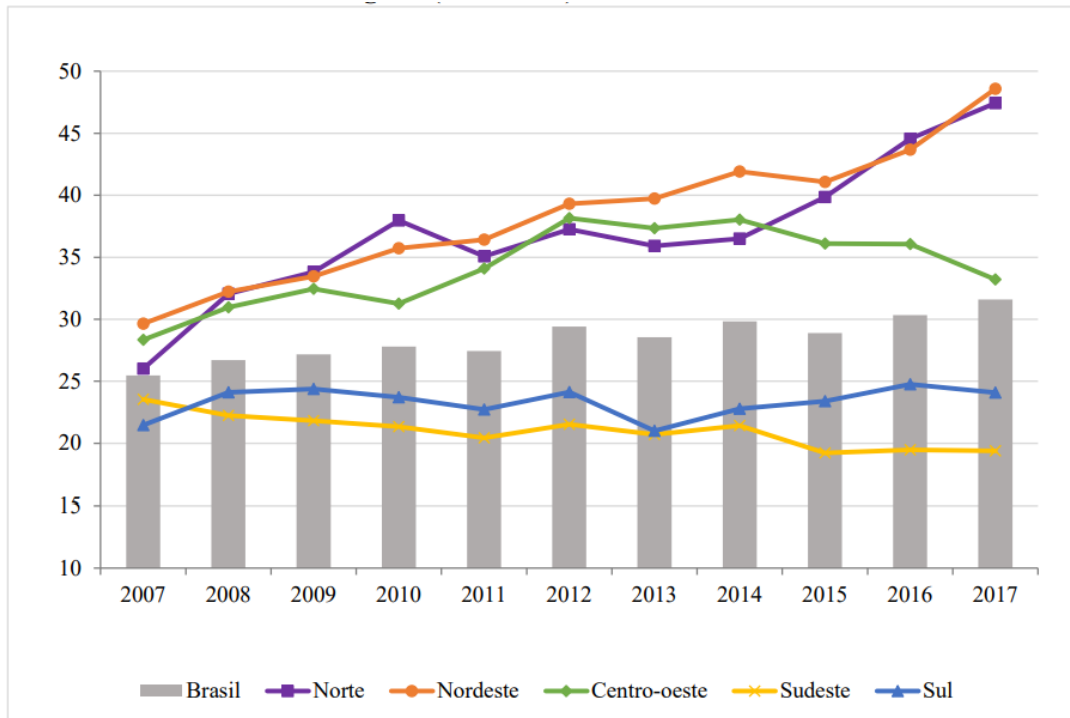
Em Belém este fato foi levantado como hipótese por um delegado de polícia em depoimento prestado a CPI das milícias da ALEPA, ele associou o elevado número de mortos num curto período de tempo a práticas de extermínio levadas a cabo por grupos milicianos, especialmente quando estas mortes acontecem alguns dias depois de mortes de policiais. (Relatório da Situação dos Casos de Chacinas e Extermínio de Jovens Negros no Estado do Pará, Comissão de Direitos Humanos, Ordem dos Advogados, Pará, 2017, p. 06).

O Relatório Final da CPI da Apuração de Grupos de Extermínio e Milícias no Estado do Pará possuía como foco principal a investigação do caso de novembro de 2014, mas não deixou de constatar em suas resoluções a existência de alguns grupos milicianos no Estado do Pará com especificidades de quais seriam esses grupos e seus modos de atuação. Sobre isso, os pesquisadores Sérgio Ferreira Junior, João dos Santos Loureiro e Alda da Costa (2016) destacam:

De acordo com o relatório resultante das investigações (PARÁ, 2015), o policial morto, cabo Figueiredo, não apenas estava envolvido com milícias, mas era mandante de uma milícia composta por mais três policiais militares. Confirmada, também, a existência de cinco grupos de milícias que atuam no Estado do Pará, com um considerável contingente de policiais militares, sendo duas nos municípios de Marabá (Su - deste) e Igarapé-Miri (Baixo Tocantins) e três na região metropolitana de Belém (Distrito de Icoaraci e nos bairros do Guamá e Canudos). (FERREIRA JUNIOR; DOS SANTOS LOUREIRO; DA COSTA, 2016, p. 156).

Ratificando estas informações acerca do contexto presente na Região Metropolitana de Belém, o Mapa da Violência 2019 demonstra que o Pará em 8º lugar nas taxas de homicídios de jovens em 2017, com 105,3 mortes por 100 mil habitantes. Importante destacar que apesar de encontra-se em 8º lugar, o Pará está atrás apenas de outros estados do Norte e Nordeste, constatando outro dado presente que é o forte crescimento de homicídios nestas regiões em 10 anos, como é possível observar no gráfico abaixo.

Figura 07 – Mapa da Violência 2019, dados representativos do aumento da letalidade nas Regiões Norte e Nordeste



Fonte: IBGE/Diretoria de Pesquisas. Coordenação de População e Indicadores Sociais. Gerência de Estudos e Análises da Dinâmica Demográfica e MS/SVS/CGIAE – Sistema de Informações sobre Mortalidade - SIM. O número de homicídios na Região de residência foi obtido pela soma das seguintes CIDs 10: X85-Y09 e Y35-Y36, ou seja: óbitos causados por agressão mais intervenção legal. Elaboração Diest/Ipea e FBSP. Mapa da Violência, 2019.

Diante desse contexto, a UNIPPOP, assim como as pessoas que vinham pensando a criação da *Agência JCA* não estavam ao largo das discussões e debates acerca da violência na Região Metropolitana de Belém. Portanto, na idealização primeira da *Agência de Notícias Jovens Comunicadores da Amazônia*, fez-se urgente e necessário que o objetivo central se constituísse de um meio de comunicação alternativa que atuasse a partir do desenvolvimento de conteúdos que se contrapusessem ao que a mídia tradicional costumeira veiculava sobre as periferias de Belém. Conteúdos carregados de estereótipos, tanto do lugar quando das pessoas que ali residem. “Então a gente surgiu com a ideia mesmo de contrapor a mídia, de falar que tinha sido só morte de alguns jovens e que não tinha nada a ver a relação de um com o outro” (QUEIROZ, Naiane, 2019)⁵². Além disso, a *Agência JCA* trouxe também o desafio de se constituir um espaço de mobilização que reunisse adolescentes e jovens no combate ao extermínio da juventude negra belenense.

Evidentemente também que não apenas este caso de chacina, mas inúmeros outros ocorridos em anos anteriores (como os divulgados no relatório da CPI) e posteriores foram

⁵² QUEIROZ, Naiane, Entrevista [ago. 2019]. Entrevistadora: Lanna Paula Ramos. Belém, 2019.

motores para a inquietação dos integrantes da *Agência JCA*. Os casos de homicídios de jovens negros não se esgotam no momento de sua morte, as consequências se espalham pela comunidade, que passa a conviver com o medo de episódios semelhantes, assim como as famílias e amigos, que precisam lidar com a perda de seu ente. Para a pesquisadora Alda Costa (2011), a violência

Constitui-se em um sério problema econômico, pois vai desde a perda do provedor da família até o investimento em prevenção e repressão, assim como impõe ainda um alto custo em termos socioculturais e políticos: espalha o medo, alterando os hábitos das pessoas que dela tentam se proteger, e estimula atitudes irracionais e agressivas na tentativa de estancá-la. (COSTA, 2011, p. 05).

Além disso, atualmente o jovem negro, seja homem ou mulher, precisa enfrentar inúmeras conjunturas para viver e sobreviver, como demonstram os dados e debates sobre, por exemplo, casos de violência doméstica⁵³ e obstetrícia⁵⁴ que têm como maioria das vítimas mulheres negras, e o aumento de suicídio de jovens negros ocasionados pelo racismo⁵⁵. Segundo estudo realizado pelo Ministério da Saúde e pela Universidade de Brasília (UNB)⁵⁶ as principais causas associadas ao suicídio de pessoas negras são: a) o não lugar; b) ausência de sentimento de pertença; c) sentimento de inferioridade; d) rejeição; e) negligência; f) maus tratos; g) abuso; h) violência; i) inadequação; j) inadaptação; k) sentimento de incapacidade; l) solidão; m) isolamento social; n) não aceitação da identidade racial, sexual e afetiva, de gênero e de classe social. Dados estatísticos registram o aumento dos suicídios entre negros se comparados as demais raças/cor.

⁵³ Atlas da Violência: Brasil tem 13 homicídios de mulheres por dia, e a maioria das vítimas é negra. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-48521901>>. Acesso em: 02 ago. 2019.

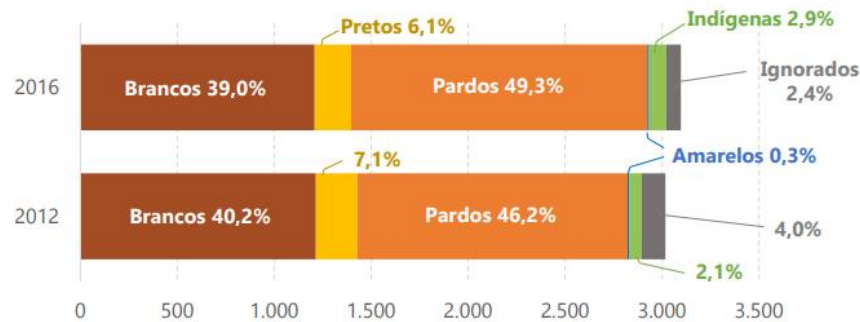
⁵⁴ Violência Obstetrícia e o viés racial. Disponível em: <<http://cebes.org.br/2018/03/violencia-obstetrica-e-o-vies-racial/>>. Acesso em: 2 ago. 2019.

⁵⁵ O impacto do racismo na saúde mental da população negra: Pesquisa aponta aumento de suicídios entre jovens negros. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2019/01/26/O-impacto-do-racismo-na-sa%C3%BAde-mental-da-popula%C3%A7%C3%A3o-negra>>. Acesso em: 02 ago. 2019.

⁵⁶ Cartilha “Óbitos por suicídios entre adolescentes e jovens negros 2012 a 2016. Disponível em: <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/obitos_suicidio_adolescentes_negros_2012_2016.pdf>. Acesso em: 02 out. 2019.

Figura 08 – Gráfico demonstrativo do aumento dos índices de suicídios entre negros

Entre 2012 e 2016, a proporção de suicídios entre negros (pretos e pardos) aumentou



Fonte: Análise do Departamento de Apoio à Gestão Participativa e ao Controle Social (DAGEP/SGEP/MS) utilizando dados do Sistema de Informação sobre Mortalidade (SIM/DATASUS/MS).

Fonte: Óbitos por suicídio entre adolescentes e jovens negros 2012 a 2016. Brasília: Ministério da Saúde, 2018. Acesso em: 02 out. 2019.

Há toda uma conjuntura de situações e discussões que precisam ser travadas, levando em conta as condições de existência da juventude negra. Diante disso, a *Agência JCA*, como projeto de juventudes, assume um posicionamento importante e central ao tomar como papel principal a defesa da juventude negra, especialmente, a moradora da periferia que sofre com o extermínio. Isso concorda com a afirmação de Gomes e Laborne para quem “a pauta do extermínio da juventude negra vem se transformando de denúncia em luta por direitos” (GOMES; LABORNE, 2018, p.4).

Nesse sentido, as articulações institucionais da UNIPPOP, entidade reconhecida na luta em defesa dos direitos na Amazônia, garantiu ao “Projeto Jovens Comunicadores da Amazônia” a citação – já como iniciativa de comunicação contra hegemônica, ou seja, *Agência JCA* – no Relatório final da CPI das Milícias (ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DO PARÁ, 2015). Para a integrante e uma das atuais coordenadoras, o apoio da UNIPPOP foi e é essencial na constituição da *Agência JCA*: “Agência como ela é um projeto dentro de uma instituição, ela não é um curso, ela não é uma coisa pensada tão somente por pessoas, ela tem uma questão institucional envolvendo, ela ganha esse ‘boom’”. (QUEIROZ, Naiane)⁵⁷.

⁵⁷ QUEIROZ, Naiane, Entrevista [ago. 2019]. Entrevistadora: Lanna Paula Ramos. Belém, 2019

Segundo Patrícia Cordeiro, coordenadora do projeto Jovens Comunicadores da Amazônia, a citação da *Agência JCA* no projeto representa uma recomendação para que o Estado pensasse em políticas públicas voltadas para a juventude:

Ele [Edimilson Rodrigues, Deputado Estadual à época e membro titular da CPI] faz a recomendação falando um pouco pro Estado que juventude você precisa tratar com política pública, com incentivo, com investimento na educação possibilitando acesso a renda e a qualificação sócio profissional. (CORDEIRO, Patrícia, 2019⁵⁸).

Nesse sentido, o reconhecimento dado à iniciativa de comunicação alternativa (que até então estava em processo de construção) demonstra como a juventude articula suas redes e, conseqüentemente, suas mídias para atuar significativamente na construção de outras narrativas cotidianas e no enfrentamento de problemáticas negligenciadas na realidade social e em veículos tradicionais de comunicação, buscando uma autoemancipação baseada no poder de comunicar (PERRUZO, 2011). Sobre esses processos de comunicação alternativa, Santos e Amorim destacam:

São processos comunicacionais que buscam a emancipação dos sujeitos enquanto pessoas que têm demandas e interesses, questionamentos e opiniões para serem ouvidos e debatidos. Os pressupostos da cidadania, da educação e da contra-hegemonia ajudam a construir esses processos que ora são marginalizados, ora são criminalizados. (SANTOS; AMORIM, 2019, p. 185).

Nesse sentido, o que se observa é que a *Agência de Notícias Jovens Comunicadores da Amazônia*, enquanto experiência de comunicação alternativa, incorpora em suas atividades premissas que entrelaçam a comunicação e a educação com vista ao exercício da cidadania. Cidadania aqui entendida a partir das ideias de Jaime e Carla Pinski, que a consideram como “expressão concreta do exercício da democracia” (2013, p. 10) e para quem ser cidadão

É ter direito à vida, à liberdade, à propriedade, à igualdade perante a lei; é, em resumo, ter direitos civis. [...]. Os direitos civis e políticos não asseguram a democracia sem os direitos sociais, aqueles que garantem a participação do indivíduo na riqueza coletiva: o direito à educação, ao trabalho, ao salário justo, à saúde, uma velhice tranquila. Exercer a cidadania plena é ter direitos civis, políticos, e sociais. (PINSKY; PINSKY, 2013, p. 9).

Corroborando com a visão de Pinski e Pinski, o pesquisador Venício Lima (2006) defende que a comunicação perpassa todas as dimensões da cidadania e, portanto, “a condição básica para a realização dos direitos políticos de cidadania no mundo contemporâneo é

⁵⁸ CORDEIRO, Patrícia. Entrevista 1 [ago. 2019]. Entrevistadora: Lanna Paula Ramos. Belém, 2019.

existência de uma mídia democratizada” (LIMA, 2006, p. 8). Mídia alternativas como a *Agência de Notícias Jovens Comunicadores da Amazônia*, ao buscar a ampliação dos direitos de cidadania por meio da comunicação, apresentam-se não apenas como propagadores de informação na luta pelo direito de comunicar, mas como verdadeiros espaços de educação e intervenção da sociedade civil. Nas palavras de Peruzzo

Um meio de comunicação não serve somente para difundir conteúdos, mobilizar e conscientizar. A participação ativa do cidadão na feitura da comunicação, ou seja, na criação, sistematização e difusão de conteúdos e nos demais mecanismos inerentes ao processo comunicativo também é educativo porque possibilita que a pessoa sinta sujeito, e, como tal, se desenvolva intelectualmente, aprenda a compreender melhor o mundo e seja capaz de interferir no seu entorno e na sociedade como um todo, visando assegurar o respeito aos direitos humanos. (PERUZZO, 2009, p. 42).

Diante de todo o exposto, a *Agência JCA* consolida-se enquanto espaço de mobilização em defesa da juventude negra residente da periferia da cidade de Belém por meio de suas ações e eventos que buscam discutir a temática do extermínio e outras responsáveis por ampliar espaços onde os jovens possam desenvolver suas subjetividades e atuar na busca por transformação social e direitos .

Neste capítulo foi possível compreender o caminho percorrido por educadores e jovens para a criação da *Agência Jovens Comunicadores da Amazônia* observando a importância dos processos de comunicação popular/alternativa e educomunicação na constituição da *Agência JCA*. Também se destaca neste capítulo o contexto político social de agravamento da violência contra jovens nas periferias de Belém que acabaram por inquietar os jovens integrantes da *Agência JCA* a trazer para a centralidade de suas mobilizações e conteúdos a defesa da juventude negra, sendo esta a mais afetada neste cenário.

3 EXTERMÍNIO DA JUVENTUDE NEGRA: UM DOS TEMAS DA AGÊNCIA DE NOTÍCIAS JOVENS COMUNICADORES DA AMAZÔNIA

Neste capítulo, destacam-se algumas discussões que envolvem o principal objetivo de luta traçado pela *Agência de Notícias Jovens Comunicadores da Amazônia*: o extermínio da juventude negra da periferia de Belém. Como já demonstrado, a *Agência JCA* nasce dentro de uma conjuntura em que inúmeros debates a respeito dos altos índices de homicídios de jovens negros periféricos estavam sendo realizados tanto no Brasil, quanto na cidade de Belém.

Levando-se em consideração estas questões, assim como a necessidade de compreensão dos sentidos de juventude, inicialmente, neste capítulo, apresenta-se uma discussão sobre as concepções que dizem respeito a esse campo de estudos uma vez que os integrantes da *Agência JCA* possuem entre 15 e 25 anos, portanto, são categorizados legalmente como jovens (BRASIL, 2013).

A partir disso, coloca-se em debate o extermínio da juventude negra enquanto uma das estratégias do genocídio historicamente sofrido pela população negra no Brasil e que possui no racismo a base dos processos discriminatórios que atingem a juventude negra. Além disso, apresenta-se também algumas políticas públicas que foram articuladas para a juventude brasileira, com destaque aquelas que visavam/visam o combate à violência vivenciada pela juventude negra, como, por exemplo, o “Plano Juventude Viva” (2014) do Governo Federal.

3.1 Algumas concepções de juventude

Os estudos que possuem a juventude como centralidade e que buscam refletir sobre os significados e implicações do que é ser jovem na sociedade se encontram dispostos em diversas áreas do conhecimento como a Biologia, a Antropologia, a Psicologia e a Sociologia. Desse modo, o conceito de juventude se revela como um conceito polissêmico (TRANCOSO; OLIVEIRA, 2014) que agrega em si diversas perspectivas que investigam os modos de ser jovem, atendendo seus próprios direcionamentos metodológicos e epistemológicos. Para Trancoso e Oliveira “a interdisciplinaridade é campo de disputa em que se converte o estabelecimento do conceito de juventude” (2014, p. 271).

O objetivo nesta pesquisa não é realizar uma apreensão completa de todas as correntes que levaram às continuidades e descontinuidades que configuram a concepção de juventude, mas trazer à discussão alguns caminhos desses apontamentos que nos permitam compreender a juventude representada pelos sujeitos imbricados nesta pesquisa: os jovens moradores da periferia da Região Metropolitana de Belém que atuam na *Agência de Notícias Jovens*

Comunicadores da Amazônia e os jovens defendidos por eles em seu trabalho: os jovens negros e pobres também moradores da periferia da cidade.

Nesse sentido, recorrem-se às proposições sociológicas sobre juventude, nos estudos chamados de Sociologia da Juventude. De acordo com Pais (1990) os estudos da sociologia da juventude possuem duas grandes tendências ou correntes: uma que considera a juventude a partir da questão etária entendendo esta como uma fase da vida, portanto, uma fase homogênea e unificada; e outra que pensa a juventude a partir da diversidade, ou seja, a partir das inúmeras possibilidades que o modo de ser jovem pode apresentar diante das diferenças econômicas, sociais, de interesses, racial, entre outras.

A primeira corrente, chamada de *geracional*, aponta que os jovens de forma uniforme convivem com problemas sociais como desemprego, formação, habitação, entre outros da vida afetivo-sexual. Esses problemas sociais seriam inerentes à juventude e precisariam ser superados para que os jovens alcançassem a vida adulta onde, supostamente, os aspectos negativos, como a “irresponsabilidade” e “crise de valores”, presentes nesta fase da vida, não mais existiriam (PAIS, 1990, p. 141). Esta tendência caracteriza a experiência da juventude de forma homogeneizada baseada no entendimento de uma cultural juvenil pautada, principalmente, nesses aspectos negativos e problemáticos. Sobre esta questão, Pais (1990) declara:

Se os jovens não se esforçam por contornar esses «problemas», correm mesmo riscos de serem apelidados de «irresponsáveis» ou «desinteressados». Um adulto é «responsável», diz-se, porque responde a um conjunto determinado de responsabilidades: de tipo ocupacional (trabalho fixo e remunerado); conjugal ou familiar (encargos com filhos, por exemplo) ou habitacional (despesas de habitação e provisionamento). A partir do momento em que vão contraindo estas responsabilidades, os jovens vão adquirindo o estatuto de adultos. (PAIS, 1990, p. 141).

Para Dayrell (2003) essa visão coloca a juventude em uma condição de “vir a ser”, deslocando a importância das ações dos jovens do presente para o futuro, quando estes seriam adultos. No entanto, é preciso levar em consideração o período histórico no qual os debates geracionais foram realizados. Como exemplificado por Pais (1990) em suas reflexões, as décadas de 50 e 60, até meados de 70, foram marcadas pela crise do desemprego na Europa ocidental, o que é capaz de explicar porque estes problemas sociais estavam relacionados à juventude, uma vez que os jovens se configuravam como força laboral que precisavam ser

inseridos no mercado de trabalho. Com isso, nessa tendência, a juventude é vista “como um problema social” (PAIS, 1990, p. 144).

Em crítica ao etarismo da corrente *geracional*, Dayrell (2016) afirma que “compreender xs jovens apenas pelo fator da idade, contudo, seria simplificar uma realidade complexa que envolve elementos relacionados aos campos simbólico e cultural e aos condicionantes econômicos e sociais que estruturam as sociedades” (DAYRELL, 2016, p. 26). Para a sociologia, a juventude enquanto categoria é constituída de forma histórica e social, o que significa dizer que se estabelece na sociedade conforme o contexto histórico e se configura como uma representação social de sujeitos presentes na estrutura desta sociedade, não estando estritamente relacionada à questão etária (GROPPO, 2017). De fato, vincular a juventude, ou seja, o modo de ser jovem, somente à questão da idade pode levar a inúmeros equívocos, pois até mesmo as definições etárias de juventude variam de acordo com o país.

No Brasil (e na América Latina) de acordo com Estatuto da Juventude instituído em 2013 (Lei nº 12,852/2013) são considerados jovens as pessoas de 15 a 29 anos, o que constitui um espectro etário bastante considerável. Pode-se dizer de modo simplificado, por exemplo, que apenas por este recorte de idade temos duas formas diferentes de experiência da juventude: os jovens adolescentes (15 a 18 anos), que se caracterizam, principalmente, por estar em idade escolar e de formação; e os jovens adultos (18 a 29 anos), que são aqueles que iniciam uma inserção no mundo adulto, do trabalho e da vida familiar independente.

Como apontado, estas observações excluem questões significativas nos debates acerca da juventude, como o contexto econômico, social, entre outros, os quais influenciam profundamente na vivência da juventude. Como considerar a juventude pela perspectiva geracional, por exemplo, tendo como interlocutores da pesquisa jovens moradores de áreas periféricas? É possível igualar a vivência destes com a de um jovem de mesma idade residente do centro da cidade? Dificilmente. As especificidades entre eles são diversas e complexas.

Até mesmo se observarmos a juventude representada pelos integrantes da *Agência JCA*, que são todos moradores de áreas periféricas da Região Metropolitana de Belém, como já citado anteriormente, torna-se inconsistente a afirmação de que apenas isto os tornaria uma juventude homogênea. Para além da variedade etária, as vivências mesmo, em áreas periféricas, são diversas. Ariane Barbosa, articuladora da *Agência JCA*, é moradora do bairro do Telegráfo, na cidade de Belém, e Naiane Queiroz, moradora do Icuí, em Ananindeua, as duas cidades pertencem a Região Metropolitana, no entanto, suas características políticas,

econômicas e sociais são diferentes, o que ocasiona disparidades que afetam o modo de vivenciar das duas jovens.

Em conversa informal foi possível perceber, por exemplo, que as atividades de lazer de interesse de Naiane estão localizadas principalmente no centro de Belém, o que significa muitas vezes ter uma despesa maior na volta com transporte particular, dada a distância de sua residência, ou hospedar-se na casa de amigos e voltar pra casa apenas pela manhã de transporte público. Não apenas a questão espacial pode ser destacada aqui, mas questões econômicas, de interesses, por exemplo, assim como inúmeras outras. Muitas são as peculiaridades e especificidades que colocam em questionamento as perspectivas apresentadas pela corrente geracional.

Outra questão que se pode questionar aqui diante da tendência geracional também diz respeito a dois grupos de jovens que se encontram imbricados nesta pesquisa: os jovens articuladores que atuam na comunicação alternativa da *Agência JCA* e outros jovens, de mesma faixa etária, que são atingidos pela violência do extermínio. Pela corrente geracional o direcionamento dá conta que estes jovens constituiriam todos uma mesma cultural juvenil, ou seja, seriam vistos todos de forma homogênea.

De certa maneira isto se coloca como verdade, uma vez que a presença em espaços de atuação política não exclui os jovens das possibilidades de sofrer com a violência presente nas áreas de residência, no entanto, pode-se afirmar que as chances destes diminuem se comparadas a jovens que por exemplo, moram em periferias e acabaram sendo cooptados pelo crime. Portanto, em um sentido etário estatístico, os jovens constituem a parcela da população mais atingida por homicídios, no entanto, o jovem que está na escola e em outros espaços educativos e de lazer apresenta menores chances de vir a ser assassinado do que o jovem que está diretamente vivenciando este enfrentamento por suas atividades. Aqui as divergências presentes na perspectiva geracional são observadas diante de contextos sociais e econômicos.

Importante destacar que apesar de limitada, esta tendência da sociologia da juventude contribuiu para os primeiros estudos, ainda no século passado, e na contemporaneidade o etarismo se configura como fator decisivo para as definições de direitos e políticas públicas voltadas a juventude.

A definição da juventude por idade encontra elementos objetivos no aspecto da maturidade biológica e sua delimitação se reveste de importância para as políticas públicas, notadamente quando se pensa em contagem de população, definição de políticas e recursos orçamentários. (DAYRELL, 2016, p. 27).

Na segunda corrente apontada por Pais (1990), os estudos estão mais alinhados aos argumentos que contemplam as peculiaridades possíveis à juventude de acordo com os aspectos da sociedade. Com isto, essa tendência contraria as ideias de *homogeneidade* e *unidade* levantadas pela corrente *geracional* e institui a *diversidade* como elemento principal dos estudos sobre juventude. Sobre isso, Pais declara:

Sendo assim, como poder falar da juventude como um fenômeno *sociologicamente* homogêneo? O interessante será justamente dar conta das possíveis diferentes descontinuidades e rupturas que marcam a transição dos jovens — ou, melhor, de determinados grupos sociais de jovens — para a vida adulta. Para dessas possíveis descontinuidades e rupturas dar conta torna-se, no entanto, necessário olhar a juventude não apenas como um conjunto social cujo principal atributo é o de ser constituído por indivíduos pertencentes a uma dada *fase de vida*, mas também como um conjunto social com atributos sociais que diferenciam os jovens; isto é, torna-se necessário passar do campo semântico da juventude que a toma como *unidade* para o campo semântico que a toma como *diversidade*. (Pais, 1990, p. 151)

Esta segunda corrente é chamada de *classista*. Os estudos dessa tendência têm como perspectiva que os modos de vivenciar a juventude reproduzem as relações de classe presentes na sociedade. “De acordo com esta corrente, a transição dos jovens para a vida adulta encontrar-se-ia sempre pautada por mecanismos de reprodução classista, não apenas ao nível da divisão sexual do trabalho, mas também a outros níveis” (PAIS, 1990, p. 157). Assim, todos os jovens que possuem uma condição econômica alta pertenceriam a uma mesma “cultura juvenil”, ou seja, teriam um mesmo modo de experienciar a juventude. Semelhantemente, jovens de baixa condição econômica fariam parte de uma mesma cultura juvenil. Pais (1990) critica esta visão que está entre a condição dominante e a condição de “resistência” a esta e se faz presente tanto na corrente *geracional* quanto na corrente *classista*. De acordo com o autor

[...] tanto para a corrente «geracional» como para a «classista», o conceito de *cultura juvenil* aparece associado ao de *cultura dominante*. Para a corrente «geracional», as culturas juvenis definem-se por relativa oposição à cultura dominante das gerações mais velhas; para a corrente «classista», as culturas juvenis são uma forma de «resistência» à cultura da «classe dominante», quando não mesmo a sua linear expressão. Daqui resulta que, de um ou de outro modo, as culturas aparecem subordinadas a uma rede de «determinismos» que, estruturalmente, se veiculariam entre «cultura dominante» e «subculturas». (PAIS, 1990, p. 160)

Portanto, diante dessa perspectiva o aspecto da *diversidade* proposto na segunda corrente estaria condicionado à dualidade entre “dominante” e “resistente”, o que significaria uma deficiência dos estudos da sociologia da juventude, uma vez que as relações de classe,

apesar de fundamentais para as análises não são, e não podem ser, determinantes de homogeneidade do que constituiu o ser jovem na sociedade. Logo,

torna-se necessário que os jovens sejam estudados a partir dos seus contextos vivenciais, quotidianos — porque é quotidianamente, isto é, no curso das suas interações, que os jovens constroem formas sociais de compreensão e entendimento que se articulam com formas específicas de consciência, de pensamento, de percepção e ação. [...] É esta forma de olhar a sociedade, através do quotidiano dos jovens, uma condição necessária para uma correta abordagem de alguns dos paradoxos da juventude, embora não suficiente. Importa também ver de que forma a «sociedade» se traduz na vida dos indivíduos. (PAIS, 1990, p. 164)

Assim como as argumentações de Pais (1990), Dayrell (2003, 2016) assume a *diversidade*, presente na segunda tendência dos estudos da sociologia da juventude, a partir do uso semântico *juventudes*, ao invés da palavra no singular, como uma maneira de “ênfatisar a diversidade de *modos de ser jovem* existentes” (DAYRELL, 2016, p. 27, grifo do autor).

Construir uma noção de juventude na perspectiva da diversidade implica, em primeiro lugar, considerá-la não mais presa a critérios rígidos, mas sim como parte de um processo de crescimento mais totalizante, que ganha contornos específicos no conjunto das experiências vivenciadas pelos indivíduos no seu contexto social. Significa não entender a juventude como uma etapa com um fim predeterminado, muito menos como um momento de preparação que será superado com o chegar da vida adulta. (DAYRELL, 2003, p. 42).

Reconhecer as diversas particularidades que podem estar compreendidas na maneira como cada indivíduo vivencia a juventude é essencial, principalmente, no que se refere ao presente estudo, pois os traços dos sujeitos jovens investigados são capazes de sinalizar os contornos da *Agência de Notícias Jovens Comunicadores da Amazônia*. Para Dayrell (2016)

As distintas condições sociais (origem de classe, por exemplo), a diversidade cultural (a cor da pele, as identidades culturais e religiosas, os diferentes valores familiares etc.), a diversidade de gênero e de orientação afetiva e até mesmo as diferenças territoriais se articulam para a constituição das diferentes modalidades de se vivenciar a juventude. (DAYRELL, 2016, p. 27).

Nesse sentido, pode-se dizer que ser um jovem morador da periferia da Região Metropolitana de Belém constitui uma modalidade de experiência da juventude, representada nesse trabalho pelos sujeitos participantes da *Agência JCA*, no entanto, esta modalidade não é a única presente. Mesmo que, de certa maneira, tratar-se de uma mobilização comunicacional e política protagonizada por jovens em favor de outros jovens há distinções entre eles.

A realidade é que os jovens articuladores da *Agência JCA*, na verdade, representam uma parcela de jovens que possuíram aproximação com as questões histórico-sociais e políticas de luta contra o racismo e genocídio do povo negro por meio dos processos educacionais vivenciados na UNIPOP, e em outros lugares, como suas comunidades, universidades, entre outros, e assim se revelam atores sociais em defesa da juventude negra. A capacidade de se coloca criticamente diante da realidade vivenciada pode ser observada pela fala do jovem Alexandre Soares em entrevista a esta pesquisa: “Eu penso que ser jovem é poder protagonizar diversas histórias, principalmente, a sua. Somos cheios de sonhos, vontade e garra, e através disso lutamos pelo o que acreditamos e aprendemos para que tenhamos um futuro melhor. (SOARES, Alexandre, 2020)⁵⁹.”

Enquanto isso, outros jovens residentes de periferias muitas vezes não possuem as mesmas possibilidades de acesso a iniciativas como as oferecidas na UNIPOP, seja como questões básicas, como por exemplo, desconhecimento ou por questão estruturais vivenciadas como a negação de direitos básicos de saúde, moradia e alimentação que os colocam em condições de marginalidade e exclusão.

A constituição da *Agência JCA* não se manteve fixa desde seu lançamento. Alguns jovens que ajudaram a criar a iniciativa, hoje, atuam apenas como colaboradores ocasionais, enquanto outros se distanciaram do trabalho. São, a cada ano, de 10 a 15 jovens que articulam e mantém as ações e conteúdos da *Agência JCA*, geralmente, estimulados por meio da participação no curso de comunicação popular oferecido pela UNIPOP. Assim, o curso funciona como um laboratório de aprendizagem e aprimoramento da comunicação popular que, caso o jovem desenvolva um interesse, pode exercitar na iniciativa. Diante disso, consideram-se múltiplas as experiências de juventude retratadas na *Agência JCA*.

Outro importante destaque de experiência da juventude que precisa ser assumido nesta pesquisa diz respeito aos jovens negros moradores da periferia que vivenciam a problemática do extermínio. No espaço de mobilização constituído pela *Agência JCA*, a questão territorial da periferia é compartilhada entre os jovens participantes e o grupo de jovens os quais suas estratégias buscam defender, no entanto, é necessário destacar que nem todos os participantes da *Agência JCA* se encontram atravessados pelas condicionantes raciais.

Dos cinco entrevistados para esta pesquisa, dois jovens se autodeclararam negros, um pardo e os outros dois brancos. A partir de minha observação nas atividades da *Agência JCA* na UNIPOP, em 2018 e 2019, foi possível perceber esta mesma proporção entre os jovens. De

⁵⁹ SOARES, Alexandre. Entrevista [mai. 2020]. Entrevistadora: Lanna Paula Ramos. Belém, 2020.

acordo com Naiane Queiroz, à época de lançamento em 2016, havia uma maioria de jovens negros. O importante e interessante aqui é justamente a diversidade de experiências que se encontram na construção da *Agência JCA* e que demonstram que alguns dos jovens, por se identificarem como negros, percebem e vivenciam o extermínio e o racismo de forma diferente que os autodeclarados brancos.

Em resumo, assumimos aqui a concepção de *juventudes* em concordância com os pensamentos de Dayrell (2016, 2003), pois se encontram entrelaçadas nesse estudo profusas experiências do “ser jovem” que não se excluem e nem se limitam em determinismos, mas se articulam e nos desafiam no entendimento do universo representado pela *Agência de Notícias Jovens Comunicadores da Amazônia*.

Para além da apreensão das especificidades contextuais que podem estar situadas na juventude, Dayrell (2003) também ressalta a necessidade de observados os jovens enquanto sujeitos sociais possuidores de uma autonomia relativa às relações sociais estabelecidas com a sociedade. Em diálogo com Charlot (2000), Dayrell afirma que

[...] O sujeito é um ser humano aberto a um mundo que possui uma historicidade; é portador de desejos, e é movido por eles, além de estar em relação com outros seres humanos, eles também sujeitos. Ao mesmo tempo, o sujeito é um ser social, com uma determinada origem familiar, que ocupa um determinado lugar social e se encontra inserido em relações sociais. Finalmente, o sujeito é um ser singular, que tem uma história, que interpreta o mundo e dá-lhe sentido, assim como dá sentido à posição que ocupa nele, às suas relações com os outros, à sua própria história e à sua singularidade. (DAYRELL, 2003, p. 42-43).

Dessa forma, a investigação até aqui tem buscado entender alguns dos muitos aspectos que atravessam as vivências dos jovens participantes da *Agência JCA* e dos jovens atingidos pela problemática do extermínio, no caso, a juventude negra. Além das circunstâncias sociais de territorialidade e econômicas, como o fato de pertencerem a camadas populares, há ainda outro fator determinante para que a violência incida de forma mais extrema sobre a juventude negra, a questão racial, como já demonstrado neste estudo por meio dos dados estatísticos e reflexivos da violência no Brasil. Portanto, o próximo subitem tem como objetivo debater esta questão, entendendo-a como um processo histórico e social brasileiro que tem como base o racismo contra pessoas negras.

3.2 O extermínio da juventude negra como um processo sócio histórico baseado no racismo

A problemática do extermínio da juventude negra vem sendo pautada nas últimas décadas por militantes e ativistas dos movimentos negros, direitos humanos e outros em relação, principalmente, ao aumento crescente da morte dessas juventudes que carregam consigo marcas específicas que as têm definido: ser jovem, negro, pobre residindo, comumente, em favelas e periferias do Brasil. No entanto, como demonstrado até o momento neste estudo, estes jovens também sofrem de forma mais severa uma série de problemas sociais como, por exemplo, o desemprego, a baixa escolaridade, a violência doméstica, entre outros, que indicam que a questão racial se encontra intrinsecamente presente nesse sistemático processo de desigualdade. Uma desigualdade racial que tem condicionado os jovens negros e pobres a uma exclusão radical (BENTO; BEGHIN, 2005).

Portanto, considera-se que o extermínio da juventude negra é um fenômeno multicausal (GOMES; LABORNE, 2018) que tem como elemento estruturante o racismo contra os povos negros historicamente perpetuado na sociedade brasileira, e que vem consolidando, durante séculos, estratégias de genocídio da população negra no Brasil. Nesse sentido, diversos autores (NASCIMENTO, 1978; GOMES; LABORNE, 2018; QUIRINO, 2017; e outros) assumem o extermínio dos jovens negros e pobres como uma das estratégias desse genocídio.

O conceito de genocídio possui diversas abordagens reflexivas e práticas. Uma delas, de caráter internacional, é a definição utilizada pela Organização das Nações Unidas (ONU) que possui especificidades jurídicas e foram retiradas na “Convenção para a Prevenção e a Repressão do Crime de Genocídio” realizada em Nova Iorque, nos Estados Unidos, em 09 de dezembro de 1948. Para a ONU, o genocídio é considerado “um crime contra o Direito Internacional, contrário ao espírito e aos fins das Nações Unidas e que o mundo civilizado condena” (ONU, 1948) e prevê sanções penais para atos “cometidos com a intenção de destruir, no todo ou em parte, um grupo nacional, étnico, racial, ou religioso” (ONU, 1948), sendo estes atos registrados no artigo 2º como:

- Assassinatos de membros do grupo;
- Dano grave à integridade física ou mental de membros do grupo;
- Submissão intencional do grupo a condições de existência que lhe ocasionem a destruição física total ou parcial;
- Medidas destinadas a impedir os nascimentos no seio do grupo;
- Transferência forçada de menores do grupo para outro. (ONU, 1948).

Tendo como base este conceito de genocídio articulado pela Organização das Nações Unidas, Vergne *et al* (2015) afirma que “*Genocídio* é uma forma de violência complexa; o efeito de um conjunto de práticas cotidianas baseado no *desejo* de eliminação, ou de afastamento, do outro e por isso consentindo, mesmo que silenciosamente, a sua eliminação” (VERGNE *et al*, 2015, p. 517, grifo dos autores). Apesar de ser possível ponderar por este viés jurídico que o quadro vivenciado pelas populações negras no Brasil se configura como genocídio, o Estado brasileiro nunca foi responsabilizado. De acordo com Ramos (2014), “a ONU nunca chegou a condenar um ente – estatal ou privado – por genocídio, desde 1946, à exceção de Ruanda” (RAMOS, 2014, p. 76).

O genocídio ocorrido em Ruanda entre abril e julho de 1994, que tinha como uma das justificativas as diferenças étnicas entre tutsis e hutus, foi planejado pela elite no poder à época pertencente a etnia hutu e resultou na morte por assassinato de cerca de 800 mil pessoas da etnia tutsi e hutus considerados moderados. O conflito civil teve início após lideranças hutus acusarem a Frente Patriótica Ruandesa (RPF), composta por exilados tutsi, de provocarem o atentado ao avião que matou o então presidente de origem hutu, Juvénal Habyarimana. Em 1994, a ONU instituiu Tribunal Penal Internacional Para Ruanda (TPIR), responsável por investigar e condenar os responsáveis pelo genocídio no país.

O conceito de genocídio apreendido nesta perspectiva traz poucas contribuições para um entendimento contextual histórico sobre as características e nuances que compreendem a questão do extermínio da juventude negra enquanto estratégia genocida no Brasil, sedimentada no racismo contra negros. Em vista disto, o conceito de genocídio assumido aqui é o do reconhecido sociólogo, estudioso das questões do negro brasileiro, Abdias do Nascimento. Em seu livro dedicado a esta questão intitulado “O genocídio do negro brasileiro”, Nascimento (1978) apresenta dois conceitos de genocídio dispostos em sua obra como uma espécie de abertura para a reflexão que se seguiria.

Genocídio: o uso de medidas deliberadas e sistemáticas (como morte, injúria corporal e mental, impossíveis condições de vida, prevenção de nascimentos), calculadas para a exterminação de um grupo racial, político ou cultural, ou para destruir a língua, a religião ou a cultura de um grupo⁶⁰.

Genocídio: Recusa do direito de existência a grupos humanos inteiros, pela exterminação de seus indivíduos, desintegração de suas instituições políticas, sociais, culturais, linguísticas e de seus sentimentos nacionais e religiosos. Ex.:

⁶⁰ Webster's Third New International Dictionary of the English Language, Massachussets, 1967.

perseguição hitlerista aos judeus, segregação racial, etc.⁶¹ (NASCIMENTO, 1978, p. 14-15).

Atentando para estes dois conceitos de genocídio destacados de dicionários, Nascimento (1978) constrói uma reflexão aprofundada histórica e socialmente sobre como se deram as práticas genocidas contra o povo negro no Brasil. A tese central defendida pelo autor (expressa também por meio do subtítulo da obra: “Processo de um racismo mascarado”) é que o racismo esteve articulado estruturalmente em todas as práticas e políticas que objetivaram, e ainda objetivam, a exterminação dos negros brasileiros desde a época da colonização, porém de uma forma dissimulada e de negação.

Nesse sentido, o período colonial demarca, portanto, o começo de um processo de genocídio sistemático do povo negro no Brasil. Iniciado em 1500 com a chegada dos europeus portugueses às terras brasileiras, a colonização teve como elemento fundamental para a consolidação da colônia, o tráfico e comércio de pessoas negras vindas da África e sua consequente escravização. Com o declínio da exploração do pau brasil, os indígenas, que até então eram escravizados para a realização da extração da árvore, foram considerados insuficientes e incapazes de desenvolver as atividades necessárias nas lavouras e engenhos que representavam o novo sistema lucrativo de exploração dos portugueses, a cana de açúcar. Com isso, apenas 30 anos após o início da colonização, os africanos já representavam a principal mão de obra do período colonial, como afirma Nascimento (1978):

Por volta de 1530, os africanos, trazidos sob correntes, já aparecem exercendo seu papel de "força de trabalho"; em 1535 o comércio escravo para o Brasil estava regularmente constituído e organizado, e rapidamente aumentaria em proporções enormes. Como primeira atividade significativa da colônia portuguesa, as plantações de cana-de-açúcar se espalhavam pelas costas do nordeste, especialmente nos estados da Bahia e Pernambuco. Só a Bahia, lá por 1587, tinha cerca de 47 engenhos de cana-de-açúcar, fato que bem ilustra a velocidade expansionista da indústria açucareira desenvolvida com o uso da força muscular africana. (NASCIMENTO, 1978, p. 48)

Concordando e reafirmando as colocações de Nascimento (1978), Marquese (2006) aponta que em apenas quatro anos (1576 a 1600) desembarcaram como escravizados no Brasil cerca de 40 mil africanos, o que significava que o tráfico negreiro transatlântico se mostrou rentável para os portugueses, o que intensificou a importação de escravizados. “[...]. Nas duas décadas seguintes [1750 e 1760], o tráfico atingiu seu pico máximo: 354 mil africanos

⁶¹ Dicionário Escolar do Professor. Organizado por Francisco da Silveira Bueno. Ministério da Educação e Cultural, Brasília, 1963, p. 580.

escravizados foram introduzidos na América portuguesa entre 1741 e 1760”. (MARQUESE, 2006, p. 114).

Desse modo, os africanos e seus descendentes passaram a constituir maioria da mão de obra na colônia, trabalhando em atividades agrícolas, como as lavouras de cana de açúcar, café, entre outros; os engenhos, a mineração e também nas atividades domésticas no campo e na cidade (cozinheiro, ajudantes, serventes, amas etc.).

O papel do negro escravo foi decisivo para os começos da história econômica de um país fundado, como era o caso do Brasil, sob o signo do parasitismo imperialista. Sem o escravo a estrutura econômica do país jamais teria existido. O africano escravizado construiu as fundações da nova sociedade com a flexão e a quebra da sua espinha dorsal, quando ao mesmo tempo seu trabalho significava a própria espinha dorsal daquela colônia. (NASCIMENTO, 1978, p. 49)

Importante destacar que a presença de mão de obra escrava não se deu de maneira igual por todo território. De acordo com Nascimento (1978) havia uma grande proporção de pessoas negras escravizados na região litorânea brasileira, principalmente no Nordeste, onde se concentraram grandes números de engenhos. No entanto, apesar de em menor número, os africanos encontravam dispostos também em outras regiões.

Na região norte, mais especificamente no Pará, o mercado de escravizados se desenvolveu lentamente, pois as atividades agrícolas na Amazônia não eram de grande porte, sendo o principal cultivo a maniva, que não possuía expressividade lucrativa diante das lavouras de cana de açúcar, com estas sendo quase inexistentes na região (SALLES, 1971). Entretanto, com o passar dos anos, este quadro se modificou, tendo como protagonistas padres jesuítas contrários à escravização indígena.

Os jesuítas tinham como objetivo a catequização massiva dos povos indígenas e sua incorporação às Companhias Missionárias. Na Amazônia, o Padre Antônio Vieira foi uma figura importante no processo de inserção da escravização do negro na região, pois fechou um acordo com agentes do governo para frear a escravização indígena.

Em linhas gerais, o pensamento de Antônio Vieira, conforme João Lúcio de Azevedo, era: introdução de escravos de Angola por conta da coroa; proibição absoluta dos resgates dos índios; desenvolvimento das Missões e entrega das aldeias aos padres da Companhia de Jesus. Justificava da seguinte maneira: a raça nativa era fraca e só pela segregação poderia servir, como a experiência havia demonstrado. O negro fora escravo em todos os tempos e já o era entre os seus. Pela organização do trabalho colonial, não podia ser dispensado o braço servil. Que se sacrificasse, portanto, o africano em benefício da raça que os jesuítas queriam redimir e que já lhes havia custado sacrifícios sem par! Propunha pois uma troca. (SALLES, 1971, p. 05).

Este foi um dos pilares do *modos operandi* utilizado pelos portugueses para justificar a escravização, encontrando-se fundamentado por meio da Igreja Católica. “Em verdade, o papel exercido pela igreja católica tem sido aquele de principal ideólogo e pedra angular para a instituição da escravidão em toda sua brutalidade”. (NASCIMENTO, 1978, p. 52).

Neste ponto, de forma contundente através das ideias de Antônio Vieira sobre as diferenças entre africanos e indígenas, circunscreve-se a noção determinante de inferioridade racial que iria construir e consolidar o racismo praticado contra africanos escravizados e seus descendentes. Articulados de formas estratégicas e ideológicas estes ideais foram capazes de atravessar séculos, inserindo-se de maneira profunda no imaginário da sociedade chegando até a contemporaneidade onde são reproduzidos e se tornam elementos estruturantes de ideias racistas que regem o sistema de sociedade atual, resultando, por exemplo, nas desigualdades raciais vivenciadas pela juventude negra.

A ideia de inferioridade foi atribuída pelos europeus não apenas aos povos africanos, mas também aos nativos indígenas, entre outros pelo mundo, sob o manto do ideal iluminista do século XVIII que desencadeou o colonialismo como processo civilizador de povos considerados primitivos com vistas a levá-los à modernidade (ALMEIDA, 2018).

Do ponto de vista intelectual, o iluminismo constituiu as ferramentas que tornariam possível a *comparação* e, posteriormente, a *classificação*, dos mais diferentes grupos humanos a partir de características físicas e culturais. Surge então a distinção filosófico-antropológica entre *civilizado* e *selvagem*, que no século seguinte daria lugar para o dístico *civilizado* e *primitivo*. (ALMEIDA, 2018, p. 20-21, grifos do autor).

A essência deste pensamento se encontra no conceito de raça, por meio do qual os europeus estabeleceram a classificação dos seres humanos, conformando a hierarquização da sociedade tendo como a raça dominante/padrão a europeia representada pelo homem branco. De acordo com Quijano (2005) é a partir das relações de dominação impostas na colonização que se estabelece, inclusive, a designação “europeu” para se referir aos colonizadores assim classificando-os também a partir da ideia de raça.

A formação de relações sociais fundadas nessa idéia, produziu na América identidades sociais historicamente novas: *índios*, *negros* e *mestiços*, e redefiniu outras. Assim, termos com *espanhol* e *português*, e mais tarde *europeu*, que até então indicavam apenas procedência geográfica ou país de origem, desde então adquiriram também, em relação às novas identidades, uma conotação racial. (QUIJANO, 2005, p. 117).

O autor afirma ainda que a ideia de hierarquização dos povos colonizados por meio da raça foi elemento principal e constitutivo da dominação colonial europeia, pois legitimou e naturalizou as relações sociais de dominação estabelecidas entre europeus e não-europeus instituindo, assim, a inferioridade aos povos colonizados. “E na medida em que as relações sociais que se estavam configurando eram relações de dominação, tais identidades foram associadas às hierarquias, lugares e papéis sociais correspondentes, com constitutivas delas, e, conseqüentemente, ao padrão de dominação que se impunha” (QUIJANO, 2005, p. 117).

Historicamente, isso significou uma nova maneira de legitimar as já antigas idéias e práticas de relações de superioridade/inferioridade entre dominantes e dominados. Desde então demonstrou ser o mais eficaz e durável instrumento de dominação social universal, pois dele passou a depender outro igualmente universal, no entanto mais antigo, o intersexual ou de gênero: os povos conquistados e dominados foram postos numa situação natural de inferioridade, e conseqüentemente também seus traços fenotípicos, bem como suas descobertas mentais e culturais. Desse modo, raça converteu-se no primeiro critério fundamental para a distribuição da população mundial nos níveis, lugares e papéis na estrutura de poder da nova sociedade. Em outras palavras, no modo básico de classificação social universal da população mundial. (QUIJANO, 2005, p. 118).

Antes de se estabelecer como elemento definidor de relações sociais, o conceito de raça era investigado em algumas áreas de estudo. Nas ciências naturais como a Zoologia e a Biologia, as concepções de raça eram utilizadas para designar e classificar espécies animais e vegetais (MUNANGA, 2003). Foi nos séculos XVI e XVII na França que estudiosos começaram a usar raça para classificar grupos de pessoas que possuíam características em comum, assim a ideia de raça passa atuar diretamente nas relações sociais.

Diante disso, inúmeros foram os estudiosos de diversas áreas, principalmente, da biologia, como Genética Humana, a Biologia Molecular e a Bioquímica que buscaram explicar os fatores que poderiam diferenciar e reconhecer a diversidade humana por meios de raças presentes no Mundo, entretanto, os resultados obtidos afirmaram que a raça não é uma realidade que pode ser definida biologicamente, concluindo assim que as raças não existem (MUNANGA, 2003).

Para Almeida (2018), “raça não é um termo fixo, estático. Seu sentido está inevitavelmente atrelado às circunstâncias históricas em que é utilizado” (p. 19). É nesta perspectiva que os estudiosos do século XVIII e XIX passam a utilizar este conceito, mesmo que cientificamente defasado, para classificar as pessoas por meio da valoração de uma raça sobre a outra. Sobre isso, Munanga (2003) afirma que estes estudiosos

O fizeram erigindo uma relação intrínseca entre o biológico (cor da pele, traços morfológicos) e as qualidades psicológicas, morais, intelectuais e culturais. Assim, os indivíduos da raça “branca”, foram decretados coletivamente superiores aos da raça “negra” e “amarela”, em função de suas características físicas hereditárias, tais como a cor clara da pele, o formato do crânio (dolicocefalia), a forma dos lábios, do nariz, do queixo, etc. que segundo pensavam, os tornam mais bonitos, mais inteligentes, mais honestos, mais inventivos, etc. e conseqüentemente mais aptos para dirigir e dominar as outras raças, principalmente a negra mais escura de todas e conseqüentemente considerada como a mais estúpida, mais emocional, menos honesta, menos inteligente e portanto a mais sujeita à escravidão e a todas as formas de dominação. (MUNANGA, 2003, p. 05).

São estes pensamentos fundamentados em determinismos biológicos e também geográficos e culturais que foram aplicados para justificar a escravização de povos, como os africanos escravizados no Brasil. De acordo com Almeida (2018),

As referências à ‘bestialidade’ e ‘ferocidade’ demonstram como a associação de seres humanos de determinadas culturais/características físicas com animais ou mesmo insetos é uma tônica do racismo, portanto, do processo de desumanização que antecede práticas discriminatórias ou genocídios até os dias de hoje. (ALMEIDA, 2018, p. 23).

Com a questão da raça servindo de base para a hierarquização entre negros (e indígenas) e europeus no âmbito das relações sociais da colonização portuguesa no Brasil, a dominação dos africanos e de seus descendentes por meio da escravização durou 300 anos, tendo como traço sempre presente durante este período o racismo. As aproximações entre as concepções de raça e racismo permitiram e possibilitaram a dominação dos povos africanos tidos como inferiores pelos europeus em diversos aspectos. Essas aproximações podem ser percebidas por meio dos apontamentos de Munanga (2003) sobre racismo. Segundo o autor

Por razões lógicas e ideológicas, o racismo é geralmente abordado a partir da raça, dentro da extrema variedade das possíveis relações existentes entre as duas noções. Com efeito, com base nas relações entre “raça” e “racismo”, o racismo seria teoricamente uma ideologia essencialista que postula a divisão da humanidade em grandes grupos chamados raças contrastadas que têm características físicas hereditárias comuns, sendo estas últimas suportes das características psicológicas, morais, intelectuais e estéticas e se situam numa escala de valores desiguais. Visto deste ponto de vista, o racismo é uma crença na existência das raças naturalmente hierarquizadas pela relação intrínseca entre o físico e o moral, o físico e o intelecto, o físico e o cultural. [...] De outro modo, o racismo é essa tendência que consiste em considerar que as características intelectuais e morais de um dado grupo, são conseqüências diretas de suas características físicas ou biológicas. (MUNANGA, 2003, p. 07-08).

Sendo assim, diante deste contexto de pensamento, as relações concebidas na colônia portuguesa no Brasil atuaram fortemente baseadas no racismo antinegro. Desse modo,

retoma-se o pensamento de Nascimento (1978), para quem o racismo ditou a lógica de genocídio vivenciada desde este período até a contemporaneidade. Na obra, já destacada aqui, o autor considera algumas das estratégias elaboradas para a exterminação da população negra brasileira.

O primeiro processo criticado por Nascimento (1978) dá conta ainda do período colonial onde os europeus portugueses difundiam e sustentavam entre os estrangeiros, principalmente, que o sistema escravocrata português atuou diferente dos regimes presentes nas colônias inglesas disfrutando de configurações benevolentes e bondosas para com os escravizados brasileiros. Evidentemente que esta não era a realidade, que na verdade “consistia no saque de terras e povos, e na repressão e negação de suas culturas - ambos sustentados e realizados, não pelo artifício jurídico, mas sim pela força imperialista” (NASCIMENTO, 1978, p. 50).

Assim como este mito, inúmeros outros foram construídos e desenvolvidos com vistas à exterminação do povo negro, tendo como máxima a desumanização dos escravizados. Seguindo as colocações de Nascimento (1978), Quirino (2017) declara que o processo de violência colonial vivenciado pelo colonizado produz a desumanização e “criou a ideia do português como um colonizador benevolente não problematizando a exploração sexual dos corpos das mulheres negras e a prática de embranquecimento como uma estratégia de genocídio dos povos negros no Brasil” (QUIRINO, 2017, p. 52).

Para Nascimento (1978) as medidas deliberadas e sistemáticas praticadas no Brasil contra a população negra tinham como argumento base a ideia de democracia racial, que defendia a alegação de que brancos, negros e índios viviam em harmonia no país. A ideia de convívio harmonioso no Brasil é defendida pelo historiador Gylberto Freyre na obra *Casa Grande & Senzala* de 1933. Em crítica aos pensamentos e teorias de Freyre, Abdias do Nascimento (1978) afirma que o historiador colaborou com o colonialismo português ao difundir que “os portugueses obtiveram êxito em criar, não só altamente avançada civilização, mas de fato um paraíso racial nas terras por eles colonizadas, tanto na África como na América” (NASCIMENTO, 1978, p. 42). Posicionando-se sobre isso em sua obra, Nascimento (1978) declara

O que logo sobressai na consideração do tema básico deste ensaio é o fato de que, à base de especulações intelectuais, frequentemente com o apoio das chamadas ciências históricas, erigiu-se no Brasil o conceito da *democracia racial*; segundo esta, tal expressão supostamente refletiria determinada relação concreta na dinâmica da sociedade brasileira: que pretos e brancos convivem harmoniosamente,

desfrutando iguais oportunidades de existência, sem nenhuma interferência, nesse jogo de paridade social, das respectivas origens raciais ou étnicas. A existência dessa pretendida igualdade racial constitui mesmo, nas palavras do professor Thales de Azevedo, "o maior motivo de orgulho nacional". (NASCIMENTO, 1978, p. 41-42).

Veementemente contrário a esta ideia de paridade social entre brancos e negros é que Nascimento (1978) irá sustentar suas afirmações acerca de que o mito da democracia racial e o racismo dissimulado nas estruturas da sociedade brasileira ocasionaram processos ordenados de estratégias genocida contra a população negra até os dias atuais. Os argumentos do autor se centralizam, portanto, na perspectiva de maneiras sistemáticas de extermínio produzidas e reproduzidas na história da população negra no Brasil. Concordando com este pensamento, Almeida (2018) identifica o racismo como uma

forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertencem. (ALMEIDA, 2018, p. 25)

Diante deste contexto histórico e social é possível ter um panorama das relações sociais e raciais que repercutem até a contemporaneidade. Apesar dos apontamentos demonstrados não possuem uma especificação geracional, torna-se evidente que o processo de violência vivenciado pela população negra no período da escravidão e também após a abolição, ganha contornos mais profundos e peculiares capazes de produzir desigualdades a partir de segmentos desta população, como é o caso da juventude.

De acordo com o Índice de Vulnerabilidade Juvenil à Violência (2017), o fator racial configura como um importante indicador para a compressão das desigualdades que atingem a juventude.

Os dados apresentados pelo IVJ-Violência e Desigualdade Racial, com destaque para os riscos relativos de mortalidade entre jovens e entre jovens do sexo feminino, evidenciam a brutal desigualdade que atinge negros e negras até na hora da morte. Essa desigualdade se manifesta ao longo de toda a vida e em diversos indicadores socioeconômicos, em uma combinação perversa de vulnerabilidade social e racismo que os acompanha durante toda a vida. (BRASIL, 2017).

No entanto, segundo Gomes e Laborne (2018), apesar de fazer uma observação pertinente entre a relação dos jovens negros com os riscos à violência, as conclusões dadas pelo relatório são insatisfatórias, uma vez que aponta somente medidas de ações afirmativas como solução para um problema que possui características muito mais complexas.

Nesse sentido, aponta-se a importância de compreensão do racismo em uma perspectiva sistêmica e estrutural, pois como afirma Almeida (2018) o racismo não é um fenômeno patológico da sociedade que pode ser considerado ou desconsiderado nas observações acerca da sociedade conforme opção. Para o autor “a sociedade contemporânea não pode ser compreendida sem os conceitos de raça e racismo” (ALMEIDA, 2018), pois entender a concepção estrutural do racismo significa entendê-lo como parte constituinte das relações econômicas, políticas, jurídicas e familiares presentes na sociedade, uma vez que “o racismo fornece a lógica e a tecnologia para as formas de desigualdade e violência que moldam a vida social contemporânea” (ALMEIDA, 2018, p. 16).

Portanto, considera-se que o fenômeno do extermínio se encontra imbricado em relações históricas e sociais que vem delineando o quadro vivenciado pela juventude negra. Processo este que tem como característica base o racismo que impõe ao jovem negro a posição de vítima principal de uma série de violências, assim como a construção social e simbólica destes como ameaçadores e passíveis de morte. “Quanto mais desiguais os sujeitos se encontram na vida social, mais o medo do outro, do diferente é produzido naqueles e por aqueles que ocupam o topo das relações de poder” (GOMES E LABORNE, 2018, p. 17).

No entanto, como vem sendo apontado nesta pesquisa, as juventudes não se encontram estáticas diante dessa realidade, pelo contrário, reconhecem de maneiras abrangentes o que as colocações históricas sociais aqui apresentadas significam na vida cotidiana. Nas palavras de Gomes e Laborne (2018)

[...] a juventude negra está atenta à sua própria situação. E sabe muito bem interpretar a complexidade e a perversa articulação entre raça e classe na construção de desigualdades socioraciais que aprofundam o seu extermínio. Entendem como os jovens negros são vistos no contexto do racismo e da ótica do capital. Compreendem que, além da ideia de serem considerados como seres perigosos e suspeitos provocando medo e a repulsa, os jovens negros, principalmente os homens, são vistos como inúteis e descartáveis pela lógica do capital. (GOMES; LABORNE, 2018, p. 19).

É assim que os jovens participantes da *Agência de Notícias Jovens Comunicadores da Amazônia* tomam como questão central de luta a defesa da juventude negra frente ao extermínio. Em entrevista a esta pesquisa, a jovem Naiane Queiroz declara:

Eu gosto de falar que a Agência, ela é um espaço de narrativas. Então acredito que desde que a gente iniciou ela mesmo, colocou ela em prática, tirou do papel, ela vem trazendo esse espaço de narrativas, principalmente que na época [da criação em 2016] a gente tinha bem mais integrantes negros e negras na Agência. Então a UNIPOP precisava de um espaço, acho que também Belém precisava de espaço, que

falasse sobre os corpos periféricos e negros então a Agência surge nesse contexto. Eu acho que por isso ela é importante porque se a gente que tá na periferia não consegue falar sobre o que rola na periferia é meio que vago ser comunicador e comunicadora, então por isso a importância dela pra ela de fato mostrar, o que de fato tem nas periferias. (QUEIROZ, Naiane, 2019)⁶².

Como aponta Naiane, na época de sua criação, a quantidade de jovens negros e negras era bem maior que atualmente, mas isso não modificou o trabalho desenvolvido pela *Agência JCA* uma vez que os integrantes sejam eles autodeclarados brancos, negros ou pardos, compreendem a extensão da problemática da juventude negra e atuam ali não em uma perspectiva da defesa de direitos próprios, mas de uma coletividade representada por eles enquanto jovens. Isso pode ser ratificado por meio das entrevistas realizadas em que os jovens afirmam a importância da pauta do extermínio da juventude negra enquanto questão central de luta na *Agência JCA*, como forma de contrapor os discursos que justificam as mortes desta juventude.

[...] A gente vive num país que o racismo é velado. [...] O negro é invisibilizado, apagado socialmente e aí mostrar isso, principalmente a gente que tem o intuito de ser uma via de contramão a mídia tradicional... E como eu ia dizendo, eu acho que é muito importante principalmente na mídia que a pessoa negra é dita como marginalizada, invisibilizada, principalmente quando mora em bairro periférico, que esses bairros periféricos têm a imagem dita como zona vermelha, área de risco. (SOARES, Alexandre, 2019)⁶³.

É, a importância de a Agência pautar o genocídio da juventude negra é que dentro da Agência tem juventude negra. Então nada melhor que o próprio alvo falando das experiências de racismo, por exemplo, de violência, violência policial. [...] Pessoalmente falando, como a Agência, inicialmente, falava sobre essa violência, por conta da falta de oportunidade, por de falta de políticas públicas, políticas sociais voltada pra juventude... Então isso sempre me incomodou e não é porque eu não seja alvo, digamos assim, dessa violência por ser branca, por exemplo, não me dá o direito de ficar calada e não fazer nada, né?! (MELISSA, Paloma, 2019)⁶⁴.

E que às vezes não é nem uma questão de tu denunciasses assim, dizer “olha é a polícia miliciana que tá matando o jovem”, não é nem essa a questão. É tipo mostrar o outro lado do jovem. Que o que tem na periferia não é só o jovem que trafica – claro que tem, a gente não pode negar o jovem que tá metido – mas outros tipos de jovens estão, sei lá... envolvidos na cultura do bairro, envolvidos nas atividades do bairro, eu acho que é muito por aí também, né?! (BARBOSA, Ariane, 2019)⁶⁵.

Nesta perspectiva, a *Agência de Notícia Jovens Comunicadores da Amazônia* apresenta-se diante o contexto de defesa da juventude negra como mais um articulador de

⁶² QUEIROZ, Naiane, Entrevista [ago. 2019]. Entrevistadora: Lanna Paula Ramos. Belém, 2019

⁶³ SOARES, Alexandre. Entrevista [ago. 2019]. Entrevistadora: Lanna Paula Ramos. Belém, 2019.

⁶⁴ MELISSA, Paloma. Entrevista [ago. 2019]. Entrevistadora: Lanna Paula Ramos. Belém, 2019.

⁶⁵ BARBOSA, Ariane. Entrevista [ago. 2019]. Entrevistadora: Lanna Paula Ramos. Belém, 2019.

ações, medidas e reivindicações que buscam superar as desigualdades raciais, sociais e econômicas necessárias ao alcance de direitos básicos como a vida e a emancipação desses jovens. É o que Gomes e Laborne nos dizem, os jovens negros “Esperam ser reconhecidos, considerados e tratados como cidadãos e cidadãs de direitos. [...] Esperam que seja feito, de fato, justiça às suas denúncias e causas, superando tantas injustiças históricas que os segregam assim como segregaram os nossos antepassados” (2018, p. 21).

4 AS PRÁTICAS COMUNICATIVAS DA AGÊNCIA DE NOTÍCIAS JOVENS COMUNICADORES DA AMAZÔNIA

A *Agência de Notícias Jovens Comunicadores da Amazônia* tem procurado construir um espaço em que os jovens exerçam o protagonismo e a autonomia nos processos e construções das atividades desenvolvidas, possibilitando a criação de narrativas próprias que evidenciem suas inquietações e problemáticas. Narrativas estas que, em seus três anos de atuação, visam defender as juventudes das periferias da Região Metropolitana de Belém, em especial a juventude negra, trazendo à reflexão dos jovens e também da sociedade de forma geral a necessidade da mobilização, conscientização e luta diante da questão do extermínio e de outros problemas que atingem esses jovens.

Este capítulo busca demonstrar como se configuram as práticas comunicativas proposta pela *Agência JCA* em favor das juventudes. Assim, o capítulo se apresenta dividido em subitens que representam dois modos pelos quais a atuação da *Agência JCA* se desenvolve: o primeiro a partir da presença em ambiente digital por meio das redes sociais em que produzem conteúdos alternativos; e o segundo com as ações de mobilização nas quais a pesquisadora esteve presente nos anos de 2018 e 2019.

4.1 Pressupostos metodológicos de análise

Como apresentado na introdução desta pesquisa, a metodologia que guiou e auxiliou o desenvolvimento do estudo contou com procedimentos teórico-metodológicos capazes de possibilitar a compreensão do universo observado, a *Agência de Notícias Jovens Comunicadores da Amazônia*. Tratando-se da observação de um fenômeno social, envolto em relações, processos e significados, a pesquisa empreendida é a pesquisa qualitativa (MINAYO, 2002) realizada por meio da análise de conteúdo (BARDIN, 1977).

Portanto, nesse momento se encontram explicitadas aqui os pressupostos metodológicos utilizados para o debate final e análise dos dados coletados. A finalidade é investigar as práticas comunicativas desenvolvidas pelos jovens da Agência JCA visando responder a questão-problema desta pesquisa:

- Como se configuram as práticas comunicativas alternativas da *Agência de Notícias Jovens Comunicadores da Amazônia* em defesa da juventude negra belenense?

A hipótese é que por meio de suas ações – sejam elas na rua, comunidades ou na sede da UNIPOP – e de seus conteúdos contra hegemônicos acerca das juventudes e periferias de Belém, a *Agência JCA* desenvolve, não somente entre os adolescentes e jovens integrantes,

mas com as juventudes de forma geral e com a comunidade, caminhos de mobilização, conscientização e luta contra o extermínio da juventude, em especial, a juventude negra de Belém e a ampliação de direitos de cidadania.

No primeiro subitem, salienta-se como a *Agência JCA* está articulada no ambiente digital e, como apontado anteriormente, selecionamos no *blog*, a principal plataforma digital utilizada por eles, todas as postagens realizadas desde sua criação. Destas foram destacadas aquelas que tinham como temáticas questões relacionadas ao extermínio da juventude negra, sendo elas de divulgação, registro ou texto crítico reflexivo resultado das ações; participação em eventos ou manifestações e outros tipos que tangenciem a temática desta pesquisa.

Quadro 01 – Postagens selecionadas no blog da Agência JCA sobre a temática da juventude negra

Data	Título	Autoria
08 nov. 2016	UNIPOP e parceiros promovem lançamento da Agência de Notícia em Belém	Ariane Barbosa (texto); Diego Teófilo (foto)
16 nov. 2016	É uma questão de cor	Marinéia Ferreira
18 nov.2016	Uma nova trajetória	Jorge Anderson (texto); Vanessa Alves (foto)
23 nov. 2016	Movimentos sociais realizam marcha contra mortes nas periferias de Belém	Ariane Barbosa (texto); Diego Teófilo (foto)
16 dez. 2016	Acampamento reúne e mobiliza jovens de Belém e região	Sid Feijão (texto); Jorge Anderson (texto e foto)
21 jan. 2017	Nota do coletivo tela firme sobre os últimos episódios de violência na grande Belém	Tela Firme
07 fev. 2017	Em rede, com e pelas mulheres negras	Marinéia Ferreira
08 fev. 2017	Ato mobiliza comunidade contra o extermínio de jovens negros	Vanessa Alves
15 fev. 2017	Ato denúncia o genocídio de jovens negros das periferias	Marinéia Ferreira (texto); Juliana Aleixo (foto)
27 mar. 2017	Dos movimentos a garantia e efetivação de direitos na Universidade	Naiane Queiroz (texto); Andrei Ribeiro (texto)
29 mar. 2017	Ato mobiliza comunidade contra extermínio de jovens negros	<i>Agência JCA</i>
07 abr. 2017	Ato mobiliza comunidade contra extermínio de jovens negros em Belém	Ariane Barbosa(texto); Diego Teófilo (texto); Marinéia Ferreira (texto); Juliana Aleixo (fotos)
19 mai. 2017	Campanha Jovem Negro Vivo, da Anistia Internacional, chega à Belém	Anistia Internacional
25 jun. 2017	Ato mobiliza comunidade contra o extermínio da juventude negra	Delianne de Lima
07 jul. 2017	Ato denúncia o extermínio da juventude negra	Marinéia Ferreira (texto); Lara Costa (texto); Delianne de Lima (texto); Jean Brito

		(fotos)
11 set. 2017	UNIPOP e organizações parceiras realizarão Audiência Pública na Terra Firme	Alexandre Soares (texto); Juliana Aleixo (foto)
25 set. 2017	Ausência de políticas públicas: um gatilho para o extermínio da vida negra	Marinéria Ferreira (texto); Alexandre Soares (texto); Paloma Melissa (foto)
04 out. 2017	Sobre Vidas Negras, por Maynara Santana	Maynara Santana
16 out. 2017	Tela Firme: É Nós Na Tela	Alexandre Soares (texto); Paloma Melissa (texto)
18 nov. 2017	UNIPOP realizará Encontro das Juventudes Amazônicas em celebração aos seus 30 anos	Alexandre Soares
23 nov. 2017	QuilomBOX: uma ferramenta de combate ao genocídio da juventude negra.	Naiane Queiroz
07 dez. 2017	Encontro Das Juventudes Amazônicas reforça e visibiliza a autonomia e participação das juventudes	Alexandre Soares
21 nov. 2018	II Encontro das Juventudes Amazônidas (inscrição)	Agência JCA
30 jan. 2019	II Encontro Das Juventudes Amazônidas-Propostas das Juventudes.	Pablo Cauê; Letícia Moreira
11 set. 2019	Os gritos ecoaram nas ruas de Belém no 25º Grito dos Excluíd@s	Eduarda Canuto (texto); Agência JCA (foto)
02 dez. 2019	“A milícia da polícia está matando a perifa, levanta quero ver a perifa levantar”	Beatriz Neves (texto); Izandra (texto); Agência JCA (foto)
02 dez. 2019	III Encontro das Juventudes Amazônicas	Agência JCA
13 dez. 2019	Encontro reúne jovens para debater resistências e lutas na Amazônia	Agência JCA

Fonte: A autora. Levantamento da pesquisa feito no blog da Agência JCA

A partir disso, e com o aporte teórico-metodológico da análise de conteúdo da professora Laurence Bardin (1977) e os outros apresentados neste estudo, a investigação categorizou os conteúdos dos 28 textos em duas grandes temáticas: 1) textos de divulgação e registros de atividades (eventos, atos, encontros, entre outros); e 2) textos que dão visibilidade às práticas positivas das juventudes nas periferias de Belém. Desse modo, as temáticas nos auxiliam na produção de inferências relativas ao trabalho de comunicação alternativa realizado no ambiente digital e como estas se articulam em vista dos objetivos da Agência JCA.

A categorização é um dos caminhos de observação de dados que, segundo Bardin (1977), possibilita a estruturação de uma ordem dos textos para a compreensão dos significados em seu contexto (BARDIN, 1977, p. 36-37). A disposição das categorias foi realizada seguindo as premissas apresentadas pela própria Agência JCA como objetivo do

trabalho em desenvolvimento. Com isso, buscou-se perceber como se articularam/articulam as dinâmicas dos conteúdos alternativos produzidos pelos jovens.

O segundo subitem explora, por meio da observação participante (PERUZZO, 2003), as dinâmicas comunicativas presentes no universo da *Agência JCA* quando da realização das atividades com as juventudes tendo como objetivo compreender a experiência *in loco* e as possibilidades de contribuição para as práticas em defesa das juventudes, assim como as relações estabelecidas entre a *Agência JCA* e os jovens mobilizados para as atividades. As atividades destacadas são:

Quadro 02 – Atividades investigadas a partir da observação participante

Data	Atividade	Local
14 dez. 2018	II Encontro das Juventudes Amazônicas	Núcleo de Oficinas Curro Velho
19 fev. 2019	Reunião de Trabalho: produção vídeo 8 de março	Instituto Universidade Popular
04 abr. 2019	Reunião de Trabalho: planejamento do semestre	Instituto Universidade Popular
23 abr. 2019	Reunião de Trabalho: planejamento cine-debate	Instituto Universidade Popular
13 mai. 2019	Cine-Debate: O genocídio das Juventudes Negras	Instituto Universidade Popular
14 dez. 2019	III Encontro das Juventudes Amazônicas	Núcleo de Oficinas Curro Velho

Fonte: A autora.

4.2 A presença da *Agência Jovens Comunicadores da Amazônia* na internet e seus conteúdos alternativos

A atuação da *Agência de Notícia Jovens Comunicadores da Amazônia* enquanto um meio de comunicação alternativa que se propõe a construir um espaço de mobilização e luta em defesa da juventude negra da periferia de Belém, tem no ambiente digital da internet os seus principais meios, para onde produzem e veiculam seus conteúdos com o objetivo de alcançar as juventudes e a sociedade. A opção pelo ambiente digital expressa a afinidade que as juventudes possuem com as novas tecnologias e com as configurações socioculturais representadas por elas, além de ser uma dinâmica comum presente no contemporâneo.

Em diálogo com Gomes da Costa (2001), Soares (2011) diz que a comunicação e a educomunicação representam para as juventudes uma ampliação das possibilidades de expressão e das formas de participação que se traduzem em “ganho de autonomia, de autoconfiança e de autodeterminação, numa fase da vida em que o jovem procura e se

experimenta, empenhado que está na construção de sua identidade pessoal e social e no seu projeto de vida” (SOARES, 2011, p. 26).

Os jovens articuladores da *Agência JCA* se mostram aptos e conhecedores das possibilidades da internet, o que pode ser observado pelos usos das plataformas escolhidas nas quais desenvolvem o trabalho. Como citado anteriormente, o blog⁶⁶ se configura como o principal meio da *Agência JCA*.

Figura 09 – Cabeçalho do *blog* da *Agência JCA*



Fonte: <<https://agenciajca.blogspot.com/>>. Acesso em: 17 ago. 2018.

O blog da *Agência JCA* pode ser acessado por meio do endereço eletrônico: <https://agenciajca.blogspot.com/> e está registrado na plataforma gratuita de blogs da empresa multinacional *Google*⁶⁷, a *Blogger*, ou *Blogspot*, como é mais conhecida, uma das plataformas mais utilizada por produtores de conteúdo iniciantes por conta da sua interface intuitiva e de domínio gratuito. A criação e estruturação foram feitas pelos próprios jovens, como contou a coordenadora em entrevista a esta pesquisa.

Esse jovem ele é, ele era, nessa ocasião, o grupo Jovens Mais Para era vivendo e convivendo com o vírus HIV/AIDS na época, e ele era namorado de um rapaz, então ele compunha o grupo convivendo, e depois esse grupo deixou de existir dentro, então ele ficou com a gente, mas sem ter essa identidade do Jovens+Pará, [...]. Bem, mais ficou, ele era fantástico, como todos os meninos e meninas que vem pra cá, ele que ajudou a gente a fazer o blog e tal, pesquisando mesmo, foi fantástico. (CORDEIRO, Patrícia, 2019)⁶⁸.

⁶⁶ Blog é “uma página na web que permite a publicação de textos, imagens, vídeos, áudios, entre outros tipos de mídias, com assuntos diversos de acordo com o interesse de quem o cria e o mantém” (AMORIM, *et al*, 2015, p. 5).

⁶⁷ O *Google* é uma empresa multinacional dos Estados Unidos que oferece serviços online e softwares possuindo inúmeros produtos digitais.

⁶⁸ CORDEIRO, Patrícia. Entrevista 2 [ago. 2019]. Entrevistadora: Lanna Paula Ramos. Belém, 2019.

Na página inicial encontra-se o cabeçalho, que contém informações importantes sobre o trabalho da agência por meio de abas nomeadas como “Início”, que possibilita ao leitor o acesso a primeira página do blog em qualquer momento da navegação; “*Agência JCA*”, onde é possível encontrar um breve histórico da criação e quem são os integrantes; as abas “Ações” e “Objetivo”, onde constam os objetivos geral e específicos previstos no projeto inicial da *Agência JCA*, já destacados nesse texto; as duas últimas abas são direcionadas a exposição descritiva da UNIPOP enquanto apoio institucional, do Fundo Brasil de Direitos Humanos⁶⁹ e dos coletivos e organizações que participaram enquanto integrantes: Tela Firme⁷⁰, Jovens+Pará⁷¹ e CEDENPA⁷².

O blog opera enquanto sítio virtual onde são registradas todas as atividades da *Agência JCA* desde seu início. Atualmente⁷³ conta com 39 postagens que compreendem texto sobre coletivos, organizações e grupos de moradores das periferias da Região Metropolitana de Belém e das atividades de mobilização como atos, eventos, entre outros. Os textos possuem qualidades descritivas, informativas, críticas e de divulgação e são produzidos em conjunto pelos integrantes, assim como as fotografias. Algumas vezes sendo utilizadas fotos/artes/ilustrações de fontes secundárias para divulgação de eventos de parceiros.

⁶⁹ O Fundo Brasil de Direitos Humanos é uma fundação independente, sem fins lucrativos, que atua como articuladora de recursos financeiros a serem transmitidos de doadores individuais, empresas e instituições a defensores dos direitos humanos, pessoas e organizações não governamentais. Mais informações: <<https://www.fundobrasil.org.br/quem-somos/>>. Acesso em: 03 out. 2019.

⁷⁰ O Coletivo Tela Firme é uma iniciativa de comunicação popular, criada em 2014 por jovens moradores do bairro Terra Firme, daí o nome do coletivo, situado na cidade de Belém. “O Tela Firme tenta refletir a luta do povo e do lugar para construir, significar e ressignificar seu território. É um coletivo de comunicação popular que, através do audiovisual, mostra a beleza, a diversidade e a complexidade da periferia e cobra políticas públicas que ofereçam serviços necessários para a dignidade de sua população”. Descrição presente na página do *Facebook* do Coletivo. Disponível em: <https://www.facebook.com/pg/telafirme/about/?ref=page_internal>. Acesso em: 23 set. 2019.

⁷¹ A Rede de Jovens+Pará faz parte, como representante estadual, da Rede Nacional de Adolescentes e Jovens Vivendo com HIV/AIDS, uma articulação que atua na “promoção e defesa dos direitos humanos, como foco nos direitos sexuais e reprodutivos de adolescentes e jovens vivendo com HIV/AIDS. Temos por missão agrupar, acolher e apoiar estes(as) frente aos diversos desafios pessoais, sociais em vista da prevenção e promoção da saúde. Atuamos em parceria com outras organizações da sociedade construindo propostas e acompanhando programas e políticas públicas para a juventude e de saúde, contribuindo também em ações que estimulem o protagonismo juvenil contra os estigmas e impactos do HIV e AIDS”. Disponível em: <<http://jovensmaispara.blogspot.com/p/a-rede.html#.XZEZukZKjIW>>. Acesso em: 23 set. 2019.

⁷² O Centro de Estudos e Defesa do Negro é uma entidade sem fins lucrativos, criada em 1980, que desenvolve diversas atividades político-sociais com vista a superação do racismo, preconceito e discriminação sofridos pela população negra e indígena do Estado. O Coletivo de Juventude da entidade conta com jovens negros/as dos diversos bairros da Região Metropolitana de Belém. Mais informações: <<http://www.cedenpa.org.br/>>. Acesso em: 23 set. 2019.

⁷³ Até o momento desta pesquisa. Registro realizado em 23 de maio de 2020.

O blog também possui um link direto para a página⁷⁴ da *Agência JCA* na rede social *Facebook* encontrada através do endereço eletrônico: <https://www.facebook.com/AgenciaJCA/> (Figura 10). A inserção de um link direto do blog para o *Facebook* é uma estratégia interessante de disseminação dos conteúdos concentrados no blog, uma vez que os blogs no contemporâneo não possuem grande expressividade diferentemente das redes sociais.

Figura 10 – Cabeçalho do *blog* da *Agência JCA*



Fonte: <<https://agenciajca.blogspot.com/>>. Acesso em: 23 mai. 2020.

De acordo com Castells (2015), os sites de redes sociais (SRS) mostraram-se uma tendência na sociedade e “estão se tornando plataformas para todos os tipos de atividades, não

⁷⁴ “As Páginas permitem que empresas, marcas, organizações e figuras públicas publiquem *stories* e se conectem com pessoas. Assim como os perfis, as Páginas podem ser personalizadas com *stories*, eventos e muito mais. As pessoas que curtem ou seguem uma Página podem receber atualizações no *Feed* de Notícias delas”. Disponível em: <<https://www.facebook.com/help/104002523024878>>. Acesso em: 03 out. 2019.

só para relações de amizade ou bate-papo, mas para distribuição de marketing, e-commerce, educação, criatividade cultural, mídia e entretenimento, aplicativos de saúde e ativismo sociopolítico” (CASTELLS, 2015, p. 40), como é o caso da *Agência JCA*. Na página do *Facebook*, que funciona como uma espécie de comunidade onde as pessoas interessadas por seu conteúdo, a *Agência JCA* conta com 1.874⁷⁵ curtidas e 1.915⁷⁶ pessoas que seguem o seu conteúdo.

A página é utilizada como forma de propagar, de maneira mais intensa, dadas as características da rede social, os conteúdos publicados no blog e os eventos desenvolvidos pela agência. Também divulgam os eventos, ações e cursos da UNIPOP e de entidades parceiras, além de outros que considerem de interesse do público e que tenha relação com as pautas defendidas por eles. Outra forma de se expressar, com relação às pautas defendidas, é o compartilhamento de conteúdo de outras páginas/instituições/coletivos/organizações.

Figura 11: Página do *Facebook* da Agência JCA



Fonte: <<https://www.facebook.com/AgenciaJCA/>>. Acesso em 17 ago. 2018.

Outra rede social na qual a *Agência JCA* possui uma conta é no *Instagram*, em que soma 696 seguidores⁷⁷. Sendo o *Instagram* uma rede social voltada, principalmente, para o compartilhamento de fotos e vídeos, as atividades da *Agência JCA* são direcionadas à divulgação de cursos, projetos e eventos e a cobertura destes, uma vez que a plataforma permite a transmissão audiovisual ao vivo.

Figura 12: Conta da Agência JCA na rede social *Instagram*

⁷⁵ Até o momento desta pesquisa. Registro realizado em 23 mai. 2020.

⁷⁶ Até o momento desta pesquisa. Registro realizado em 23 mai. 2020.

⁷⁷ Até o momento desta pesquisa. Registro realizado em 23 mai. 2020.



Fonte: <<https://www.instagram.com/agenciajca/>>. Acesso em: 23 mai. 2020.

Também possuo uma conta no *Twitter*, rede social que funciona como *microblogger*, com atualizações instantâneas na página do usuário. Esta conta pode ser encontrada na rede social através da pesquisa por *@agencia_jca*. Apesar de presente nesta rede social desde fevereiro de 2018, a *Agência JCA* não registra uma atuação significativa por este canal, contando com apenas 21 seguidores e 79 interações⁷⁸.

Figura 13: Conta da Agência JCA no Twitter



Fonte: <https://twitter.com/agencia_jca>. Acesso em: 03 de out. 2019.

⁷⁸ Até o momento desta pesquisa. Registro realizado em 23 mai. 2020.

Guardadas as devidas especificidades de cada plataforma, a *Agência JCA* encontra no ambiente digital uma forma mais livre e sem custos para realizar seus propósitos de mobilização e construção de outras narrativas acerca da juventude negra de Belém. A presença nas redes sociais também é significativa, pois estar mais próximo das juventudes facilita para que os conteúdos possam alcançá-los. Para Peruzzo (2005), o ambiente digital se configura como um novo ambiente de expressão, com capacidade para se exercitar a cidadania. Nas palavras de Peruzzo (2005) “o ciberespaço é um novo ambiente para se exercitar a cidadania comunicacional, facilitado pelas possibilidades oferecidas pela interatividade, pelo hipertexto e pela comunicação de todos com todos”. (PERUZZO, 2005, p. 34). Sobre esta questão, a autora ainda declara:

No contexto proporcionado pelo ciberespaço, ampliaram-se muito as possibilidades à comunicação popular, comunitária e alternativa, uma vez concebida como essência da comunicação dos movimentos sociais populares, ou seja, dos segmentos subalternizados organizados da população. Ela se renovou em sua linguagem, formato, importância e alcance. Passa por um processo intrínseco de reelaboração, incluindo o empoderamento das tecnologias de informação e comunicação a seu alcance. (PERUZZO, 2018, p. 93).

No entanto, precisamos considerar que a internet reflete as dinâmicas da sociedade. Para Castells (2015) o poder hegemônico se conformou também nesse novo ambiente digital

“(...) conforme a internet se expandia para se tornar o principal meio de comunicação da era digital, as grandes corporações passaram a dominar o seu negócio, e as companhias de telecomunicações globais moldaram as plataformas moveis de comunicação”. (CASTELLS, 2015, p. 30).

Discutindo sobre esta questão tendo como referência a Amazônia, Amorim *et al* (2015) afirmam que os grandes conglomerados de comunicação da região, como as Organizações Romulo Maiorana (ORM) e a Rede Brasil Amazônia de Comunicação encontram (RBA) potencializaram seu alcance também por meio da comunicação em rede com a “a utilização das diversas redes midiáticas, da tradicional à digital, uma complementando a outra” (AMORIM *et al*, 2015, p. 02). Assim, a atuação de meios de comunicação alternativa, como a *Agência de Notícias Jovens Comunicadores da Amazônia* precisam disputar suas narrativas contra hegemônicas também no ciberespaço, o que justifica de certa maneira a utilização de diversas plataformas que garantam uma maior difusão de seus conteúdos.

Dênis de Moraes (2007) reflete e analisa as inúmeras possibilidades e potencialidades das mídias alternativas na internet, porém, não deixa de reiterar o posicionamento de que somente a comunicação gestada nas redes digitais não vai produzir modificações na sociedade.

Importante deixar claro que a Internet não prevalece sobre metodologias consagradas de luta social, que continuam bastante necessárias. Reconhecer espaços novos na arena virtual em absoluto significa subordinar as batalhas políticas ao avanço tecnológico, ou ainda aceitar impulsos voluntaristas que subestimam mediações sociais e mecanismos clássicos de representação política. Estou convencido de que é no território físico, socialmente vivenciado, que se travam e se travarão as lutas decisivas por uma outra comunicação e um outro mundo possíveis. (DE MORAES, 2007, p. 17).

Este posicionamento de De Moraes (2007) se alinha ao trabalho desenvolvido pela *Agência JCA*, visto que as estratégias em defesa da juventude articuladas pelos jovens integrantes seguem tanto o espaço público quanto o ambiente digital. No que se refere a prática da comunicação alternativa na internet, Amorim *et al* afirmam que “... muitos atores sociais vêm utilizando o novo meio de comunicação como forma de alcançar um maior público e formar redes de colaboração para as suas causas. Eles participam da vida pública local/global, com ações e mobilizações cidadãs na Amazônia” (2015, p. 04).

É neste caminho que a atuação da *Agência JCA* se insere. Os meios de comunicação usados por eles funcionam como formas de demarcar sua presença na internet, mas não só, como observado os conteúdos alternativos produzidos possuem a qualidade de serem relativos as ações nas comunidade, periferias, e outros espaços conformando assim uma prática de comunicação alternativa alinhada com objetivos e estratégias políticas de mobilização que não estão apenas no ciberespaço.

É possível fazer uma aproximação da atuação da *Agência JCA* com as colocações de Castells (2015) acerca dos movimentos sociais em rede. Apesar do debate do autor se referir a movimentos que tiveram amplitude global, como a Primavera Árabe ocorrida em 2010, seus apontamentos demonstram pontos de aproximação com a forma com a qual a *Agência JCA* vem atuando na defesa das juventudes da periferia belenense, por exemplo, no que se refere à autonomia comunicativa. Assim como os movimentos sociais investigados por Castells, a *Agência JCA* possui uma característica de independência de grandes empresas de comunicação para desenvolver seus objetivos. A mobilização, chamamento e conscientização estão todas centralizadas e difundidas nos meios de comunicação próprios e no contato face-a-face realizados nas ações *in loco*.

Esse híbrido de ciberespaço e espaço urbano constitui um terceiro espaço que chamo de espaço de autonomia. Isso se dá porque a autonomia apenas pode ser garantida pela capacidade de organização no espaço livre das redes de comunicação, mas, ao mesmo tempo, somente pode ser exercitada como uma força transformadora quando desafia a ordem disciplinar institucional por meio da recuperação do espaço da cidade para seus cidadãos. Autonomia sem desafio se torna desistência. Desafio sem uma base permanente para a autonomia no espaço dos fluxos equivale a um ativismo descontínuo. Dessa maneira, o espaço da autonomia é a nova forma espacial dos movimentos sociais em rede. (CASTELLS, 2015, p. 49).

Com isto, a investigação agora irá tratar sobre a análise das práticas comunicativas alternativas da *Agência JCA* no que se refere aos conteúdos presentes no sítio virtual com o objetivo de compreender como configuram-se as dinâmicas de mobilização desenvolvidas em seus três anos de atuação. Como apresentados as 28 postagens sistematizadas foram categorizadas a partir de duas grandes temáticas: divulgação e registro de ações; e visibilização positiva da periferia belenense.

4.2.1 Divulgar, realizar e registrar: caminhos de mobilização e conscientização social na internet

Das 28 postagens sistematizadas por meio do blog da *Agência JCA*, 22 delas se caracterizam por tratar sobre atividades realizadas pelos jovens articuladores ou nas quais os jovens participaram em parceria com outras entidades do campo da defesa de direitos humanos na Região Metropolitana de Belém. Este movimento representa um esforço de publicização do trabalho que tem como objetivo garantir que estes cheguem ao público e ocasionem uma reflexão acerca da realidade apontada, podendo assim contribuir com a ampliação da cidadania e a busca por transformação de quadros de violência e violação de direitos das juventudes, em especial, da juventude negra que representa a juventude foco principal da atuação da *Agência JCA*.

A primeira postagem realizada no blog foi em 8 de novembro de 2016⁷⁹, ou seja, dois dias antes do lançamento oficial, que ocorreu no dia 10 de novembro. Como já demonstrado aqui, o lançamento da *Agência JCA* contou com uma programação com roda de conversa e atrações culturais que além de celebrarem a criação deste espaço já expressavam os propósitos com o qual o espaço estava sendo constituído, uma vez que as temáticas estavam relacionadas as juventudes negras, racismo e meio de comunicação.

⁷⁹ AGÊNCIA JCA. **UNIPOP e parceiros promovem o lançamento da Agência de Notícias em Belém.** Disponível em: <<http://agenciajca.blogspot.com/2016/11/unipop-e-parceiros-promovem-lancamento.html>>. Acesso em: 19 mai. 2020.

Figura 14 – Postagem sobre o lançamento da Agência JCA, 8 de novembro de 2016

UNIPOP e parceiros promovem lançamento da Agência de Notícias em Belém




Foto: Diego Teófilo

Por Ariane Barbora

Para somar com as diversas programações pautadas no contexto do mês da consciência negra, o Instituto Universidade Popular (UNIPOP), por meio do Programa: Juventude, Participação e Autonomia - JPA, irá realizar na próxima quinta-feira (10), no Porão Cultural da UNIPOP, às 18h, o lançamento da Agência Jovens Comunicadores da Amazônia, em parceria com o Fundo Brasil de Direitos Humanos. O evento será aberto com uma roda de conversa "As juventudes negras e os meios de comunicação" e diversas intervenções culturais de artistas que utilizam a arte como uma forma de protestar e denunciar o racismo e a desigualdade tão presente na sociedade.

A Agência de Notícias, se constituiu a partir de um grupo de jovens de entidades parceiras como o Coletivo Tela Firme, Rede de Jovens + Pará, Coletivo de Juventude Negra do Centro de Estudos e Defesa do Negro no Pará - CEDENPA, estudantes de comunicação, jornalista e educadores populares que vivenciaram processos educativos na Unipop. O objetivo dessa reunião é a constituição de um espaço de comunicação mobilizador contra o extermínio de jovens negro e pobres nas periferias, com o intuito de dar visibilidade a iniciativas positivas desenvolvidas por coletivos, grupos e organizações sociais.

Fonte: <<http://agenciajca.blogspot.com/2016/11/unipop-e-parceiros-promovem-lancamento.html>>. Acesso em: 19 mai. 2020.

O texto se caracteriza como de divulgação do evento e contém uma apresentação da *Agência JCA* e de seus objetivos, assim, funciona ao mesmo tempo como uma maneira de ser fazer conhecido e engajar o público para comparecimento na atividade. Destaca-se também que o texto escrito por Ariane Barbosa traz as falas de dois jovens que participaram do planejamento e criação da Agência de Notícias, Diego Teófilo e Naiane Queiroz demonstram, portanto, uma forte presença dos jovens nos processos, sendo estes a produzirem e falarem sobre seu trabalho.

Trazendo a articulação entre as plataformas digitais apontadas anteriormente, a postagem sobre o evento de lançamento foi compartilhada na página do *facebook*, também na rede social foi criada uma página para o evento de lançamento⁸⁰ (Figura 15). Esta funcionalidade permite que as pessoas confirmem sua participação ou demonstrem interesse pelo evento. A divulgação também contou ainda com a publicação de um vídeo contendo as

⁸⁰ Disponível em: <<https://www.facebook.com/events/336466260048149/>>. Acesso em: 19 mai. 2020.

informações do evento, como local, horário e a programação no *facebook*⁸¹ (Figura 16) e no *instagram*⁸².

Figura 15 - Página criada para o evento de lançamento da Agência JCA



Fonte: <<https://www.facebook.com/events/336466260048149/>>. Acesso em: 19 mai. 2020.

Figura 16 – Publicação de divulgação na página do *facebook* com um vídeo com as informações gerais do evento



Fonte: <<https://www.facebook.com/AgenciaJCA/videos/1162393687129707>>. Acesso em: 19 mai. 2020.

⁸¹ Disponível em: <<https://www.facebook.com/events/336466260048149/>>. Acesso em: 19 mai. 2020

⁸² Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/BMpXc9PgotX/>>. Acesso em: 19 mai. 2020

Em 18 de novembro de 2016 foi realizada a postagem com o registro dos acontecimentos do evento de lançamento com o texto intitulado “Uma Nova Trajetória”⁸³, escrito por Jorge Anderson. No texto o jovem relata de forma mais detalhada como ocorreu a programação do evento e entrevista uma das participantes, Ainá Caburé que fala sobre a importância da iniciativa.

A Jovem Ainá Caburé (27), moradora do bairro do Benguí e integrante do Grupo de Mulheres do Bengui, do coletivo Feminismo Periférico e do movimento de Mulheres do Fim do Mundo em entrevista destacou que “ficou grata pela iniciativa deste coletivo. Eu estava sem facebook, e foi através do grupo A Coisa que fui informada. Fiquei muito feliz em ver a autonomia de jovens que realizam esse tipo de trabalho. Bem como; a beleza gradual dos processos de empoderamento e florescimento dos sujeitos que se dispõem a estarem nesses espaços. Falar sobre Extermínio das Juventudes Negras nas grandes periferias me causa temor. Ando sem forças para usar redes sociais. Eu não consigo assistir Televisão, eu não consigo andar nas ruas sem que meu corpo fique tremendo, eu não consegui sequer assistir o vídeo até o fim proposto por vocês "Poderia ter sido você" do Tela Firme. Mas eu não desisti. Me calo para poupar minha mente e meu corpo. Mas é mais do que necessário que um projeto como a agência de notícias esteja firme na luta e nos ideais. É um alívio para minha alma”, finaliza. (AGÊNCIA DE NOTÍCIAS JOVENS COMUNICADORES DA AMAZÔNIA, 2016).

Por meio destas postagens relativas à primeira ação da *Agência JCA*, percebe-se a construção de um modelo que irá acompanhar a produção de conteúdo nos meios alternativos. O modelo se configura com conteúdos que buscam a *divulgação*, sendo estas postagens de textos no blog com as informações fazendo um chamamento das juventudes e público geral e a reprodução deste nas redes sociais, assim como de outros materiais como vídeos, folders, ilustrações e outros. Após isso, vem a *realização* da atividade em si que pode ser acompanhada de transmissões ao vivo nas redes sociais, como será mostrado em outras atividades, e com a cobertura fotográfica e audiovisual, em alguns casos. Por fim, efetua-se o “registro” que são postagens realizadas após as ações e têm como objetivo mostrar como ocorreram as atividades e também refletir sobre elas.

Este modo de organizar o trabalho está em concordância com as colocações realizadas neste estudo pela pesquisadora Cícilia Peruzzo (2009; 2013) acerca das potencialidades da comunicação alternativa quando esta se estabelece não apenas como um meio de difusão de informações, mas estando permeada por processos de mobilização no âmbito de organizações

⁸³ AGÊNCIA JCA. **Uma Nova Trajetória**. Disponível em: <<http://agenciajca.blogspot.com/2016/11/uma-nova-trajetoria-foto-vanessa-alves.html>>. Acesso em: 19 mai. 2020.

populares, movimentos e outros da sociedade civil que tenham em vista a ampliação de direitos.

Nas experiências de caráter popular-comunitário, a finalidade, em última instância, é favorecer a autoemancipação humana e contribuir para a melhoria das condições de existência das populações empobrecidas, de modo a reduzir a pobreza, a discriminação, a violência etc., bem como avançar na equidade social e no respeito à diversidade cultural. Contudo, a comunicação não se presta a fazer mudanças sozinha. A visão de uso dos meios meramente para difundir conteúdos educativos está superada. (PERUZZO, 2009, 134-135).

Construir espaços de mobilização e conscientização contra o extermínio da juventude negra foi um dos principais objetivos estabelecidos pelos jovens articuladores da *Agência JCA*, como já citado no decorrer desta pesquisa. De acordo com Toro e Werneck (1996) a mobilização social “ocorre quando um grupo de pessoas, uma comunidade ou uma sociedade decide e age com um objetivo comum, buscando, quotidianamente, resultados decididos e desejados por todos” (TORO; WERNECK, 1996, p. 05).

Esta perspectiva se encontra presente na atuação da *Agência JCA*, uma vez que é possível mapear, por meio das postagens presentes no blog, que eles realizaram e/ou participaram de diversas ações com o objetivo de debater e conscientizar as juventudes e as comunidades acerca das questões que envolvem o fenômeno do extermínio da juventude negra da periferia belenense. As ações levantadas foram:

Quadro 3 – Ações nas quais os jovens articuladores da *Agência JCA* estiveram presentes, fosse na organização ou participação, e que se encontram registradas no blog

Ano	Data	Ação
2016	17 nov.	Marcha fúnebre em memória dos 11 jovens assassinados na chacina de novembro de 2014
	09 e 10 nov.	Acampamento da juventude que teve como temática o combate a Proposta Constitucional 55, a chamada PEC do Teto dos Gastos Públicos e o extermínio de jovens negros da periferia
2017	11 fev.	I Ato contra o extermínio da juventude negra realizado no bairro da Cremação
	01 abr.	II Ato contra o extermínio da juventude negra realizado no bairro do Barreiro
	23 mai.	Lançamento da campanha “Jovem Negro Vivo” da Anistia Internacional realizado no auditório da Universidade Estadual do Pará (UEPA/Djalma Dutra)
	01 jul.	III Ato contra o extermínio da juventude negra realizado no bairro Val-de-Cans,
	19 set.	Audiência Pública com o tema “Extermínio das Juventudes Negra”

		realizada no bairro da Terra Firme
	02 dez.	I Encontro das Juventudes Amazônidas realizado na Escola de Teatro e Dança da Universidade Federal do Pará (ETDUFPA)
2018	14 dez.	II Encontro das Juventudes Amazônidas realizado no Núcleo de Oficinas do Curro Velho
	29 nov.	Caminhada “Levanta juventude” realizada no bairro da Terra Firme
2019	14 dez.	III Encontro das Juventudes Amazônidas realizado no Núcleo de Oficinas do Curro Velho

Fonte: A autora. Levantamento feito no *blog* da Agência JCA.

Observa-se que em três anos atuando em defesa da juventude negra na cidade de Belém a Agência JCA procurou de forma efetiva articular e debater por meio de atividades de diversas espécies, como encontros, atos e caminhadas, questões relacionadas a privação de direitos das juventudes. Com isto, alinham-se as premissas apontadas por Toro e Werneck (1996) sobre a compreensão dos sentidos que o trabalho de mobilização social na sociedade carregou. Segundo os autores toda mobilização é um ato com propósito definido que “pressupõe uma convicção coletiva da relevância”, assim como

Para que ela seja útil a uma sociedade ela tem que estar orientada para a construção de um projeto de futuro. Se o seu propósito é passageiro, converte-se em um evento, uma campanha e não em um processo de mobilização. A mobilização requer uma dedicação contínua e produz resultados quotidianamente. (TORO; WERNECK, 1996, p. 05)

Portanto, considera-se que Agência de Notícias Jovens Comunicadores da Amazônia ao realizar e articular de maneira contínua junto a outros movimentos, entidades e coletivos, ações em defesa das juventudes negras visam que o cenário geral vivenciado por estes jovens seja tensionado junto a sociedade. Também, as formas de desenvolvimento do trabalho com a comunicação alternativa seguindo o modelo apontado de *divulgação, realização e registro* constata o esforço de mobilização e conscientização que constitui o espaço da Agência JCA.

Como exemplo de desenvolvimento desse caminho de mobilização, conscientização, educação e luta tem-se ainda os conteúdos referentes aos “Atos contra o extermínio da juventude negra”. No total foram realizados três atos em bairros diferentes da Região Metropolitana de Belém e o esquema de postagens seguiu o padrão de um texto anterior e um posterior a realização da ação.

Para o I Ato realizado no bairro da Cremação o texto de divulgação escrito por Vanessa Alves⁸⁴ apresenta a importância da ação trazendo dados estatísticos sobre as mortes de jovens no Brasil. O texto é breve e tem como objetivo a convocação à participação. Já no texto de registro a autora Marinéia Ferreira⁸⁵ debate as questões que permeiam a temática, como o racismo estrutural presente na sociedade brasileira que fundamenta as estratégias de genocídio da população negra, destaca casos de assassinatos de jovens ocorridos na cidade de Belém, além de relatar como ocorreu a ação.

O genocídio da juventude negra é fruto do racismo institucional presente na sociedade e vem crescendo de forma considerável nos últimos quatro anos na cidade de Belém e regiões metropolitanas de todo país. Em 2014, por exemplo, cerca de seis adolescentes negros foram executados no bairro de Icoaraci. Em novembro deste mesmo ano, foram mais de dez jovens negros assassinados em diversos bairros da capital paraense. A mais recente violência aconteceu no dia 20 de janeiro de 2017, onde aproximadamente 35 adolescentes e jovens negros foram cruelmente exterminados na capital e no interior do estado, após a morte de um policial da Rota durante o seu serviço militar. Diante desse genocídio contra essa população, a Agência de Notícias Jovens Comunicadores da Amazônia, com apoio do Fundo Brasil de Direitos Humanos, promoveu no último sábado (11) o seu primeiro Ato contra o extermínio da juventude negra do Pará em conjunto com o Coletivo de Juventude Negra do Cedenpa no bairro da Cremação, periferia de Belém. (AGÊNCIA DE NOTÍCIAS JOVENS COMUNICADORES DA AMAZÔNIA, 2017).

Compreende-se assim a atenção à contextualização das causas que justificam a necessidade que se articulem estratégias de defesa das juventudes, em especial das juventudes negras que mais sofrem com o extermínio por conta do racismo. O objetivo é trazer as juventudes e a sociedade em geral à reflexão, por isso, os locais escolhidos para as manifestações também se revelam importantes, uma vez que articulados na periferia os jovens estão dialogando com seus pares e com adultos que também estão envolvidos nessa realidade, como demonstra o texto de registro⁸⁶ do II Ato realizado.

A coordenadora da Pastoral do Menor na comunidade do Barreiro, Andréa do Rosário, relatou a importância do ato para a mobilização da população. “Vai nos ajudar a sensibilizar os moradores da comunidade, que eles possam também saber sobre o extermínio da juventude na periferia”, declarou. Durante a caminhada, os organizadores do ato abordaram moradores e moradoras com objetivo de sensibilizá-los sobre o tema do extermínio de jovens negros nas periferias, sobretudo chamando

⁸⁴ AGÊNCIA JCA. **Ato mobiliza comunidade contra o extermínio de jovens negros**. Disponível em: <<http://agenciajca.blogspot.com/2017/02/ato-mobiliza-comunidade-contra-o.html>>. Acesso em 21 mai. 2020.

⁸⁵ AGÊNCIA JCA. **Ato denúncia o genocídio de jovens negros das periferias**. Disponível em: <<http://agenciajca.blogspot.com/2017/02/ato-denuncia-o-genocidio-de-jovens.html>>. Acesso em 21 mai. 2020.

⁸⁶ AGÊNCIA JCA. **Ato mobiliza comunidade contra extermínio de jovens negros em Belém**. Disponível em: <<http://agenciajca.blogspot.com/2017/04/ato-mobiliza-comunidade-contra.html>>. Acesso em 21 mai. 2020.

a atenção para o direito à vida das juventudes. (AGÊNCIA DE NOTÍCIAS JOVENS COMUNICADORES DA AMAZÔNIA, 2017).

Como vem sendo analisado, a *Agência JCA* busca fundamentar os seus debates e discussões em informações que esclareçam as juventudes e a sociedade sobre o que eles estão tratando. Isto demonstra de extrema importância, pois muitas vezes dados estatísticos, por exemplo, não são compreendidos pela maioria da população. Ou por outro lado como colocar a estas pessoas que é o racismo que leva os jovens negros serem os mais afetados pela violência e privação de direitos, se o que se coloca na sociedade é uma negação desta realidade.

Almeida (2018) afirma que “o racismo constitui todo um complexo imaginário social que a todo momento é reforçado pelos meios de comunicação, pela indústria cultural e pelo sistema educacional” (ALMEIDA, 2018, p. 51). Sendo assim, contrapor veementemente narrativas de negação do racismo torna-se fundamental na luta em defesa da juventude negra e é assim que a *Agência JCA* têm realizado seu trabalho como podemos evidenciar com os materiais veiculados na rede social *Instagram* utilizados como forma de mobilizar as pessoas para o III Ato contra o extermínio da juventude negra.

Figura 17 – Captura de tela do *feed* de fotos da conta da Agência JCA no *Instagram* mostrando as artes produzidas para divulgação do III Ato contra o extermínio da juventude negra



Fonte: <https://www.instagram.com/agencia_jca/>. Acesso em 21 mai. 2020.

Gomes e Laborne (2018) refletindo sobre o extermínio dos jovens negros da periferia afirmam que as perspectivas de libertação desse cenário apresentam-se mesmo pelos próprios jovens em articulação. Logo, pode-se afirmar que os jovens da *Agência JCA* se apresentam como atores sociais e estão incluídos nas lutas empreendidas pelas juventudes para mudar as narrativas de desigualdades sociais e raciais vivenciadas pela juventude negra da periferia.

Há um movimento novo no cenário protagonizado por esses jovens. A raça, usada e vista como fonte de extermínio pela sociedade, é por eles transformada e ressignificada como símbolo de afirmação, de luta e emancipação. Os cabelos crespos, as religiões de matriz africana, o mundo da cultura, da música, a entrada na universidade via cotas, o empreendedorismo negro e juvenil principalmente no mundo da comunicação e do design, são alguns dos espaços que têm sido tomados, hoje, pelos jovens negros e negras. Em todos esses espaços eles levam a denúncia: Parem de nos matar. (GOMES; LABORNE, 2018, p. 22)

Esta visão apresentada pelas autoras vai ser encontrada ainda nos textos dos demais atos, assim como as características de debate ao trazer dados e informações que explicam e justificam a luta em defesa das juventudes negras. Destaca-se aqui também uma outra questão apontada por Gomes e Laborne (2018) que é a utilização da música como forma de enfrentamento: “a música é um espaço de fala e grito, de denúncia e de anúncio. Suas duras letras de música são um brinde para a vida, na medida em que descrevem com tamanho realismo tanta ameaça de morte e o seu desejo de viver” (GOMES; LABORNE, 2018, p. 22).

As apresentações culturais, geralmente com grupos de hip-hop e dança, fizeram parte de quase todos os atos realizados pela *Agência JCA*. No III Ato os textos de divulgação⁸⁷ e registro⁸⁸ mostram as participações de jovens MC's que compõe a cena hip-hop na cidade de Belém e têm em a questão racial em suas rimas e do Grupo de Dança Stillus. Nas imagens a seguir vemos o cartaz de divulgação do ato e a postagem de registro, com destaque para a foto da batalha de MC's.

⁸⁷ AGÊNCIA JCA. **Ato mobiliza comunidade contra o extermínio da juventude negra**. Disponível em: <<http://agenciajca.blogspot.com/2017/06/ato-mobiliza-comunidade-contra-o.html>>. Acesso em: 23 mai. 2020

⁸⁸ AGÊNCIA JCA. **Ato denúncia o extermínio da juventude negra**. Disponível em: <<http://agenciajca.blogspot.com/2017/07/ato-denuncia-o-extermínio-da-juventude.html>>. Acesso em: 23 mai. 2020

Figura 18 – Cartaz de divulgação do III Ato contra extermínio da juventude negra realizado pela Agência JCA




Fonte: <<http://agenciajca.blogspot.com/2017/06/ato-mobiliza-comunidade-contr-o.html>>. Acesso em: 21 mai. 2020.

Figura 19 – Cartaz de divulgação do III Ato contra extermínio da juventude negra realizado pela Agência JCA

Ato denuncia o extermínio da juventude negra

Por Marineia Ferreira, Lara Costa e Delliane de Lima (colaboração) | Agência de Notícias Jovens Comunicadores da Amazônia.
Fotos: Jean Brito



O Instituto Universidade Popular (Unipop) através da Agência de Notícias, em parceria com o Fundo Brasil de Direitos Humanos e Ação Mundo Coletivo, realizou no último sábado (01), um ato contra o extermínio da juventude negra. A ação aconteceu na Praça do Marex e teve como principal objetivo sensibilizar a comunidade local sobre o tema e denunciar a violência física e simbólica sofrida pelos jovens negros. O evento contou com a participação de jovens de diversos bairros, além de apresentações de coletivos e grupos artísticos.

Este é o terceiro ato contra o extermínio de jovens negros promovido pela Unipop. De acordo com o educador, Diego Teófilo, esse ato além de chamar atenção da comunidade para a violência, visa também dar oportunidades para outros grupos sociais debaterem sobre o assunto. "O objetivo do ato além de buscar sensibilizar a comunidade presente na praça, foi também abrir espaço para ONGs, grupos, coletivos, redes e artistas de rua mostrarem o contra ponto da violência, através da autonomia, conhecimento e participação de mulheres e homens que lutam diariamente contra o racismo institucional por meio de seus trabalhos sociais e da arte", disse ele.

A Representante da Rede de Mulheres Negras, Sabrina Souza, participou do ato e atenta para a violência contra a mulher negra. "Quando uma de nós sofre algum tipo de violência, todas as outras mulheres negras sofrem com isso também porque a violência contra a mulher branca

Fonte: <<http://agenciajca.blogspot.com/2017/07/ato-denuncia-o-extermínio-da-juventude.html>>. Acesso em 29 nov. 2018.

As atividades frisadas até aqui (lançamento e atos) como já apontado nesta pesquisa e também pela coordenadora Patrícia Cordeiro foram possibilitadas a partir dos recursos disponibilizados pelo Fundo Brasil de Direitos Humanos. O projeto aprovado pela fundação contava ainda com o objetivo de realizar uma Audiência Pública que ocorreu no dia 19 de setembro de 2017, às 18 horas, na quadra da Paróquia São Domingos de Gusmão, localizada na Av. Celso Malcher, bairro da Terra Firme.

O texto de divulgação⁸⁹ escrito pelo jovem Alexandre Soares enfatiza o tema que guiaria a audiência pública: extermínio da juventude negra. E como os outros textos da *Agência JCA* faz uma reflexão contextualizada sobre a temática, assim como apresenta os objetivos das juventudes ao articularem a ação.

O objetivo da Audiência é provocar a sociedade civil e chamar a atenção do poder público sobre as formas de Extermínio das Juventudes Negras. Assim, mostrando quem são esses jovens, negros, que a todo momento são vitimados na periferia, pelo o estado, e também, dar voz a sociedade civil, sendo uma Audiência que vai na contra mão das que são realizadas no Parlamento. Conscientizando a comunidade, em especial a da Terra Firme, sobre essas ocorrentes mortes e discursos retóricos que são impostos e reproduzidos na periferia. (*AGÊNCIA DE NOTÍCIAS JOVENS COMUNICADORES*, 2017).

Interessante notar como as ações foram pensadas para que a sociedade e, mais especificamente, as juventudes fossem capazes de dialogar acerca da temática apresentada. Ao propor uma audiência pública no bairro periférico da Terra Firme a *Agência JCA* tenta aproximar os debates e discussões políticas que são realizados geralmente em espaços do poder público dos jovens da periferia que podem, se sentirem-se estimulados, colocar suas questões e demandas para os representantes públicos presentes.

No texto de registro intitulado “Ausência de políticas públicas: um gatilho para o extermínio da vida negra”⁹⁰ foi possível levantar que estiveram presentes na audiência representantes da Secretaria de Segurança Pública do Estado do Pará, da Comissão de Direitos Humanos e Igualdade Racial da OAB/PA e Frente Parlamentar de Juventude e Comissão de Direitos Humanos da Assembléia Legislativa do Pará. Em entrevista dada para o texto, a jovem articuladora da Agência JCA afirmou:

O bairro da Terra Firme é vítima de um processo de discriminação, marginalização e como se já não bastasse, de chacinas. A comunidade pôde participar da Audiência

⁸⁹ Conferir em: <<http://agenciajca.blogspot.com/2017/09/unipop-e-organizacoes-parceiras.html>>.

⁹⁰ Agência JCA. Ausência de políticas públicas: um gatilho para o extermínio da vida negra. Disponível em: <http://agenciajca.blogspot.com/2017/09/ausencia-de-politicas-publicas-um.html>. Acesso em: 23 mai. 2020.

Pública feita por jovens da periferia conhecedores e vítimas de um sistema discriminatório, vozes foram ouvidas por parte dos Representantes do Poder público à espera de uma resposta, proposta e ação na mudança do nosso quadro social que cada vez mais fica sangrento, tornando jovens em especial a juventude negra vítimas de um apartheid social. (AGÊNCIA DE NOTÍCIAS JOVENS COMUNICADORES DA AMAZÔNIA, 2017).

Na ocasião da audiência pública houve a leitura de uma carta-protesto escrita pela jovem ativista negra Maynara Santana, integrante do Coletivo de Juventude Negra do Centro de Defesa e Estudos do Negro do Pará (CEDENPA), um dos coletivos parceiros da *Agência JCA* na construção da ação. O texto chamado “Sobre Vidas Negras” apresentado na audiência foi postado na íntegra em postagem realizada no blog no dia 04 de outubro de 2017.

Figura 20 – Carta-protesto escrita e lida na Audiência Pública por Maynara Santana

Hoje pela manhã pensei no assunto que passeia sobre a minha existência: Extermínio da Juventude Negra. Estávamos eu e meu companheiro, falando sobre como a insegurança te priva de viver, conversávamos sobre o momento de agora, esta noite. Sobre a minha vivência enquanto mulher preta, vinte e cinco anos, com um pé para fora da universidade, dona do próprio negócio, cercada de privilégios, mas que também cresceu em uma periferia da cidade, e sabe qual é o papo desse lugar! E SABE! SABE ESTRUTURALMENTE FALANDO! Consegue se ler dentro dessa hierarquia de poder onde o Estado mata preto todo dia! Onde vidas negras são números, dígitos, alguns poucos deles, me refiro a valor. Mas o que é mesmo valor? Valor, dentro dessa sociedade capitalista é algo que eu quantifico! A Deusa Elza (Soares) é muito pontual quando canta: A carne mais barata do mercado é a carne negra! Enquanto escrevo isso sinto meus dedos pesarem de maneira que somente este tema faz pesar. Ouço meninos pretos conversando em minha cozinha. Um é bicha preta, afeminado, ousado! O Richard é um alvo gigante certo para essa sociedade que odeia e tem como doente uma pessoa que aceita amar quem Ela quiser. Que odeia, mais ainda, “bicha preta”, afeminada, e que sabe exatamente o valor que tem mesmo a sociedade lhe ridicularizando e silenciando suas vivências todos os dias.

O outro é um menino lindo, morador do Guamá. E quando eu falo da beleza do Black eu me permito falar sobre estética preta! O quanto é resistência, o quanto é demarcadora e representativa! é como se nós conseguíssemos ver a possibilidade do nosso sucesso no outro. Entendeu como é importante ressaltarmos a beleza, não tão somente a beleza mas as qualidades dos nossos pares? Como é importante sentir-se pleno em uma sociedade que todos os dias nos diz que não existe beleza, criatividade, inteligência, engenhosidade em absolutamente nada que o povo escravizado da África trouxe para esse continente.

Imagina, se nós soubéssemos dos reinos, palácios, tecnologias, culturas e línguas criadas por africanos! Imagina se nós soubéssemos que África é um continente!? Rico em tudo! Estou falando de absolutamente tudo mesmo! África, berço do mundo! Continente que o homem branco europeu, na sua corrida para dominar o mundo, espoliou, traficou, desumanizou e transformou em mão de obra escrava num país do outro lado do mundo.

Imagina só, você do outro lado do mundo, objeto de homens soberbos que se acham (até hoje) donos do mundo inteiro, que não se importam em construir suas riquezas tendo como solo milhares de corpos e rios de sangue de homens, mulheres e crianças que durante séculos sofreram uma das piores violações já submetidas à humanidade: A escravidão humana dos africanos!

O genocídio do jovem negro passa a ter um peso ainda maior quando visto do espectro da história não é mesmo? Soa como algo planejado, arquitetado, caso pronto, feito, crime perfeito orquestrado pelo maestro mais cruel de todos os tempos: O RACISMO!

Maynara Santana

Fonte: <http://agenciajca.blogspot.com/2017/10/sobre-vidas-negras-por-maynara-santana_4.html>. Acesso em 22 mai. 2020.

A postagem do texto de Maynara Santana no blog nos remete a mais uma das possíveis estratégias da *Agência JCA*. A publicização aponta para a importância dada pelos articuladores da *Agência JCA* a um texto-protesto escrito por uma jovem negra que entende e vivencia a realidade presente nas periferias da cidade, assim como as táticas do racismo cotidiano que incide sobre os jovens negros. Dar ao texto uma postagem garante que jovens que não estiveram presentes na Audiência Pública também tenham acesso ao seu conteúdo. E o conteúdo do texto alinha-se perfeitamente a todos os objetivos observados até o momento que guiam e delineiam a atuação das juventudes da *Agência JCA*.

O texto é incisivo em destacar a concepção estrutural do racismo (ALMEIDA, 2018) quando a jovem, inclusive, utiliza-se da palavra “estruturalmente” dando a entender que conhece, reconhece e vivencia, como destaca posteriormente, o racismo como um processo político, histórico e também “um processo de constituição de subjetividades” (ALMEIDA, 2018, p. 49) que condiciona a vida da população negra brasileira. Retomando a ênfase a questão do racismo enquanto elemento estruturante da sociedade, Almeida declara:

Em resumo: o racismo é uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo “normal” com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional. O racismo é estrutural. Comportamento individuais e processos institucionais são derivados de uma sociedade cujo *racismo é regra e não exceção*. (ALMEIDA, 2018, p. 38, grifo do autor).

Bem como Maynara Santana, integrante do Coletivo de Juventudes do CEDENPA, diversos outros jovens e também adultos representantes de entidades que desenvolvem um trabalho de defesa dos direitos humanos somam a *Agência JCA* nas ações desenvolvidas. Do mesmo modo, os jovens articuladores participam e produzem conteúdos sobre eventos, debates e manifestações dessas entidades parceiras. Das onze ações mapeadas no blog, quatro foram lideradas por outras entidades com a *Agência JCA* atuando em parceria.

Um exemplo foi a Marcha Fúnebre realizada em memória dos 11 jovens assassinados na chacina ocorrida em novembro de 2014. A Marcha⁹¹, convocada pelo Movimento Direitos Humanos Contra a Violência e pela Vida (Dhavida), reuniu diversos movimentos sociais, entre eles os jovens da *Agência JCA*, que caminharam da Escadinha do Cais do Porto de

⁹¹ AGÊNCIA JCA. **Movimentos sociais realizam marcha contra mortes nas periferias de Belém**. Disponível em: <<https://agenciajca.blogspot.com/2016/11/movimentos-sociais-realizam-marcha.html>>. Acesso em 29 nov. 2018.

Belém, localizada na Av. Mal. Hermes até o Ministério Público Estadual e Assembleia Legislativa do Estado do Pará (ALEPA).

Figura 21 – Postagem sobre a Marcha Fúnebre no blog da *Agência JCA*

Movimentos sociais realizam marcha contra mortes nas periferias de Belém




Foto: Diego Teófilo

Uma marcha silenciosa em memória aos 2 anos da chacina de Belém, que vitimou 11 jovens nas periferias nos dias 04 e 05 de novembro de 2014.

*Por Ariane Barbosa**

Na manhã de quinta (17), movimentos sociais, coletivos, grupos, redes e familiares de vítimas de diversas chacinas ocorridas em Belém, participaram da marcha fúnebre em memória do trágico novembro sangrento que aconteceu no ano de 2014, vitimando 11 jovens, após o assassinato de um policial. A caminhada saiu da escadinha do Cais, dirigindo-se até o Ministério Público Estadual, finalizando na Assembleia Legislativa do Estado do Pará (Alepa), a ação foi chamada pelo Movimento Direito Humanos Contra a Violência e pela Vida (Dhavida).

Novembro de 2014 ficou marcado com as violentas mortes pelas mãos da milícia, após o assassinato de um cabo da polícia militar no bairro do Guamá. Desde o ocorrido, familiares das vítimas estão sem uma resposta em relação à identificação e julgamentos dos responsáveis pelos crimes, e a população na periferia continua sofrendo com a ausência de políticas de segurança pública, permanecendo num ambiente de medo e vulnerabilidade. A mãe do jovem Jefferson Cabral, morto no bairro da Terra firme, relatou “a minha vida mudou muito nesses 2 anos, sem resposta de ninguém até agora e quem sofre é todos nós. É uma saudade, é uma dor só sabem que perdeu e mais ninguém”.

Fonte: <<http://agenciajca.blogspot.com/2016/11/movimentos-sociais-realizam-marcha.html>>. Acesso em 29 nov. 2018

Com relação a estas ações, os textos geralmente são apenas de registro com a qualidade de apresentar o objetivo das atividades, relatar e refletir sobre a experiência. Foram assim os conteúdos produzidos sobre a Caminhada “Levanta juventude”⁹², realizada no bairro da Terra Firme da 25ª Marcha do Grito dos Excluídos⁹³ que percorreu as ruas do centro de

⁹² AGÊNCIA JCA. “A milícia da polícia está matando a perifa, levanta quero ver a perifa levantar”. Disponível em: <<http://agenciajca.blogspot.com/2019/12/milicia-da-policia-esta-matando-perifa.html>>. Acesso em: 23 mai. 2020.

⁹³ AGÊNCIA JCA. Os gritos ecoam nas ruas de Belém no 25º Grito dos Excluíd@s. Disponível em: <http://agenciajca.blogspot.com/2019/09/os-gritos-que-ecoam-nas-ruas-de-belem_11.html>. Acesso em: 23 mai. 2020.

Belém, do Acampamento da Juventude⁹⁴ realizada na sede do Movimento de Emaús no bairro do Benguí e do Lançamento da Campanha da Anistia Internacional “Jovem Negro Vivo”⁹⁵ realizado em Belém.

A práxis comunicativa alternativa da *Agência JCA* se apresenta bastante relevante de acordo com os objetivos aos quais se propõe. As práticas comunicativas direcionadas ao ambiente digital, representado pela internet, apontam que caminhos de mobilização social das juventudes e sociedade em geral, assim como representantes do Estado possam ter sido construídos por meio das estratégias de atuação da Agência *JCA* possibilitando que esses públicos fossem informados e sensibilizados para olhar, refletir e somar a luta em defesa da juventude negra da periferia de Belém. Certamente que não se pode precisar que as estratégias investigadas aqui garantam uma ampla participação social, o trabalho de mobilização social possui diversos desafios e nuances, no entanto, é pertinente apontar a contribuição do trabalho desenvolvido pelos jovens articuladores da *Agência JCA* na internet buscando sempre reverberar suas ações e de parceiros.

As postagens referentes aos “Encontros das Juventudes Amazônidas” não foram destacados na investigação deste tópico, pois estarão presentes no subitem 4.3 que irá tratar mais especificamente destas ações. No próximo item destacam as estratégias de visibilidade propostas por meio da produção de conteúdo sobre iniciativas e coletivos de jovens que desenvolvem um trabalho de defesa de direitos humanos e da juventude negra dentro das periferias da Região Metropolitana de Belém.

4.2.2 Mapear e visibilizar: práticas positivas das juventudes nas periferias de Belém

No projeto da *Agência de Notícias Jovens Comunicadores da Amazônia* que foi aprovado pelo Fundo Brasil de Direitos Humanos constava a realização de um mapeamento de iniciativas das periferias de Belém que atuassem em favor das juventudes negras. Nesse sentido, se destacam no blog três coletivos de jovens: O Coletivo de Juventudes do Centro de Defesa e Estudos do Negro do Pará (CEDENPA), a Rede de Mulheres Negras de Belém e o coletivo de comunicação popular Tela Firme.

⁹⁴ AGÊNCIA JCA. **Acampamento reúne e mobiliza jovens de Belém e região.** Disponível em: <<http://agenciajca.blogspot.com/2016/12/acampamento-reune-e-mobiliza-jovens-de.html>>. Acesso em: 23 mai. 2020.


⁹⁵ AGÊNCIA JCA. **Campanha Jovem Negro Vivo, da Anistia Internacional, chega à Belém.** Disponível em: <http://agenciajca.blogspot.com/2017/05/campanha-jovem-negro-vivo-da-anistia_19.html>. Acesso em: 23 mai. 2020.

Cada uma das iniciativas foi apresentada por meio de um texto no blog. Em 16 de novembro de 2016 o texto intitulado “É uma questão de cor”⁹⁶ escrito por Marinéia Ferreira trata sobre as atividades do Coletivo de Juventudes do CEDENPA, sua constituição e destaca a importância do trabalho desenvolvido que tem como uma de suas premissas o incentivo ao reconhecimento e afirmação da identidade negra. O nome dado a postagem faz referência principalmente a esta questão.

Hoje, este Centro conta com um coletivo de mais de 30 jovens negros e negras, que atuam no processo de mobilização por direitos, reconhecimento e afirmação da identidade negra e construção de vínculos dos/as moradores/as do bairro da Cremação, em Belém. (AGÊNCIA DE NOTÍCIAS JOVENS COMUNICADORES DA AMAZÔNIA, 2017)

Figura 22 – Texto sobre o Coletivo de Juventude do Centro de Defesa e Estudos do Negro do Pará (CEDENPA)

É UMA QUESTÃO DE COR



Coletivo de Juventude Negra do CEDENPA

Por: Marinéia Ferreira*

A todo o momento um jovem é morto no país e, assim como em outros estados, o Pará vem registrando vários tipos de violência contra a juventude negra, que vai desde uma revista policial a homicídios. A exemplo disso, em novembro de 2014 uma chacina ocorrida em bairros periféricos de Belém vitimou onze jovens pobres, a maioria era negra. Completando dois anos do ocorrido, nenhuma resposta de punição foi dada à sociedade. Até agora somente o Relatório da CPI das Milícias, elaborado pela Assembleia Legislativa do Estado, foi divulgado.

Corpos são encontrados em vielas, becos, ruas, em qualquer lugar e a qualquer hora. Sabe-se, portanto, que essa juventude tem identidade, cor e endereço: homens negros, com idade entre 12 a 29 anos e moradores da periferia.

Hoje, os meios de comunicação tradicionais concentram suas narrativas no sentido de criminalizar as juventudes, apesar de a sociedade estar repleta de importantes movimentos protagonizados por jovens ativistas. Em contrapartida, a **Agência de Notícias Jovens Comunicadores da Amazônia** se constitui como um espaço de mobilização contra o extermínio de jovens, além de dar visibilidade a práticas positivas, desenvolvidas por coletivos, grupos e organizações sociais nas periferias de Belém.

A criação de políticas públicas de redução à violência se faz urgente e necessária para que as juventudes continuem vivas. A promoção de inclusão social e cultural fortalece os espaços

Fonte: <<http://agenciajca.blogspot.com/2016/11/e-uma-questao-de-cor.html>>. Acesso em: 24 mai. 2020.

⁹⁶ AGÊNCIA JCA. **É uma questão de cor**. Disponível em: <<http://agenciajca.blogspot.com/2016/11/e-uma-questao-de-cor.html>>. Acesso em: 24 mai. 2020.

A identidade negra também foi trazida na apresentação da Rede de Mulheres Negras de Belém. É interessante notar o espaço dado a esta iniciativa que, como apresenta o texto “Em rede, com e pelas mulheres negras”⁹⁷, alia em sua luta a questão de gênero e de identidade racial que também encontra-se com a temática do extermínio da juventude negra uma vez que, como citado anteriormente, as estratégias racistas que preveem a eliminação da juventude perpassa um série de violações que se observadas têm sempre o sujeito negro ou negra como foco, como é o caso das estatísticas que afirmam que as mulheres negras sofrem mais que as mulheres brancas no que concerne a violência doméstica⁹⁸ e também a violência obstétrica⁹⁹.

A rede é um uma forma de fortalecer a luta feminista antirracista e, contribuir para o empoderamento das integrantes afirmando positivamente a construção de sua identidade afro-amazônica, assim como o combate das diferentes opressões que atravessam a realidade das mulheres negras. (AGÊNCIA DE NOTÍCIAS JOVENS COMUNICADORES DA AMAZÔNIA, 2017).

⁹⁷ AGÊNCIA JCA. **Em rede, com e pelas mulheres negras**. Disponível em: <<http://agenciajca.blogspot.com/2017/02/em-rede-com-e-pelas-mulheres-negras.html>>. Acesso em: 23 mai. 2020.

⁹⁸ AZMINA. **Entre o machismo e o racismo**: mulheres negras são as maiores vítimas de violência. O que a frieza dos números deixa evidente é que a raça é determinante para suas histórias. Disponível em: <<https://azmina.com.br/especiais/entre-machismo-e-racismo-mulheres-negras-sao-as-maiores-vitimas-de-violencia/>>. Acesso em: 23 mai. 2020.

⁹⁹ ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE SAÚDE COLETIVA (ABRASCO). **Mulheres negras sofrem mais violência obstétrica**. Disponível em: <<https://www.abrasco.org.br/site/noticias/8m-mulheres-negras-sofrem-mais-violencia-obstetrica/45463/>>. Acesso em: 24 mai. 2020.

Figura 23 – Texto de visibilização da iniciativa Rede de Mulheres Negras de Belém

Em rede, com e pelas mulheres negras

Por Marinéia Ferreira*



Foto: Divulgação/facebook

A **Rede de Mulheres Negras** foi criada o dia 23 de setembro de 2015, após um seminário de mulheres negras ocorrido na Universidade Federal do Pará (UFPA), a partir do evento, uma das fundadoras da rede, Samy Maria, ficou com a responsabilidade de convocar várias mulheres para participarem da Marcha das Mulheres Negras que foi sediada em Brasília. Na volta para a capital paraense as idealizadoras da rede decidiram agregar as mulheres pós-marcha e, a partir deste momento, elas construíram o I Seminário de Mulheres Negras da UFPA, ainda em 2015. Entretanto, houve a necessidade de organiza-las para discutir sobre as suas especificidades e problemas em comum, diante disso surgiu a mesma.

A rede é uma forma de fortalecer a luta feminista antirracista e, contribuir para o empoderamento das integrantes afirmando positivamente a construção de sua identidade afro-amazônica, assim como o combate das diferentes opressões que atravessam a realidade das mulheres negras.



Fonte: <<http://agenciajca.blogspot.com/2017/02/em-rede-com-e-pelas-mulheres-negras.html>>. Acesso em: 23 mai. 2020.

O entendimento do racismo como um processo presente na sociedade contemporânea é o que possibilita a compreensão de todos os atravessamentos pelos quais a juventude negra precisa se mobilizar e lutar. Apesar do fenômeno de homicídios que atingem jovens negros ser bastante pontuado por causa dos índices estatísticos alarmantes, esta realidade não é a única e soma-se a outras, como as apontadas sobre as violências contra as mulheres negras, além de espalharam por inúmeros outros aspectos da vida produzindo um sistema complexo de desigualdade e discriminação, como salientaram Bento e Beghin:

Ou seja, as distâncias que separam negros de brancos, nos campos da educação, do mercado de trabalho ou da justiça, entre outros, são resultado não somente de discriminação ocorrida no passado, da herança do período escravista, mas também de um processo ativo de preconceitos e estereótipos raciais que legitimam, diuturnamente, procedimentos discriminatórios. As consequências da permanência das desigualdades raciais são dramáticas para a sociedade brasileira. De um lado, naturaliza-se a participação diferenciada de brancos e negros nos vários espaços da

vida social, reforçando a estigmatização sofrida pelos negros, inibindo o desenvolvimento de suas potencialidades individuais e impedindo o usufruto da cidadania por parte dessa parcela de brasileiros à qual é negada a igualdade de oportunidades que o país deve oferecer a todos. De outro lado, o processo de exclusão vivido pela população negra compromete a evolução democrática do país e a construção de uma sociedade mais coesa e justa. (BENTO; BEGHIN, 2005, p. 195).

Diante desse cenário, o posicionamento adotado até então de considerar o racismo como processo inerente a sociedade contemporânea presente na estrutura das relações sociais, políticas, jurídicas, econômicas, entre outras, demonstra a necessidade de compreensão também de uma característica do racismo que dita questões imprescindíveis na realidade da população negra, e mais especificamente, da juventude negra, o racismo institucional. De acordo com Werneck (2013), “o racismo institucional ou sistêmico opera de forma a induzir, manter e condicionar a organização e a ação do Estado, suas instituições e políticas públicas – atuando também nas instituições privadas, produzindo e reproduzindo a hierarquia racial”. (WERNECK, 2013, p. 17).

Esta perspectiva tensiona de modo pertinente a discussão que vem sendo empreendida até aqui. Uma vez que o racismo condiciona os processos no âmbito da organização e ação de instituições presentes na sociedade é possível ponderar e refletir como se estabelecem as desigualdades e discriminações presentes na vida dos jovens negros que carregam, diante de uma sociedade racista, características raciais (negros) e sociais (pobres residentes de áreas periféricas) que os demarcam e os sujeitam mais intensamente a esses processos. Refletindo sobre o racismo institucional Silva (2017) afirma que

O conceito de racismo institucional permite uma melhor percepção acerca dos mecanismos de produção e reprodução das desigualdades raciais, inclusive no que tange às políticas públicas. Sua utilização amplia as possibilidades de compreensão sobre o tratamento desigual, assim como permite identificar um novo terreno de enfrentamento das iniquidades no acesso e no atendimento de diferentes grupos raciais dentro das políticas públicas, abrindo novas frentes de combate ao preconceito e à discriminação, assim como novos instrumentos de promoção da igualdade racial. (SILVA, 2017, p. 131).

Desse modo, a importância dada pela *Agência JCA* no mapeamento e visibilização de práticas positivas desenvolvidas pelas juventudes nas periferias de Belém representa uma contribuição significativa para o trabalho de luta em favor destas juventudes. Contribuição que pode ser observada a partir de dois pontos: um já apontado que é a visibilidade dada a estas iniciativas através do meio de comunicação alternativa da Agência JCA e o segundo é o estabelecimento de relações de parcerias que simbolizam uma maior possibilidade de

mobilização e conscientização entre as juventudes o que contribui na luta em defesa das juventudes negras da cidade de Belém.

O estabelecimento de parcerias para a mobilização pode ser reiterado, por exemplo, com a visibilização dada ao coletivo de comunicação popular do bairro da Terra Firme, o Tela Firme. No texto intitulado “Tela Firme: é Nós na Tela”¹⁰⁰ Alexandre Soares e Paloma Melissa conversaram com membros do coletivo sobre o trabalho desenvolvido por eles por meio do audiovisual. Destaca-se um trecho do texto:

O Tela Firme é um coletivo que inicia seu trabalho no ano de 2014, com a iniciativa da necessidade que os componentes têm em mudar a forma como o lugar é visto e mencionado nos grandes veículos de comunicação de massa, que em sua maioria, através das matérias divulgadas, criminalizam o bairro e seus moradores, o que acaba criando estereótipos de um espaço violento. Segundo a membro Tela Firme, Ingrid Louzeiro, a princípio era um canal comunitário na internet que passava informação para visibilizar o bairro da terra firme “Nosso primeiro objetivo foi transformar aquele pensamento que ‘só mora bandido, ladrão e tal’. Daí resolvemos mostrar que a situação não é assim, que na terra firme existem várias pessoas trabalhadoras, estudantes e muita cultura, ou seja, desmitificar esse pensamento. E transformamos um projeto audiovisual em um coletivo de mídia”, conta Ingrid. (AGÊNCIA DE NOTÍCIAS JOVENS COMUNICADORES DA AMAZÔNIA, 2017).

Outras publicações que representam o estabelecimento de parcerias entre os jovens da Agência JCA e iniciativas que tem como horizonte a transformação da sociedade e a ampliação de direitos são os textos “Dos movimentos a garantia e efetivação de direitos na Universidade”¹⁰¹ e “QuilomBOX: uma ferramenta de combate ao genocídio da juventude negra.”¹⁰².

Figura 24 – Texto sobre o Fórum Permanente de Discussão, Acompanhamento e Avaliação das Cotas na UFPA

¹⁰⁰ AGÊNCIA JCA. **Tela Firme: é Nós na Tela**. Disponível em: <<http://agenciajca.blogspot.com/2017/10/tela-firme-e-nos-na-tela.html>>. Acesso em: 24 mai. 2020.

¹⁰¹ AGÊNCIA JCA. **Dos movimentos a garantia e efetivação de direitos na Universidade**. Disponível em: <<http://agenciajca.blogspot.com/2017/03/dos-movimentos-garantia-e-efetivacao-de.html>>. Acesso em: 24 mai. 2020.

¹⁰² AGÊNCIA JCA. **QuilomBOX: uma ferramenta de combate ao genocídio da juventude negra**. Disponível em: <<http://agenciajca.blogspot.com/2017/11/quilombox-uma-ferramenta-de-combate-ao.html>>. Acesso em: 24 mai. 2020.

Dos movimentos a garantia e efetivação de direitos na Universidade

Por Naiane Queiroz * e Andrei Ribeiro (colaboração) **



Foto: reprodução blog

Criar canais de diálogos entre a Universidade pública e a sociedade civil tem sido um enorme desafio, sobretudo, quando se propõe a romper com a lógica de que determinados setores somente são utilizados como objeto de pesquisas e outros trabalhos no campo acadêmico. É neste contexto que a partir da realização do I Seminário sobre cotas na UFPA: diferenças SIM, desigualdades NÃO, em maio de 2013, surgiu o Fórum Permanente de Discussão, Acompanhamento e Avaliação das Cotas na UFPA, como um espaço voltado para o fortalecimento da relação entre universidade e comunidade.

A partir de então o fórum vem articulando diversos atores da sociedade civil ligados a ONG's, coletivos populares, redes, fóruns, estudandes, entre outros. O envolvimento destes setores vem contribuindo positivamente na comunidade acadêmica e na própria sociedade civil que passa a ter um outro papel, no acompanhamento da efetivação das políticas de cotas na Universidade Federal do Pará.

Alexandre Pimenta, estudante de direito, integrante do Grupo Conexões de Saberes e participante do fórum comenta que "o fórum começou no final de 2014 início de 2015 a se envolver com movimentos sociais da universidade e fora dela, e esse ponto é positivo, pois conseguimos reunir pessoas/grupos com diferentes pensamentos e militâncias divergentes em determinados campos, se unir em função de uma pauta comum. Outro ponto positivo do Fórum

Fonte: <<http://agenciajca.blogspot.com/2017/03/dos-movimentos-garantia-e-efetivacao-de.html>>. Acesso em: 24 mai. 2020.

O Fórum Permanente de Discussão, Acompanhamento e Avaliação das Cotas na UFPA é uma iniciativa surgida em 2014 que como o próprio nome indica têm o objetivo de acompanhar e avaliar a política de ações afirmativas da Universidade Federal do Pará.

Acompanhar e avaliar a política de reserva de vagas na UFPA e difundir a necessidade de políticas de ações afirmativas para segmentos historicamente marginalizados, em especial a população negra, com intuito de fazer o debate e, ao mesmo tempo, contribuir para a implementação de projetos que se referenciem nas políticas de ações afirmativas, e como uma construção coletiva vem se propondo a debater a política de cotas na UFPA. (AGÊNCIA DE NOTÍCIAS JOVENS COMUNICADORES DA AMAZÔNIA, 2017).

Apesar do Fórum não se constituir como uma iniciativa vinda da periferia, a parceria estabelecida pela Agência JCA configura-se pertinente e relevante no trabalho desenvolvido pelos jovens articuladores, pois muitos deles almejam adentrar o espaço da Universidade e são, muitas vezes, os candidatos a serem contemplados por essas ações afirmativas. Do mesmo modo, o texto "QuilomBOX: uma ferramenta de combate ao genocídio da juventude negra" sobre a articulação entre a Agência JCA com a Anistia Internacional, ou seja, trata-se

de uma articulação nacional estabelecida. Essas parecias e relações estabelecidas pelos jovens articuladores da *Agência JCA* reiteram a dinâmica contínua de luta e defesa da juventude negra das periferias de Belém, que confirmam-se em um entrelaçamentos de dinâmicas presenciais e *in loco* com estratégias na internet. Isto concorda com os apontamentos de Toro e Werneck acerca das características que configuram a mobilização social.

Como falamos de interpretações e sentidos também compartilhados reconhecemos a mobilização social como um ato de comunicação. A mobilização não se confunde com propaganda ou divulgação, mas exige ações de comunicação no seu sentido amplo, enquanto processo de compartilhamento de discurso, visões e informações. O que dá estabilidade a um processo de mobilização social é saber que o que eu faço e decido, em meu campo de atuação cotidiana, está sendo feito e decidido por outros, em seus próprios campos de atuação, com os mesmos propósitos e sentidos. (TORO; WERNECK, 1996, p. 05).

As práticas comunicativas alternativas da *Agência JCA* investigada até aqui neste estudo demonstram que o trabalho desenvolvido pelos jovens possui estratégias que possibilitam o envolvimento e mobilização em torno da questão do extermínio de jovens negros belenenses. Delineadas tendo em vista diversos processos para que os objetivos sejam alcançados, como os destacados aqui de divulgação, registro, mapeamento e visibilização, a Agência JCA constrói um espaço uma atuação na internet que pode contribuir de forma significativa para que as juventudes e a sociedade tenham acesso a problemática e talvez sejam despertados e sensibilizados para a luta.

No próximo subitem a investigação busca perceber como se dão as dinâmicas estabelecidas entre os jovens mobilizados para as ações da Agência JCA, assim como compreender outras dinâmicas comunicativas presentes no universo da Agência observadas por meio da observação participante (PERUZZO, 2003).

4.3 As ações de mobilização da Agência de Notícias Jovens Comunicadores da Amazônia

Como foi possível observar nas investigações acerca dos conteúdos alternativos realizadas acima, a *Agência JCA* tem como premissas de sua atuação a realização de atividades, como eventos, atos, debates, roda de conversa, entre outros que buscam a mobilização, conscientização e o fomento do debate nas questões relacionadas às juventudes negras, especialmente, do extermínio vivenciado por este grupo. Nesse sentido, foi realizada a observação participante em algumas atividades buscando compreender a experiência *in loco* tendo como objetivo entender as relações estabelecidas entre os jovens e as possibilidades de

contribuição do trabalho desenvolvido para as práticas em defesa das juventudes da periferia de Belém do Pará.

A primeira atividade a qual estive presente foi o II Encontro das Juventudes Amazônicas (EJAMA) realizado no dia 14 de dezembro de 2018. O EJAMA é um evento organizado anualmente pelos integrantes da *Agência JCA* com o objetivo de reunir jovens da Região Metropolitana de Belém para, em um dia inteiro de atividades que consistem em mesas redondas, grupos de discussão, rodas de conversas e atos culturais, debater questões importante relativas a vivência do jovem amazônica.

Figura 25 – Cartaz de divulgação do II Encontro das Juventudes Amazônicas



Fonte: <http://agenciajca.blogspot.com/2018/11/ii-encontro-das-juventudes-amazonidas_21.html>. Acesso em: 25 mai. 2020.

O EJAMA configura-se como um importante evento no calendário de atuação da *Agência JCA*, as temáticas estabelecidas para o evento refletem as articulações e inquietações dos jovens participantes diante o cenário político e social do Brasil. O II Encontro das Juventudes Amazônicas foi realizado no Núcleo de Oficinas Curro Velho, um dos espaços da Fundação Cultural do Estado do Pará (FUNTELPA), com o tema “Que país queremos para viver e como as juventudes podem (R) existir”. Como destacado na postagem de divulgação o objetivo do evento era:

Incentivar cada vez mais o protagonismo da juventude e a construção coletiva de proposições concretas de mudanças para o nosso cenário local, marcado pela crescente falta de segurança e de liberdade de expressão colocando em pauta diversas opressões sofridas principalmente pelas juventudes moradoras das nossas

periferias, lgbti+, mulheres e negrxs. (AGÊNCIA DE NOTÍCIAS JOVENS COMUNICADORES DA AMAZÔNIA, 2018)¹⁰³.

Com isto em vista, a mesa de debate ocorrida pela manhã foi composta exclusivamente por mulheres e buscou destacar o protagonismo feminino na luta política e suas trajetórias de resistência conforme especificidade de atuação de cada uma delas. As participantes foram: Juliana Baptista, estudante de jornalismo, feminista negra e organizadora do Baile Coisa Preta, festa com protagonismo negro realizada em Belém; Juliana Damasceno, estudante de Ciências Sociais e integrante da Rede de Mulheres Negras e da Rede Nacional de Ciberativistas Negras; Silvia Guerreiro, museóloga, feminista, lésbica e militante do Coletivo de Juventudes Juntos; e Roberta Kabá, descendente do povo Munduruku, pós-graduada em História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena atua em setores do governo do Pará em favor dos interesses dos povos indígenas da região. A mediação da mesa foi realizada pela jovem articuladora da *Agência JCA*, Juliana Aleixo.

Figura 26 – Mesa de debate com protagonismo feminino do II Encontro das Juventudes Amazônicas, 2018



Fonte: Agência JCA, 2018.

A mesa começou por volta das 9h, após a realização do credenciamento dos jovens que já estavam no local. Cada participante da mesa falou aproximadamente quinze minutos e

¹⁰³ AGÊNCIA JCA. **II Encontro das Juventudes Amazônicas** (INSCRIÇÃO). Disponível em: <http://agenciajca.blogspot.com/2018/11/ii-encontro-das-juventudes-amazonidas_21.html>. Acesso em: 25 mai. 2020.

depois disso o debate foi aberto para intervenções. As intervenções dos jovens ouvintes revelaram que estes se mostravam atentos e engajados a partir dos discursos que mais se aproximavam de suas vivências, por exemplo, houve a intervenção de um jovem que dialogou com Silvia Guerreiro sobre como era ser um jovem LGBTI+ no espaço da universidade. E outra jovem também falou sobre sua experiência enquanto jovem ativista negra.

Isto demonstra como a atenção dada pelos jovens articuladores da Agência JCA à diversidade de representação de narrativas de juventudes na construção da programação possibilita que as temáticas trazidas despertem os ouvintes tanto as questões que os tocam diretamente a partir de sua experiência, quanto do compartilhamento dos discursos ali presentes, uma vez que era uma mesa de debate com a presença de jovens negras, da periferia, indígena, e outras. Cada uma representando um grupo e uma perspectiva (ou várias).

Figura 27: Participantes no II Encontro das Juventudes Amazônicas



Fonte: Agência JCA, 2018.

Em seguida a mesa de debate, foi oferecido o almoço a todos os participantes do evento. A distribuição do almoço no intervalo entre a programação da manhã e da tarde é uma estratégia interessante adotada, pois garante que não haja uma dispersão do público que continua no espaço até o início das próximas programações, além de manter os vínculos estabelecidos entre os participantes no decorrer do dia. Esta característica do evento é, na verdade, uma “cultura” das atividades desenvolvidas com o apoio do Instituto Universidade

Popular que distribui lanche para os participantes de todos os cursos e projetos que ocorrem na entidade, assim como uma ajuda em dinheiro para o transporte, já que muitos dos participantes encontram-se em situação de vulnerabilidade econômica.

Assim como no evento como todo, o clima entre os jovens é amigável e afetuoso. É possível perceber que alguns jovens participantes passaram pelos cursos ou ainda estão em atividades na UNIPOP e outros possuem laços de amizade com os jovens articuladores da *Agência JCA* de outros lugares como vizinhança, escola, universidades, coletivos e outros.

Após o almoço, na parte da tarde a programação prossegue com os grupos de discussão. No momento do credenciamento cada inscrito recebeu um crachá com uma cor de fita que corresponde ao grupo de participação. As temáticas eram: mulheres negras; criminalização da pobreza; corpos políticos LGBTI+; juventude e participação social; juventude indígena. Cada grupo de discussão era mediado por um jovem articulador da *Agência JCA*. Os grupos de debates foram separados em salas e tinham como objetivo a reflexão dentro das temáticas e a proposição de ações que pudessem ser realizadas pela *Agência JCA* e pela UNIPOP em momento futuro.

Como forma de não interferir no andamento dos grupos no sentido de ficar se deslocando entre as salas, optei por acompanhar a discussão do grupo que fui alocada no credenciamento, o grupo sobre mulheres negras mediado pela jovem Lara Costa. A média de pessoas por grupos ficou entre 15 e 20 pessoas. A discussão se deu de maneira livre e espontânea onde cada uma das integrantes (no caso deste grupo, em sua maioria haviam jovens mulheres que se autodeclararam negras) fez uma apresentação e contou sobre sua vivência como mulher.

Figura 28 – Grupo de discussão sobre mulheres negras

Fonte: Agência JCA, 2018.

Foram levantadas diversas temáticas que dizem respeito a vivência de jovens negras, uma delas que se configurou como central foi a questão da saúde mental. A partir do relato das jovens e das reflexões dentro do grupo foram pensadas propostas de intervenção e ações a serem articuladas levando em consideração a temática, foram elas: A necessidade de saúde mental para mulheres negras nos hospitais e a educação sobre inteligência emocional para mulheres desde a infância; a realização de uma roda de conversa sobre Afetividade da mulher negra e saúde mental; a realização de uma campanha de doação de livros de autoras negras para serem doados à mulheres negra.

Todos os grupos desenvolveram em um cartaz suas propostas que foram compartilhadas com todos quando a programação retornou para o auditório para finalizar com as atrações culturais. As propostas de todos os grupos podem ser encontradas no texto de registro “II Encontro Das Juventudes Amazonidas - Propostas das Juventudes”¹⁰⁴ presente no blog da *Agência JCA* que resumiu quais foram e quais seriam os objetivos das propostas pensadas representando um dos caminhos de mobilização e conscientização construídos no Encontro:

Todas as temáticas foram estabelecidas pelas juventudes da Agência de Notícias JCA e debatidas com as diversas juventudes do encontro, sendo reconhecidas como

¹⁰⁴ As propostas sugeridas nos grupos de debates podem ser encontradas no post sobre o evento. Disponível em: <<http://agenciajca.blogspot.com/2019/01/ii-encontro-das-juventudes-amazonidas.html>>. Acesso em 23 abr. 2019.

urgentes e atuais tendo em vista os ataques e vivências de cada um/a no ano de 2018 e já no início de 2019. Usando nossas ferramentas de comunicadorxs populares, o compromisso é não apenas dar visibilidade e espaço a esses debates, mas também colocarmos em ação dentro de nossas comunidades, periferias, rolês. Por isso, fiquem atentxs as novas construções das juventudes por todo esse ano. Seguimos juntxs! (AGÊNCIA DE NOTÍCIAS JOVENS COMUNICADORES DA AMAZÔNIA, 2018).

Figura 29 – Grupos de debates apresentando as propostas no II Encontro das Juventudes Amazônicas



Fonte: Agência JCA, 2018.

Figura 30 – Grupos de debates apresentando as propostas no II Encontro das Juventudes Amazônicas



Fonte: Agência JCA, 2018.

Os grupos de discussão mostram-se importantes espaços dentro do evento, pois são momentos onde os jovens podem conversar livremente trocando entre si opiniões, vivências e reflexões a partir das temáticas estabelecidas que, neste caso, tratam-se de assuntos

pertinentes a realidade de diversidade das juventudes amazônicas. Possibilitar este espaço em que os jovens articuladores mantêm um diálogo com os participantes representa o estímulo ao protagonismo debatido nesse estudo.

No momento que o jovem encontra-se com as discussões é possível que haja um despertar e/ou uma maior sensibilização as questões que tocam as juventudes que os possibilita a conscientização e mobilização de propostas que como se pode observar vão desde ações possíveis de serem realizadas pela Agência JCA em conjunto com a UNIPOP, quanto questões mais estruturais que necessitam de aplicações governamentais.

Com relação aos jovens articuladores da *Agência JCA*, eles atuaram em todos os aspectos de estruturação do evento trabalhando no credenciamento, organização da mesa de debate, mediando os grupos e também fazendo os registros fotográficos e audiovisuais de cobertura do evento. Desse modo, cabe pontuar novamente a autonomia destes sujeitos nos diversos processos que compuseram essa ação, como contou a jovem Paloma Melissa em entrevista a esta pesquisa:

[...] a gente sempre teve essa liberdade, sempre fomos muitos livres e, digamos assim, o próprio protagonista mesmo porque a gente, como a gente tava construindo, tava mobilizando, então nada melhor do que a gente mesmo falar o que a gente quer fazer né?! (MELISSA, Paloma, 2019).¹⁰⁵

Assim, nesta perspectiva são desenvolvidas todas as ações e atividades da *Agência JCA*, como foi possível constatar ao participar de algumas reuniões de trabalho realizadas na sala da coordenação de juventude na sala da UNIPOP. As reuniões consistiam em pensar as quais seriam as próximas ações a serem realizadas e também desenvolver produtos que já estivessem estipulados em calendário prévio como conteúdo. Na reunião do início de abril, realizada no dia 4, as pautas eram as ações a serem realizadas ainda no primeiro semestre de 2019.

Nessa reunião duas principais atividades estavam sendo articuladas: uma roda de conversa sobre feminicídio em que a proposta era a realização em uma escola pública da cidade de Belém e um cine-debate com foco no genocídio da juventude negra a ser realizado no dia 13 maio, considerado oficialmente no Brasil o Dia da Abolição da Escravatura, mas que ativistas e movimentos negros buscam ressignificar trazendo uma reflexão do realmente

¹⁰⁵ MELISSA, Paloma. Entrevista [ago. 2019]. Entrevistadora: Lanna Paula Ramos. Belém, 2019.

significou este momento para o povo negro brasileiro, portanto, os jovens da *Agência JCA* concordaram que a data era bastante propícia à discussão do genocídio da juventude negra.

Na reunião do dia 23 de abril as ideias encontravam-se mais fechadas e específicas de estruturação da programação. Foram discutidas propostas de filmes a serem exibidos e os jovens decidiram pelo filme americano “Infiltrado na Klan” (2018), um longa-metragem que conta a história de um policial negro que consegue se infiltrar no grupo de supremacistas brancos chamado Ku Klux Klan e sabotar algumas ações racistas do grupo¹⁰⁶.

Também na ocasião foram colocados em debate locais fora da UNIPOP para a realização do cine-debate, a proposta apresentada pela coordenadora Patrícia Cordeiro no momento da reunião foram espaços culturais que a UNIPOP poderia conseguir de forma gratuita e que possuem estrutura de exibição como o Cine Líbero Luxardo, da Fundação Cultural do Pará, e o auditório do Centro Cultural SESC Boulevard, no entanto, foi ressaltado pelas coordenadoras que estes locais possuem restrições quanto a exibição de certos filmes por conta de direitos autorais, o que inviabilizaria a escolha de filme que já havia sido feita.

Com isso, eles decidiram em acordo que seria melhor a realização do Cine-Debate na própria sede da UNIPOP o que garantiria até mesmo um espaço mais espontâneo para as discussões, entre outras questões de logísticas. Ficou acertada também a equipe que ficaria responsável pelo desenvolvimento do cartaz de divulgação do evento.

No espaço das reuniões foi possível reconhecer como se davam as dinâmicas de discussões e acordos entre os jovens, e entre eles e as coordenadoras, que em sentido geral pouco se destacavam em sentido hierarquizado, pelo contrário, a horizontalidade na comunicação era um componente notável das relações. É possível, pois, trazer à reflexão aqui, como as premissas de Paulo Freire encontram-se imbricadas nos movimentos realizados pela *Agência JCA*, assim podemos salientar a autonomia que constitui os sujeitos que participam dos processos. Nas palavras de Freire (1996): “Ninguém é autônomo primeiro para depois decidir. A autonomia vai se constituindo na experiência de várias, inúmeras decisões, que vão sendo tomadas” (FREIRE, 1996, p. 107).

Desse modo, o cine-debate foi realizado no dia 13 de maio de 2019 às 14h30 na sede da UNIPOP. No post de divulgação realizado no *facebook*, a *Agência JCA* ressaltou algumas

¹⁰⁶ Sinopse do filme “Infiltrado na Klan”: “Em 1978, Ron Stallworth (John David Washington), um policial negro do Colorado, conseguiu se infiltrar na Ku Klux Klan local. Ele se comunicava com os outros membros do grupo através de telefonemas e cartas, quando precisava estar fisicamente presente enviava um outro policial branco no seu lugar. Depois de meses de investigação, Ron se tornou o líder da seita, sendo responsável por sabotar uma série de linchamentos e outros crimes de ódio orquestrados pelos racistas.”. Disponível em: <<http://www.adorocinema.com/filmes/filme-258805/>>. Acesso em 06 set. 2019.

informações acerca do genocídio/extermínio da juventude negra a partir de dados estatísticos e também a questão relativa à data do dia 13 de maio chamando a atenção para a importância da luta contra o racismo.

Figura 31 – Post de divulgação do cine-debate no *facebook*

Agência de Notícias Jovens Comunicadores da Amazônia
13 de maio de 2019 · 🌐

13 de Maio não é Dia do Negro. A data que "aboliu oficialmente a escravidão no Brasil" não é um dia de comemoração, e sim, um dia de luta contra o racismo, pois se trata de uma abolição fajuta. Nesse dia é importante chamar atenção da sociedade e mostrar que a abolição legal da escravidão não garantiu condições reais de participação na sociedade para a população negra e não coloca o negro no protagonismo. O que fica evidenciado no Atlas da Violência de 2018 onde mostra que a taxa de homicídios de negros é duas vezes e meia superior à de não negros (16,0% contra 40,2%). E a população LGBTI e mulheres negras estão mais vulneráveis ainda. Em virtude disso, vamos realizar um #CineDebate com o tema Genocídio das Juventudes Negras com o filme #infiltradonaklan com mediação de Airely Neves, as 14h30, na #unipop

CINE DEBATE
O GENOCÍDIO DAS JUVENTUDES NEGRAS
MEDIADORA: **AIRELY NEVES**
LOCAL: **UNIPOP**
13 DE MAIO
HORARIO: 14:30

INFILTRADO NA KLAN
"UMA OBRA DE PASO"
"UMA OBRA DE PASO"

Fonte: <<https://www.facebook.com/photo?fbid=2491554157546980&set=a.307094929326258>>. Acesso em 26 mai. 2020.

A ação foi aberta ao público e acabou também por se constituir como uma das atividades mensais realizadas pela UNIPOP com o objetivo de agregar os participantes dos cursos desenvolvidos na instituição. Com isso, estavam presentes no cine debate jovens dos cursos de garçom/garçonete, teatro e do projeto Escola de Cidadania para Adolescentes, todos em funcionamento no período. Importante destacar, que diferentemente do Encontro das Juventudes Amazônídas esta atividade não teve tanto público além dos jovens articuladores e dos jovens do curso da UNIPOP, algumas das razões podem ser por ter sido realizada em uma

segunda-feira pela tarde, horário que os jovens estão em outras atividades, como escola, universidade, estágio, cursos etc.

O cine-debate começou com uma apresentação da atividade realizada pela educadora social Patrícia Cordeiro que falou sobre os objetivos da ação, os quais eram discutir a partir da experiência do filme e também com o auxílio de outros materiais e dinâmicas posteriores o genocídio das juventudes negras. Após a fala da coordenadora o filme foi exibido, ao final houve uma discussão mediada pela convidada Airely Neves, estudante de ciências sociais. Airely discutiu com os jovens algumas questões levantadas pelo filme, como o fato do policial, protagonista do filme, ter sido o primeiro policial negro da polícia dos Estados Unidos, debatendo a partir disso a importância de representatividade e do combate ao racismo nas instituições públicas e ou espaços nos quais os negros encontram-se em minoria.

Ela tratou também sobre a questão do empoderamento e poder negro que no filme é mostrado em uma cena que o policial negro participa de uma palestra de um ativista negro que exalta a negritude a partir das características físicas de pessoas negras, como lábios grossos, pele escura, nariz largo e cabelos crespos. O debate proposto pela jovem mediadora teve como foco demonstrar como a sociedade condiciona as pessoas negras a diversas opressões, que passam também pela imposição estética de um padrão branco eurocentrado e assim representa uma forma de privação de uma subjetividade da pessoa negra, instituindo-se como uma estratégia de genocídio. Os jovens engajaram-se na discussão comentando momentos do filme e algumas situações racistas pelas quais passaram durante a vida.

Logo em seguida, para fomentar ainda mais o debate foi exibido o documentário do Canal Futura Diz Aí – Enfrentamento ao Extermínio da Juventude Negra¹⁰⁷ que traz temáticas em uma contextualização de questões que perpassam a problemática baseado em entrevistas com jovens de diversos estados do Brasil, inclusive, com participações de jovens do Pará. Após essa exibição os jovens foram divididos em grupos por temáticas que estavam presentes no documentário, que foram: identidade, polícia, mobilização e enfrentamento, para discutir e refletir sobre todo o debate apresentado até aquele momento.

Cada grupo fez uma apresentação como resumo do que entendeu e absorveu a partir dos vídeos e debates da atividade. Nesse momento ressalta-se que a maioria do público desta ação eram de jovens realizando cursos sócio profissionalizantes na UNIPOP, portanto, não possuíam, por exemplo, grandes aproximações com discursos politizados. No entanto, isso

¹⁰⁷ FUTURA PLAY. **Diz aí:** Enfrentamento ao Extermínio da Juventude Negra. Disponível em: <<http://www.futuraplay.org/serie/diz-ai-enfrentamento-ao-extermínio-da-juventude-negra/>>. Acesso em 05 out. 2019.

não significou que estiveram a parte dos debates, pelo contrário, foi possível perceber pelas apresentações que apesar de eles não conhecerem muitos dos dados estatísticos e expressões intelectuais utilizadas algumas vezes nos vídeos, as suas vivências como jovens moradores da periferia da Região Metropolitana de Belém que sofrem com a violência policial, o racismo, entre outras questões, foi pauta em suas falas.

Uma das jovens que esteve no grupo que discutiu a questão da identidade relatou como estava sendo o processo de reconhecimento como mulher negra e de aceitação do seu cabelo natural, os comentários racistas que recebia em sua casa e vizinhança, entre outras questões. No grupo sobre a polícia os jovens trouxeram cartazes com frases e palavras que se complementavam, a principal dizia “o que você sente quando é abordado pela polícia?” e se seguiam cartazes com as palavras “injustiça”, “desrespeito”, “medo” “indignação” e “preconceito”.

Um dos jovens contou algumas de suas experiências de abordagens policiais que, segundo ele, eram constantes e que sempre eram diferenciadas com ele quando estava com seus amigos brancos, sendo ele revistado e os amigos não. Uma das falas deste jovem foi: “a polícia não protege, só vigia”. Os cartazes e a fala do jovem são bastantes contundentes diante da realidade a qual estão submetidos os jovens negros da periferia que são considerados, somente pela cor de sua pele e pela localidade onde residem, suspeitos e/ou agressivos sendo muitas vezes abordados sem nenhuma justificativa aparente.

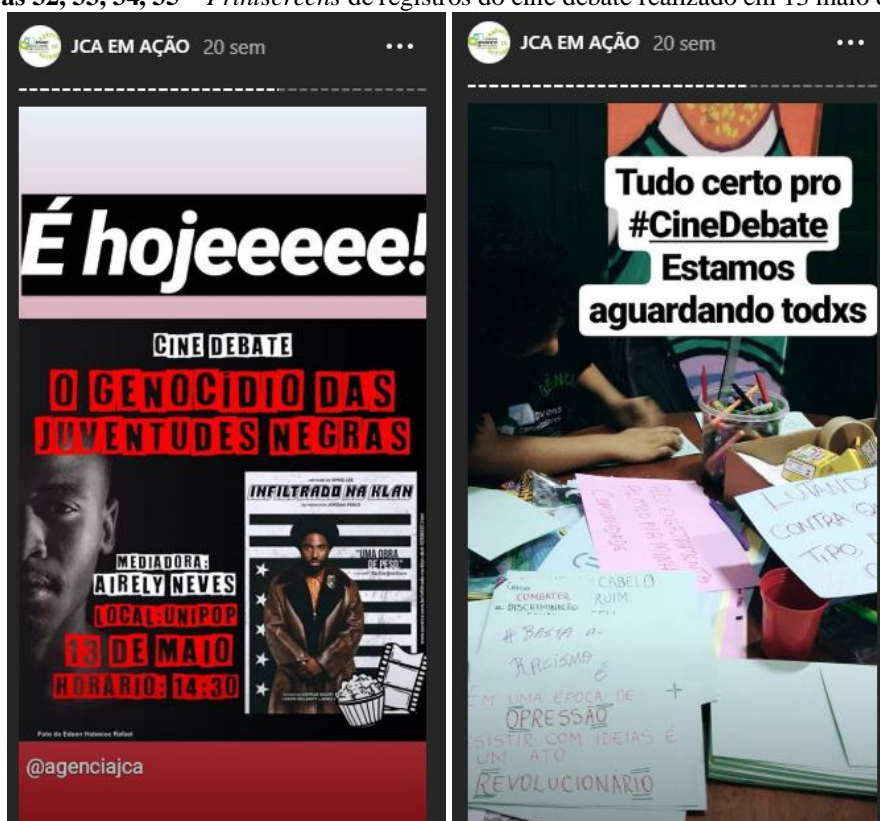
Isto é o exemplo concreto do que discutiu-se aqui sobre o racismo presente na sociedade base para o extermínio e genocídio das juventudes negras, pois, uma vez que a sociedade entende a pessoa, o jovem negro, como inferior a partir de suas características físicas e socioeconômicas justifica de inúmeras maneiras a exclusão vivenciada por este grupo, assim como as mortes provocadas e até mesmo a adoção de políticas públicas que pouco ou nada contribuem para melhorar as condições de vidas e acabam por si mesmo atuando como exterminadoras dessa população.

Desse modo, o cine-debate funcionou como uma ação da *Agência JCA* em que houve um estímulo a conscientização dos jovens, tanto os jovens articuladores quanto os outros jovens participantes, já que estes dialogaram em todos os momentos da atividade. Com isso, pode-se afirmar que esta prática da *Agência JCA* se estabeleceu enquanto dinâmica comunicativa em defesa da juventude negra da cidade de Belém, pois trouxe à centralidade a temática e discutiu de maneira embasada e articulada com as experiências dos sujeitos e, além

disso, também foram colocadas propostas de mudança dessa realidade, portanto, as contribuições foram inúmeras para a luta em defesa desses jovens.

Com relação a produção de conteúdo da ação, como uma forma de dar visibilidade e alcançar um público além do presencial, os jovens articuladores trabalharam com uma transmissão ao vivo pelo *instagram* e com a produção de *stories* que são pequenos vídeos ou fotos compartilhados para os seguidores da conta.

Figuras 32, 33, 34, 35 – *Printscreens* de registros do cine debate realizado em 13 maio de 2019





Fonte: A autora, 2019.

A última ação na qual estive presente foi a terceira edição do Encontro das Juventudes Amazônídas ocorrida no dia 14 de dezembro de 2019, no Núcleo de Oficinas Curro Velho, este encontro vem se constituindo como um evento tradicional no calendário de ações da *Agência JCA* representando um espaço anual que reúne jovens de diversos bairros de Belém em um dia inteiro de atividades que tem como objetivo refletir sobre as possibilidades de enfrentamento às problemáticas que atingem os jovens da Região Metropolitana de Belém.

Figura 36 – Cartaz de divulgação do III Encontro das Juventudes Amazônicas



Fonte: <<http://agenciajca.blogspot.com/2019/12/iii-encontro-das-juventudes-amazonidas.html>>. Acesso em: 27 mai. 2020

Como pode ser observado, o tema do encontro foi “Juventudes e Perspectivas de Enfrentamento na Amazônia” e contou com duas mesas pela manhã. A primeira intitulada com o tema do evento discutiu assuntos como racismo estrutural, feminicídio, movimentos estudantis e movimentos urbanos buscando destacar as experiências e as ações de enfrentamento a estas questões a partir das falas dos jovens convidados ao Encontro: a historiadora e pesquisadora de gênero Ana Dorotéia Dias; Beatriz Caminha, estudante de Arquitetura e Urbanismo e militante de movimentos estudantis; Bruno Oliveira, estudante de direito e militante negro; e Ariely Jorge, militante do Coletivo de Juventude Juntos. E a segunda com o tema “Saúde Mental da Juventude” onde estudantes de psicologia conversaram com os jovens sobre os desafios de viver a juventude no contexto de violências e opressões que a sociedade brasileira nos impõe.

Figura 37 – Mesa “Juventudes e Perspectivas de Enfrentamento na Amazônia”



Fonte: Agência JCA, 2019.

Figura 38 – Mesa “Saúde Mental da Juventude”



Fonte: Agência JCA, 2019.

Na parte da tarde, após o almoço, ocorreram as rodas temáticas que possuíram como assuntos a serem debatidos: comunicação popular; arte, cultura e diversidade; empregabilidade (Formal e informal); masculinidades e feminilidades no contexto de violências; e ativismo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa empreendida aqui nos possibilitou compreender o universo da *Agência de Notícias Jovens Comunicadores da Amazônia* e como os jovens integrantes, com autonomia e protagonismo, constroem um espaço de mobilização, conscientização e luta em defesa das juventudes negras das periferias da Região Metropolitana de Belém, Pará, com a produção comunicativa alternativa representada em conteúdos alternativos sobre as juventudes e periferias de Belém, assim como com as ações desenvolvidas nas comunidades e na sede da UNIPOP.

Para tanto, a *Agência JCA*, criada em 2016, nos instigou à investigação dos diversos processos vivenciados pelas juventudes, que acabaram por idealizar o projeto. Nesse sentido, foi possível reconhecer que a trajetória de criação da *Agência JCA* esteve intrinsecamente relacionada com o Instituto Universidade Popular, uma vez que a entidade, em seus 30 anos de atuação, desenvolveu projetos com as juventudes que buscaram aliar a comunicação popular e a educomunicação tendo como premissas, que balizaram todos os aspectos do trabalho, as ideias do educador Paulo Freire.

A trajetória de criação da *Agência JCA*, por meio dos processos educativos e comunicativos, desenvolvidos pela UNIPOP, revelou-se permeada pelo desenvolvimento e estímulo à autonomia do sujeito, criticidade e libertação a partir da tomada de consciência sobre sua realidade. Essas premissas baseadas em Freire garantiram às experiências, tanto nos cursos de comunicação popular quanto, posteriormente, na constituição e desenvolvimento das atividades da *Agência JCA*, potenciais de atuação em práticas comunicativas alternativas articuladas para defender a juventude negra das periferias belenense.

A *Agência JCA* se posiciona diante do contexto de violência e desigualdades ocasionadas pelo racismo, resultado do processo histórico e social vivenciado na sociedade brasileira, como um espaço em que os próprios jovens assumem os processos de construção de alternativas para a defesa das juventudes negras, que são as mais afetadas pelo processo de genocídio imposto à população negra. Desse modo, os jovens da *Agência JCA*, a partir do exercício da comunicação alternativa, constroem caminhos de mobilização e conscientização das juventudes e da sociedade de forma geral.

Por meio do ambiente digital, os jovens da *Agência JCA* desenvolveram estratégias que pudessem alcançar seu público. No blog, principal meio utilizado pelos jovens, eles produzem textos críticos reflexivos que tratam sobre as questões das juventudes de maneira

embasadas e opinativas revelando uma consciência crítica e o desejo de mudança da realidade de extermínio vivenciada, especialmente, pelas juventudes negras.

De forma sistematizada, os conteúdos do blog buscam a divulgação e o registro de todas as ações realizadas por eles em defesa das juventudes negras, construindo assim um modelo capaz de engajar e mobilizar seu público, os jovens. Além de reproduzir no blog, esses materiais também são disponibilizados pelas redes sociais que se configuram como fundamentais ferramentas de propagação desses conteúdos. Assim, há uma articulação entre as plataformas importantes para o trabalho desenvolvido.

Os textos também têm como objetivo mostrar um outro lado das periferias e, principalmente, destacar iniciativas e coletivos que trabalham na construção de perspectivas positivas desses espaços. Identifica-se, portanto, que as práticas comunicativas alternativas produzidas pela *Agência JCA* desenvolvem aspectos essenciais que contribuiram e contribuem de forma significativa para as juventudes negras da periferia de Belém, uma vez que desenvolvem processos de mobilização e conscientização com juventudes que, muitas vezes, vivenciam o racismo e as desigualdades, mas não possuem a autonomia e uma maior criticidade, por exemplo, para cobrar seus direitos.

Portanto, as práticas comunicativas alternativas da *Agência de Notícias Jovens Comunicadores*, em todas as suas nuances de atuação, contribuem para a construção de um espaço mobilizador-educador e de conscientização das juventudes por meios de processos da comunicação alternativa e também da educomunicação. Assim, configura-se como um importante ator na defesa das juventudes, especialmente das juventudes negras moradoras das periferias da cidade de Belém.

REFERÊNCIAS

- AGÊNCIA DE NOTÍCIAS JOVENS COMUNICADORES DA AMAZÔNIA. **Objetivos**. Disponível em: <<http://agenciajca.blogspot.com/p/objetivo.html>>. Acesso em: 28 mar. 2020
- ALMEIDA, Silvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018.
- AMORIM, Célia R. T. C. Imprensa/Mídia Alternativa: Uma reflexão sobre o tema. In: **V CONGRESSO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA**. Anais. São Paulo, 2007. p. 4-11.
- _____; *et al.* Mídias Alternativas na Amazônia: articulações de contrapoder na internet. In: **XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Anais. 2015, p. 1-14.
- _____; SILVA, L. P. R. Ditadura Militar (1964-1985): O Movimento Estudantil e a Comunicação Alternativa na Amazônia Paraense. **Revista Observatório**, v. 2, n. 5, p. 177-199, 25 dez. 2016.
- _____; *et al.* Resistência e Jornal Pessoal: Da ditadura civil-militar à democracia na Amazônia. In: COSTA, Alda; AMORIM, Célia; Castro, Marina. (Orgs.). **Encontros de Comunicação 1**. Comunicação e Pesquisa na Amazônia: perspectivas e práticas. PGCOM/UFGA, Belém, 2018.
- ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DO PARÁ. **Relatório Final da Comissão Parlamentar de Inquérito Apuração da Atuação de Grupos de Extermínio e Milícias no Estado do Pará**, 2015. Disponível em: <<http://www.movimentodeemaus.org/data/material/RELATORIO-FINAL-CPI-das-Milicias-versao-de-entrega-na-grafica3.pdf>>. Acesso em: 17 ago. 2018.
- AZEVEDO, Fernando Antônio. Mídia e democracia no Brasil: relações entre o sistema de mídia e o sistema político. In: **Opinião Pública**. Campinas, v. 12, nº 1, abr./mai., 2006, p. 88-113.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Edições 70, LDA. Portugal, 1997. Disponível em: <<https://www.passeidireto.com/disciplina/metodologia-i?type=6&materialid=6319826>>. Acesso em: 29 set. 2019.
- BENTO, Maria Aparecida Silva; BEGHIN, Nathalie. Juventude negra e exclusão radical. In: **Boletins do IPEA**: Políticas Sociais - acompanhamento e análise, n. 11, p. 194-197, agosto de 2005.
- BRANDÃO, C. R.; BORGES, M. C. **A pesquisa participante**: um momento da educação popular. *Revista de Educação Popular*, v. 6, n. 1, 25 set. 2007.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa e ao Controle Social. **Óbitos por suicídio entre adolescentes e jovens negros 2012 a 2016**. Universidade de Brasília, Observatório de Saúde de Populações em Vulnerabilidade – Brasília: Ministério da Saúde, 2018. Disponível em:

<http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/obitos_suicidio_adolescentes_negros_2012_2016.pdf>. Acesso em 02 out. 2019.

_____. **Estatuto da Juventude**: atos internacionais e normas correlatas. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2013.

_____. Presidência da República. Secretaria de Governo. **Índice de vulnerabilidade juvenil à violência 2017**: desigualdade racial, municípios com mais de 100 mil habitantes. Secretaria de Governo da Presidência da República, Secretaria Nacional de Juventude e Fórum Brasileiro de Segurança Pública. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2017.

CASTELLS, Manuel. **O poder da comunicação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

CASTRO, Fábio Fonseca de. **Comunicação, poder e democracia**. Labor Edições, 2012.

CHAGAS, Clay Anderson Nunes. Geografia, segurança pública e a cartografia dos homicídios na Região Metropolitana de Belém. **Boletim amazônico de geografia**, v. 1, n. 1, p. 186-204, 2014.

COSTA, Alda Cristina. Mídia e Violência: uma relação complexa. *In: II Conferência Sul-Americana, VII Conferência Brasileira e I Seminário Regional da ALAIC - Bacia Amazônica*. Mídia Cidadã. Belém, Pará, 2011.

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. **Revista brasileira de educação**, n. 24, p. 40-52, 2003.

DAYRELL, Juarez. **Por uma pedagogia das juventudes**: experiências educativas do Observatório da Juventude da UFMG. Belo Horizonte: Mazza, 2016.

DE MORAES, Denis. **Comunicação alternativa, redes virtuais e ativismo**: avanços e dilemas. *Revista Eptic*, v. 9, n. 2, 2007.

FERREIRA JUNIOR, Sergio do Espírito Santo; DOS SANTOS LOUREIRO, João de Jesus; COSTA, Alda Cristina. A violência e as suas representações no Twitter: o caso da #ChacinaEmBelem. **Revista Mediação**, v. 18, n. 22, 2016, p. 153-172.

_____. **Configuração do acontecimento violento em narrativas jornalísticas: chacina da região metropolitana de Belém em Diário do Pará e o Liberal**. 2019. 118 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia. Belém, 2019. Disponível em: <<http://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/11074>>. Acesso em: 29 set. 2019.

FRANÇA, Vera. Sujeito da comunicação, sujeitos em comunicação. *In: FRANÇA, Vera. Na mídia, na rua*: narrativas do cotidiano. Belo Horizonte: Autêntica, p. 61-88, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 12ª edição. 1983.

_____. **Extensão ou comunicação**. 7 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

_____. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa.** 29 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

_____. **Política e Educação: ensaios.** 8ª ed. – São Paulo, Villa das Letras, 2007.

FREYRE, Gylberto. Casa Grande & Senzala. Rio de Janeiro: Maia & Schmidt, 1933.

GADOTTI, Moacir. Paulo Freire e a educação popular. **Produção de terceiros sobre Paulo Freire; Série Artigos,** 2007.

COSTA. A.C.G. A presença da Pedagogia: teoria e prática da ação sócio-educativa. 2ª Ed. São Paulo: Global: Instituto Ayrton Sena, 2001.

GROPPO, Luís Antonio. **Introdução à Sociologia da Juventude.** Jundiaí: Paco Editorial, 2017.

GALVÃO, Élide; TEÓFILO, Diego. Educação Popular como Estratégia de Luta pela Democratização da Comunicação. *In:* OTTERLOO, Aldalice; SILVA, Lúcia Isabel da Conceição (Orgs). **UNIPOP 30 anos: a educação popular na luta por direitos e defesa da vida na Amazônia.** Belém: Unipop, 2018.

GOMES, Nilma Lino; LABORNE, Ana Amélia de Paula. PEDAGOGIA DA CRUELDADE: RACISMO E EXTERMÍNIO DA JUVENTUDE NEGRA. **Educ. rev.**, Belo Horizonte, v. 34, e197406, 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982018000100657&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 14 mai. 2020.

INSTITUTO DE PESQUISA APLICADA; FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. ATLAS da Violência 2018. Rio de Janeiro, junho de 2018. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatorio_institucional/180604_atlas_da_violencia_2018.pdf>. Acesso em 10 abr. 2019.

KUCINSKI, Bernardo. Jornalistas e revolucionários da imprensa brasileira. **São Paulo: Escrita Editorial,** 1991.

LEMOS, Flávia Cristina Silveira *et al.* **O extermínio de jovens negros pobres no Brasil: práticas biopolíticas em questão.** Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais, v. 12, n. 1, 2017, p. 164-176.

LIMA, Venício A. de. Comunicação, Poder e Cidadania. **Rastros,** Joinville, ano VII, n. 7, out. 2006, p. 8-16.

MACEDO, Neusa Dias de. **Iniciação à pesquisa bibliográfica.** 2ª edição revista. Editora: Unimarco, 1996.

MARQUESE, Rafael de Bivar. A Dinâmica da escravidão no Brasil: Resistência, tráfico negreiro e alforrias, séculos XVII a XIX. Revista Novos Estudos, março, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/%0D/nec/n74/29642.pdf>>. Acesso em: 01 set. 2019.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Desafios culturais da comunicação à educação**. Comunicação & Educação. São Paulo, n. 18, mai./ago. 2000, p. 51-61. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/36920/39642>>. Acesso em 01 set. 2019.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Entrevista: O diálogo possível**. Editora Ática: São Paulo, 1986.

MENDES, Luiz Augusto Soares. A GEOGRAFIA-HISTÓRICA DA REGIÃO METROPOLITANA DE BELÉM. **Revista Espacialidades**, v. 14, n. 1, 2018, p. 1984-817.

MELO, Cristina Teixeira Vieira de; VAZ, Paulo Roberto Givaldi. E a corrupção coube em 20 centavos. **Galáxia**, São Paulo, n. 39, 2018, p. 23-38.

MINAYO, Maria C. Pesquisa social: teoria e método. **Ciência, Técnica**, 2002.

MUNANGA, Kabengele. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia**. Palestra proferida no 3º Seminário Nacional Relações Raciais e Educação-PENESB, 2003.

NASCIMENTO, Abdias do. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1978.

ORDEM DOS ADVOGADOS, PARÁ. Comissão dos Direitos Humanos. **Relatório da situação dos casos de chacinas e extermínio de jovens negros no Estado do Pará**. 2017. Disponível em: <<http://www.oabpa.org.br/index.php/noticias/6515-relatorio-elaborado-pela-comissao-de-direitos-humanos-da-oab-pa-e-entregue-ao-governador-do-estado-e-devera-ser-incluido-em-revisao-da-onu>>. Acesso em: 17 ago. 2018

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS - ONU. **Convenção sobre a Prevenção e Repressão do Genocídio**. Conferência Mundial sobre os direitos humanos. 1984.

OTTERLOO, Aldalice; SILVA, Lúcia Isabel da Conceição (Orgs.). **UNIPOP 30 anos: a educação popular na luta por direitos e defesa da vida na Amazônia**. Belém: Unipop, 2018.

PAIS, José Machado. A construção sociológica da juventude—alguns contributos. *Análise social*, p. 139-165, 1990.

PERUZZO, Cicília Maria Krohling. **Mídia Comunitária**. Comunicação & Sociedade. São Bernardo do Campo: Póscom-Umesp, n. 30, p. 141-156, 1998. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/CSO/article/view/7874/6801>>. Acesso em: 03 jan. 2019.

_____. Ideias de Paulo Freire aplicadas à Comunicação popular e comunitária. **Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia**, v. 24, n. 1, 2017.

_____. Comunicação Comunitária E Educação Para a Cidadania. **V Simpósio de Pesquisa em Comunicação do Centro-Oeste**, Goiânia, 1999.

_____. **Da observação participante à pesquisa-ação em comunicação:** pressupostos epistemológicos e metodológicos. In: XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. BH/MG, 2003.

_____. **Aproximações entre Comunicação popular e comunitária e a imprensa alternativa no Brasil na era do ciberespaço.** In: XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Natal-RN, 2008.

_____. **Aproximações entre a comunicação popular e comunitária e a imprensa alternativa no Brasil na era do ciberespaço.** Galáxia, n. 17, set. 2009. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/galaxia/article/view/2108/1247>>. Acesso em: 03 jan. 2019.

_____. **Direito à Comunicação Comunitária, participação popular e cidadania.** Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación, n. 3, 2011.

_____. Comunicação nos movimentos sociais: o exercício de uma nova perspectiva de direitos humanos. **Revista de Comunicação e Cultura**, v. 11, n. 1, 2013, p. 161-181.

PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bressanezi Pinsky, (Orgs.). **História da Cidadania.** São Paulo: Contexto, 2013.

PONTUAL, Pedro de Carvalho. EDUCAÇÃO POPULAR E INCIDÊNCIA EM POLÍTICAS PÚBLICAS. **Revista e-Curriculum**, [S.l.], v. 15, n. 1, p. 62-81, mar. 2017. ISSN 1809-3876. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/curriculum/article/view/29633>>. Acesso em: 14 maio 2020.

QUIRINO, Kelly Tatiane Martins. **Enquadramentos e Advocacy sobre o genocídio de jovens negros:** análise da cobertura da Folha de S. Paulo. 2017. 419 f., il. Tese (Doutorado em Comunicação)—Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (Org.). **A colonialidade do saber:** eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina, set. 2005. p. 227-278.

RAMOS, Paulo César. **Contrariando a estatística:** a tematização dos homicídios pelos jovens negros no Brasil. 2014. 186f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2014.

SALLES, Vicente. **O negro no Pará, sob o regime da escravidão.** Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, Serv. de publicações [e] Univ. Federal do Pará, 1971. Disponível em: <<https://fauufpa.files.wordpress.com/2013/03/o-negro-no-parc3a1-vicente-salles-pdf.pdf>>. Acesso em: 16 set. 2019.

SANTOS, Milton. **A urbanização brasileira.** Editora HUCITEC. São Paulo. 1993.

SANTOS, Larissa Pereira; AMORIM, Célia Regina Trindade Chagas. Comunicação cidadã na Amazônia brasileira: em defesa das atingidas e dos atingidos pela Vale SA. Chasqui. **Revista Latinoamericana de Comunicación**, n. 140, 2019, p. 179-194.

SILVA, L. P. R. da; SILVA, M. P. da. 2017. **Jornal Circulando**: Uma Experiência Alternativa Estudantil de Educomunicação. Trabalho de Conclusão de Curso. Faculdade de Comunicação, Belém: UFPA, 2017. 147f.

SILVA, Lúcia Isabel da Conceição. Educação Popular na Formação das Juventudes. *In*: OTTERLOO, Aldalice; SILVA, Lúcia Isabel da Conceição (Orgs.). **UNIPOP 30 anos**: a educação popular na luta por direitos e defesa da vida na Amazônia. Belém: Unipop, 2018.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação**: um campo de mediações. Comunicação & Educação, São Paulo, n. 19, dez. 2000, p. 12-24. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/36934>>. Acesso em: 16 set. 2019.

_____. **Gestão comunicativa e educação**: caminhos da educomunicação. Comunicação & Educação, São Paulo, n. 23, p. 16-25, 2002. ISSN 2316-9125. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/37012>>. Acesso em: 16 set. 2019.

_____. **Educomunicação: O conceito, o profissional, a aplicação**: contribuições para a reforma do ensino médio. Editora: Paulinas. São Paulo. 2011

SOUZA, Dayana; SILVA, Selli Rosa e. (Org.). **Juventude, Participação e Autonomia**. Sistematização de uma experiência: do protagonismo juvenil à cultura de direitos, estratégias de trabalho com a juventude. Belém, UNIPOP, 2012. Disponível em: <https://issuu.com/unipop/docs/cartilha_jpa_6.compressed>. Acesso em 29 set. 2019.

TAVARES, Rosilene Viana. **Políticas públicas educacionais e ongs, entre a intenção e a ação**: um estudo do Instituto Universidade Popular-Unipop. 2015. 109 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Educação, Belém, 2015. Programa de Pós-Graduação em Educação.

TRANCOSO, Alcimar Enéas Rocha; OLIVEIRA, Adélia Augusta Souto. Juventudes: desafios contemporâneos conceituais. **ECOS-Estudos Contemporâneos da Subjetividade**, v. 4, n. 2, p. 262-273, 2014.

TORO, José Bernardo; WERNECK, Nisia Maria Duarte. **Mobilização Social**: Um modo de construir a democracia e a participação. UNICEF, Brasil, 1996.

TRINDADE JÚNIOR, Saint-Clair Cordeiro da. A natureza da urbanização na Amazônia e sua expressão metropolitana. **Geografães**, 2000.

VERGNE, Celso de Moraes *et al.* A palavra é... Genocídio: a continuidade de práticas racistas no Brasil. **Psicol. Soc.** Belo Horizonte, v. 27, n. 3, dez. 2015, p. 516-528. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822015000300516&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 05 abr. 2020.

WERNECK, Jurema et al. **Racismo institucional**: uma abordagem conceitual. Geledés—Instituto da Mulher Negra. São Paulo: Trama Design, 2013.

APÊNDICES**Apêndice A – QUESTIONÁRIO SEMIESTRUTURADO PARA COORDENADORES**

1	Quando surgiu a ideia da <i>Agência JCA</i> ?
2	Qual era o objetivo?
3	Quem são os coordenadores?
4	A <i>Agência JCA</i> é totalmente vinculada a UNIPOP?
5	A <i>Agência JCA</i> é financiada?
6	Como ocorrem as decisões dentro da <i>Agência JCA</i> ?
7	Por que falar sobre o extermínio da juventude negra?
8	A <i>Agência JCA</i> possui parceiros? Quais?

**Apêndice B – QUESTIONÁRIO SEMIESTRUTURADO PARA OS
ADOLESCENTES E JOVENS INTEGRANTES**

1	Como você conheceu a UNIPOP?
2	Você fez o curso de comunicação popular? Quando?
3	O que despertou teu interesse pra entrar na <i>Agência JCA</i> ?
4	Desde quando você participa?
5	Qual a importância da discussão do extermínio da juventude negra feito pela <i>Agência JCA</i> ?
6	Qual a importância do tema e de trabalhar isso dentro da <i>Agência JCA</i> ?
7	Você participou das construções das ações? Quais?
8	Você trabalhou com a produção de conteúdo para as mídias da <i>Agência JCA</i> ?
9	Você se considera protagonista na construção das atividades da <i>Agência JCA</i> ?
10	O que trabalhar na <i>Agência JCA</i> trouxe pra sua vida?

APÊNDICE C – ENTREVISTA**ENTREVISTADA: PALOMA MELISSA****DATA: 30 de agosto de 2019**

ENTREVISTADORA: Nome, idade, o que faz atualmente, bairro que mora e como se autodeclara racialmente?

PALOMA: Me chamo Paloma Melissa, tenho 26 anos, estudo enfermagem, técnico, tô finalizando agora. Sou do bairro do Benguí. Sou mulher branca, lésbica, cis.

ENTREVISTADORA: Quando tu conhecestes a UNIPOP?

PALOMA: Eu conheci a UNIPOP quando eu entrei pra fazer o curso de comunicação, já tinha escutado falar da UNIPOP anteriormente, porque eu comecei militando dentro do Emaús então tem um vínculo entre as duas instituições, e eu sempre tive vontade de saber, de conhecer de fazer parte da UNIPOP foi a partir de então que eu tive a oportunidade através de um amigo ele me falou sobre o curso de comunicação e desde aí eu comecei a frequentar.

ENTREVISTADORA: E foi quando tu lembras?

PALOMA: Tem dois anos.

ENTREVISTADORA: Então 2017?

PALOMA: Sim.

ENTREVISTADORA: Como foi a experiência no curso de comunicação popular?

PALOMA: Foi importante pra minha militância né?! Tive um leque de oportunidades, de falar o que eu penso de militar da forma que eu milito e de também ter propriedade pra falar os assuntos que eu tenho, digamos assim, uma afinidade maior né?!

ENTREVISTADORA: E no caso assim, desde o Emaús tu já tinhas essa perspectiva assim de luta da periferia?

PALOMA: Sim, na verdade desde os meus treze anos de idade, né?! Até antes disso, porque meu pai sempre... Meu pai é, ele é sindicalista então ele sempre falou sobre a luta de classe e tal, sempre então eu ouvi isso dele entendeu?

ENTREVISTADORA: Como foi a tua transição do curso de comunicação popular a participação da Agência?

PALOMA: É, foi importante, porque como eu te falei anteriormente, eu entrei no curso pra ter propriedades pra falar aquilo que eu queria falar e dentro da Agência eu coloquei em prática aquilo que eu aprendi. Entendeu? Tipo, tive mais contato digamos assim, né?! Sai da minha bolha, da minha zona de conforto e fui pro embate.

ENTREVISTADORA: E o que te interessou no projeto da Agência pra ti querer participar?

PALOMA: É... Pessoalmente falando, como a Agência inicialmente falava violência, por conta da falta de oportunidade, por de falta de políticas públicas, políticas sociais voltada pra juventude então isso sempre me incomodou e não porque eu não seja algo, digamos assim, dessa violência, por ser branca, por exemplo, não me dar o direito de ficar calada e não fazer nada né?!

ENTREVISTADORA: A próxima pergunta era assim: Qual a importância da Agência pautar esse tema do extermínio da juventude negra. Tu já falaste um pouco, mas se tu puder falar um pouco mais pra mim assim, o que tu acha como uma Agência de comunicação popular pautando esse tema... Qual a importância disso?

PALOMA: É, a importância da Agência pautar o genocídio da juventude negra é que dentro da Agência tem juventude negra, então nada melhor que o próprio alvo falando das experiências de racismo, por exemplo, de violência, violência policial.

ENTREVISTADORA: Nesse período que tu estavas na Agência vocês fizeram muitas atividades né?! Relacionadas a esse tema, tipo atos, a audiência pública e tal. Como é que foram as construções dessas atividades, o envolvimento de vocês?

PALOMA: É a construção foi basicamente só da juventude né?! No sentido de que, da gente articular, mobilizar. Teve claro, o aval da UNIPOP, né?! O apoio da instituição, mas a participação maior foi da juventude da Agência mesmo, pra falar aquilo que ela queria e falar principalmente pra jovens e da voz pra esses jovens que também, por exemplo, não tem a oportunidade de falar aquilo que passa né?!

ENTREVISTADORA: E quais foram as atividades que tu fizestes? Porque tem a organização no ato, tem a produção de conteúdo, tem a cobertura....

PALOMA: Sim, é, eu basicamente sou apaixonada por fotografia né!? Eu participava das articulações dos atos, mas era mais direcionada nas fotografias, nos registros.

ENTREVISTADORA: Tu também falaste um pouco disso, sobre o protagonismo de vocês em todo o processo de construção e de atuação mesmo da Agência. Tu sempre te consideraste muito autônoma e protagonista assim enquanto tu estiveste na Agência, é... articulando os atos e produzindo...?

PALOMA: Sim, a gente sempre teve essa liberdade, sempre fomos muitos livres e digamos assim o próprio protagonista mesmo, porque a gente, como a gente tava construindo, tava mobilizando então nada melhor do que a gente mesmo falar o que a gente quer fazer né?!

ENTREVISTADORA: E participar dessa experiência da Agência tanto desde o curso de comunicação popular até as atividades da Agência mesmo trouxe assim pra tua vida assim no geral?

PALOMA: Uhum, eu sempre falo duas palavras que a Agência me proporcionou na minha vida, na minha vida pessoal inclusive, é a desconstrução/construção. Eu me desconstruí, apesar de ser militante, mas a gente tem o nosso processo, a gente foi criado numa sociedade que enjaula a gente e coloca a gente dentro de uma caixinha, dum formato, então a gente precisa se desconstruir, eu até hoje inclusive eu preciso me desconstruir de algumas coisas, entendeu?! Então isso é um processo. E também me construir, porque eu aprendi muita coisa dentro da Agência, me deu muita propriedade pra falar, pra falar sobre feminismo, pra falar sobre a participação de mulheres na sociedade.

ENTREVISTADORA: Tu ficaste quanto tempo na Agência?

PALOMA: Dois anos... Foi dois anos, desse processo desde 2017, acabou o curso até esse ano.

APÊNDICE D – ENTREVISTA**ENTREVISTADA: ARIANE BARBOSA****DATA: 29 de agosto de 2019**

ENTREVISTADORA: Nome, idade, formação, o que fazes atualmente, bairro que mora e autodeclaração racial?

ARIANE: Meu nome é Ariane Barbosa, tenho 29 anos, eu sou do bairro Telegráfo que é a comunidade da Vila da Barca, né?! Sou formada em Jornalismo pela Estácio-FAP. E tô nos corre (risos), tô desempregada, tô até desanimada, sabe, num tem emprego.

ENTREVISTADORA: E tu te autodeclaras como racialmente?

ARIANE: Negra.

ENTREVISTADORA: Como que tu conhecestes a UNIPOP, a Agência?

ARIANE: A UNIPOP eu conheci através da pastoral da juventude da paróquia lá, aí eu conheci lá, teve uma palestra aí me convidaram pra entrar na UNIPOP, através de um curso de comunicação popular.

ENTREVISTADORA: Isso que ano?

ARIANE: Num sei se foi 2009... É 2009.

ENTREVISTADORA: E aí tu fizeste o curso de comunicação popular nessa época, como foi essa transição assim pra Agência?

ARIANE: Através do convite da Patrícia e do Diego “bora fazer Agência de Jovens De Notícias”. Aí a gente sentou, planejou, fez o lançamento.

ENTREVISTADORA: Nessa época tu já estudavas jornalismo ou não?

ARIANE: Não... Acho que já. 2013... Foi, já.

ENTREVISTADORA: E aí, o que foi que te interessou na ideia da Agência, no projeto da Agência?

ARIANE: É sobre o protagonista é o juvenil, né? Falar sobre jovem, negro, periférico... O que me chamou atenção. Como eu moro na Vila da Barca, eu sei que... Eu conheço a realidade daquele lugar, me aproximou. Os correspondentes, cada... Um grupo lá que se

formou, era de um bairro. A gente era correspondente da Tapanã, Parque Verde, Telegráfo, e tinha esses correspondentes dos assuntos, terra firme.

ENTREVISTADORA: Nessa época, logo no início da Agência, o tema principal foi a questão do extermínio da juventude negra e qual tu acha que foi a importância dessa ter sido uma das primeiras pautas levantadas pela Agência nesse período?

ARIANE: Belém tava na pauta mesmo. Belém tava sendo o assunto mais importante, porque teve a morte em 2014, né? Na Terra Firme e do Guamá. E acho que foi esse assunto que foi mais destaque pra Agência mesmo, mostrar, os atos que teve sobre o extermínio... Eu acho que foi esses assuntos decorrentes aí com Icoaraci, que puxaram teve esse, essa junção da Agência.

ENTREVISTADORA: Sobre as atividades que foram desenvolvidas, os atos, a audiência pública. Como foi a construção de definição? Vocês trabalharam em todos os âmbitos assim da construção das atividades, da divulgação, da organização mesmo?

ARIANE: Foi em conjunto, foi CEDENPA, a gente se reuniu, a gente começou “olha, a gente vai trabalhar isso, aquilo o ato, a audiência pública” a primeira foi no CEDENPA, a gente fez um ato lá do Hip-hop, investiu no hip-hop, aí depois foi pro Barreiro e depois pro Marex e aí a gente fez isso, a gente trabalhou em conjunto a Agência.

ENTREVISTADORA Nesse processo, o que tu destacarias assim como sendo principal da construção... Porque assim meu ponto é o quanto vocês jovens tinham autonomia e o protagonismo na construção dessas atividades sabe?

ARIANE: Experiência, eu acho. A experiência de escrever aquilo que a gente quer botar no mundo sabe?! Vai ver meu texto a gente vai reivindicar aquilo, esse assunto, mostrar... É, a gente escreveu, tinha alguém que não gostava de escrever, fazia imagem, fotografia “aí não quero escrever” mas tinha outra tarefa, batia as imagens... Mostrar ao público o trabalho, fazer o resultado, uma amostra de resultados, sobre esse assunto, mostrar pras pessoas que tão morrendo jovens, é na periferia, que jovem tem que viver sim.

ENTREVISTADORA: Então tu consideras que tu foste protagonista que tu tiveste autonomia na construção dessas atividades?

ARIANE: Sim.

ENTREVISTADORA: Tu ficaste quanto tempo na Agência?

ARIANE: Acho que uns... Nem me lembro eu acho. Acho que um ano, não me lembro.

ENTREVISTADORA: Tu estavas no lançamento?

ARIANE: No lançamento.

ENTREVISTADORA: Então 2016. Lançou em novembro de 2016... 2017.

ARIANE: Acho que um ano. É um ano.

ENTREVISTADORA: Nesse período tu estavas cursando já jornalismo? E na faculdade de jornalismo tu tinhas ouvido falar sobre comunicação popular? Antes de tu teres o contato com a UNIPPOP?

ARIANE: Já tinha feito o curso.

ENTREVISTADORA: Foi isso que te levou a fazer jornalismo?

ARIANE: Levou ao curso, já tinha já... Esse amor. É só amor que te chama, dinheiro não tem, mas amor.

ENTREVISTADORA: E tu continuas assim, nesse caminho da comunicação popular?

ARIANE: Sim, olha, eu... Eu administro as páginas da Associação da Vila da Barca, eu que às vezes posto texto, uma foto, eu e um amigo meu, a gente formou essa pagina no *facebook*, um *insta*, um *twitter* pra mostrar um outro olhar pra vila da barca, a gente criou... A gente ainda tem esse viés da comunicação popular.

ENTREVISTADORA: O que trabalhar na Agência trouxe pra tua vida? Tanto o curso de comunicação popular quanto a experiência na Agência?

ARIANE: Me trouxe um leque de coisas, porque eu aprendi muito, sabe!?! Com isso, lá na faculdade eu já sabia.

ENTREVISTADORA: Falando um pouco mais sobre a temática do extermínio da juventude negra e a violação dos direitos humanos, o que tu achas das práticas, as práticas que os jovens mesmo podem fazer contra isso, seja na comunicação popular, seja na construção de atos. Contra essa situação, contra o extermínio da juventude negra, qual tua opinião sobre práticas de enfrentamento?

ARIANE: Não pode denunciar, porque pode morrer, né!? Denunciar morre, porque já tive muitos casos lá, que denunciaram e foi morto pelo carro prata, uma moto, não pode. Mas, mostrar que, através de... Os textos, a comunicação, na comunicação popular a gente cria texto pra mostrar um fanzine ou um panfletinho pra mostrar pras pessoas que existe isso, que existe morte na periferia. E que às vezes não é nem uma questão de tu denunciares assim, dizer “olha é a polícia miliciana que ta matando o jovem”, né? Nem é essa a questão, é tipo mostrar o outro lado do jovem, que o que tem na periferia não é só o jovem que trafica claro que tem a gente não pode negar, né? o jovem que ta metido... mas outros tipos dos jovens estão, sei lá... envolvidos na cultura do bairro, envolvido nas atividades do bairro, eu acho que é muito por aí também né?!

APÊNDICE E – ENTREVISTA**ENTREVISTADA: PATRÍCIA CORDEIRO****DATA: 26 de agosto de 2019**

ENTREVISTADORA: Nome, formação e o que tu és aqui na Agência?

PATRÍCIA: Meu nome é Patrícia Maria da Silva Cordeiro, eu sou pedagoga de formação e, na Agência, na verdade eu coordeno todo, o que era antes um programa que trabalhava com juventudes, hoje a gente chama de ações com juventudes por conta de uma reformulação dessa dimensão da UNIPOP. Ela era muito grande e aí tinha vários funcionários e tudo, então tinha um programa que era uma equipe grande, hoje ela tem... enfim, só sou eu e Naiane, então não fazia muito sentido, embora eu ainda tenho um status de coordenadora e tenha um salário que era compatível a coordenação, mas hoje... inclusive formalmente essa estrutura se desfez, mas eu de fato ainda coordeno todo o processo.

ENTREVISTADORA: É aquele programa Juventude...?

PATRÍCIA: Era programa “Juventude, participação e autonomia”

ENTREVISTADORA: Ele se desfez quando, sabe me dizer?

PATRÍCIA: Pois é, formalmente agora em maio, com a nova... o novo estatuto e tudo, mas a gente já, nós sofremos uma, uma avaliação externa e aí isso já era, na verdade a gente também já falava um pouco desse tamanho, né? Dessa coisa grande pro que era realidade e aí a gente começou mudando os termos isso acho que já no 2018, já nós não falávamos mais em JPA em programa, né? Nós falamos ações com juventudes. A referência de “juventude, participação e autonomia” é obvio que a gente não vai abrir mão, porque as ações são nesse sentido, é um pouco a nossa... é, é o que movimenta a gente, né?! São valores nossos.

ENTREVISTADORA: Atualmente essas ações, ela é Agência e o que mais?

PATRÍCIA: Nós temos, então, aqui a gente trabalha com, o curso de comunicação popular, *Agência de Notícias Jovens Comunicadores da Amazônia* e nós temos uma parceria com o Ministério Público do Trabalho e a gente faz qualificações socio profissionalizantes e fizemos o semestre passado duas turmas de garçom e garçonete. E

agora esse semestre nós teremos uma turma de garçom e garçonete e uma outra de customização que vai trabalhar um pouco com essa questão da moda e tal, acessórios de moda.

ENTREVISTADORA: Quando surgiu a ideia da Agência?

Então, a ideia da Agência, acho que 2007, é... 2007 não, 2016, o Diego começa a... (num vou saber sou péssima pra data) mas assim, o Diego compunha a RENAJOJ que é a Rede Nacional de Adolescentes e Jovens Comunicadores e aí já tinha essa parceria e essa relação com a Agência Jovem que tinham lá em São Paulo e ele já trazia um pouco essa ideia de uma comunicação dessa coisa mais colaborativa. E aí foi um ensaio assim do tipo, fazer cinco matérias uma coisa bem tímida e aí tinha um pouco esse formato ainda... Era como um apêndice né assim da estrutura da UNIPOP e aí ele foi e a gente conseguiu um apoio, escreveu no projeto do Fundo Brasil Direitos Humanos a gente conseguiu um aporte eu acho que de 20mil ou 10mil reais, enfim, que deu um *upzinho* porque garantia transporte pros jovens, alimentação, essas coisas que pra gente que é das sociedades organizadas, das ONGs a gente consegue garantir, facilita muito.

ENTREVISTADORA: É porque estudando, eu percebi que a Agência ela aparece na CPI das milícias, como um projeto a ser apoiado pela secretaria da cultura daqui aí é citado nesse inquérito, isso em 2015 e a Agência se lança só em 2016...

PATRÍCIA: Mas ele, não, ele cita o Projeto Jovens Comunicadores Da Amazônia.

ENTREVISTADORA: Sim, sim e aí eu fiquei pensando, então desde antes do lançamento da Agência essas articulações já vinham acontecendo, vocês já vinham se inserindo nas discussões...

PATRÍCIA: Então justamente, porque o que acontece, é essa... a UNIPOP ela tem uma relação de funcionamento em redes, né? E a RENAJOJ já tinha essa experiência, mas na CPI, a CPI quando traz, faz uma recomendação, é pro Projeto Jovens Comunicadores da Amazônia e a Agência ela é um ente né, do curso tanto que a Agência De Notícias, então ela é parte integrante desse projeto, por isso talvez tu tenhas feito a relação da Agência como projeto. É ele propõe, o Deputado estadual Edmilson Rodrigues na ocasião, acho que ele era relator, e ele faz essa recomendação falando um pouco pro estado que juventude você precisa tratar com política pública, com incentivo, com investimento na educação, no fomento mesmo, possibilitando o acesso a renda na

qualificação socio profissional... Enfim, e o projeto [do curso de comunicação popular] a gente tem anualmente, na época era anual, agora nós temos semestralmente, a gente sai daqui uma média de 30 pessoas com essa vivência que é um olhar, uma ampliação de visão de mundo, né? Aprende mais do que as novas tecnologias de informação, é mais do que mexer no celular, fazer uma foto, fazer um vídeo. É ampliar a visão de mundo, é compreender a comunicação como direito humano, então de fato esse é um grande legado nosso, foi legal essa indicação do Edmilson mesmo.

ENTREVISTADORA: Quando a Agência nasceu qual era o objetivo inicial?

PATRÍCIA: Então, era essa a ideia de uma, de colocar as juventudes pra produzirem mesmo, essas matérias, de experimentarem isso, de protagonizarem, em relação a, por isso a ideia de ser colaborativo, né? Tu não tens alguém um editor, alguém que coordena que faz, mas tu tens pessoas que pensam que sugerem e que fazem. Eu te confesso que pra mim, não sou da área da comunicação, e também não sou exatamente como Diego, como a Nayane que são apaixonados pela comunicação assim, quando eu falo apaixonados eu tenho é... Aprendido muito, olhado pra comunicação hoje, com olho assim de, com olhar de prioridade número zero mesmo, compreendo que a sociedade tá muito, muito pior porque a comunicação ela é uma comunicação direcionada, é uma comunicação pra poucos, pra invisibilizar pessoas, mas esses dois sujeitos, o Diego naquela altura e a Nayane hoje, são apaixonados, um apaixonado e uma apaixonada e fazem isso, movimentam essa comunicação. Então, é... Desculpa qual a pergunta?

ENTREVISTADORA: Qual o objetivo inicial?

PATRÍCIA: A ideia da Agência, ela surge pra essa coisa mais colaborativa mesmo, pra que as pessoas também experimentem, e sintam-se em condições de propor e também escrever um texto

ENTREVISTADORA: Tu me falastes quando a gente conversou no início que era também um local aonde eles façam um curso de comunicação popular, tenham essas vivências, e venham pra Agência exercitar né?!

PATRÍCIA: Então, a ideia era essa inicialmente, mas assim, a construção, esse encadeamento, de que ela é, depois... ela foi ficando mais organizada na nossa cabeça, que esses sujeitos viriam do curso, o curso prepararia, isso foi se assentando cada vez

mais nas nossas cabeças. Porque inicialmente era, tu tem o curso de comunicação, tu tem a galera que gosta que quer ficar, entendeu?! Assim, o Diego tinha uma ideia, na condição de alguém que pensava que era apaixonado pela comunicação, e eu na condição de educadora popular de quem coordenava o processo ficava pensando “bem, mas a Agência também precisa ser um espaço de acolhimento dos sujeitos que querem viver a UNIPOP pra além dos cursos”, entendeu?! Porque nós já tivemos aqui era... Núcleo... Tinha vários nomes assim, era Núcleo de comunicação, sabe? O tempo inteiro a gente tinha, porque nós sempre tivemos um grupo que não quer sair, que quer mais da UNIPOP, né?! E a Agência hoje, hoje ela ta com essa cara, porque a primeira versão dela, primeira ou a segunda?! Primeira versão dela com o recurso do Fundo Brasil, nós fizemos já uma parceria com, chamamos o Tela Firme, chamamos o Coletivo de Juventudes do CEDENPA, tinha mais um grupo, Jovens+Pará. Por que... o que acontece, e assim também, essas parcerias... Nós tínhamos aqui dentro o Maílson, que foi um jovem que havia feito o curso lá em dois mil... E seis, 2007, sei lá bem no início, e ele se apaixonou pelo vídeo, e investiu muito nisso, e ele aprendeu a fazer muito bem. E aí o Maílson era alguém que a gente chamava muito pra fazer as oficinas de vídeo, porque pra nós é importante que as juventudes vejam um jovem que passou por aqui e que a partir desse curso, encontrou algo também que é mais do que alguém entrar na universidade, é perceber que o que a gente faz, é possível também a gente sobreviver com isso, e enfim... E que existem várias possibilidades de você ganhar dinheiro que não sendo só medico, advogado, esses cursos que a sociedade capitalista estabelecem como os cursos dos sonhos, né?! E aí, então o Maílson é do Coletivo Tela Firme, ele e a Vanessa... Aí ele veio com a namorada, então vamos fazer assim, vamos fazer uma parceria, e acabou que eles mesmo ficaram. O coletivo de Juventude do CEDENPA, nós tínhamos uma jovem que veio desse processo de dois anos do curso de comunicação, que foi quando a gente fez um... aprovou um convênio, uma parceria com o Oi Futuro que foi, era 200 mil assim, se tu for ver não um montante de dinheiro exorbitante, mas pra uma ONG como a gente. Então a gente conseguiu, comprou camisa, tinha uma refeição que era melhor, né? Porque antes era picadinho com macarrão, picadinho com macarrão, e aí a gente tinha o recurso pra transporte, a galera podia fazer mais ação de rua. Então nisso deu uma visibilidade enorme, foi nesse contexto que o curso de comunicação, o Projeto Jovens Comunicadores, que aí já não era só o curso, era um projeto, porque aí a gente fazia atos, tinha as ações de incidências, a gente fez ato no Guamá, fez ato no Barreiro, fez ato no Benguí, né? Participava do dia, do dia de

combate ao trabalho infantil, enfim, a gente articulava as ações e tinha recurso pra garantir que a galera fosse de ônibus, tivesse um lanche e tal, coisa que anteriormente não tinha. E aí, a gente tinha a Ana Carla que passou por aqui e que depois daqui, ela criou um grupo ParÁfrica junto assim, deve ter pesquisado, com mais uma companheira e depo... uma colega dela, e depois do ParÁfrica ela ganhou uma visibilidade legal e tal, e assim, eu ousaria dizer que ela já, obviamente já tinha, é negra... Tinha, já tinha, já veio com essa identidade, mas ela afirmou muito aqui, se afirmou muito, e foi então um, quando criou o paráfrica depois saiu e participou eu acho que de um processo de seleção no CEDENPA ou foi indicada por alguém, e assumiu a secretaria executiva e lá ela criou esse grupo de juventudes do CEDENPA e isso foi um legado fantástico, né? Obvio a gente diz assim: poxa, tem alguém que a partir daqui, mas a gente também tem uma grande contribuição, a vivência, e aí a gente então chama a Ana Carla bora por essa galera preta pra vir aqui compor e tal foi o que veio de lá. E o Jovens+Pará, a gente tinha uma relação muito próxima com o Eduardo da Amazônia, na época ele fazia umas formações com a gente também, e chamava a gente pra algumas ações nessas ações de parcerias, e aí a gente chamou e veio um jovem representar, assim essas parcerias também é tudo muito a ser lapidadas, são grupos e tal. Esse jovem ele é, ele era, nessa ocasião, o grupo Jovens Mais Para era vivendo e convivendo com o vírus HIV/AIDS na época e ele era namorado de um rapaz, então ele compunha o grupo convivendo, e depois esse grupo deixou de existir dentro, então ele ficou com a gente, mas sem ter essa identidade do Jovens+Pará num... Meio que se fragilizou, entendeu?! Não existia de fato, bem mais ficou ele era fantástico, como todos os meninos e meninas que vem pra cá, ele que ajudou a gente a fazer o blog e tal, pesquisando mesmo, foi fantástico. A gente soube acho que ano passado que ele passou em duas universidades, bem bacana. E aí eram essas parcerias, depois a gente quando fez pra Agência, né? Quando a gente conseguiu o recurso do Fundo Brasil, aí a gente foi lapidando algumas coisas aí foi dando esse formato. Quando tu escreves em projeto tu tens que ter produto tu tens que, era uma coisa mais, assim, a gente queria que fossem materiais mais colaborativos, fossem produções mais colaborativas e tal, mas aí quando tu escreves projeto, tu tens que apresentar um produto concreto, um resultado, um número e tal e aí a gente então, ah bacana, era... Pra um semestre, vamos fazer, vamos mapear, um pouco isso que a gente ainda tem, mantém obviamente, porque a essência do que surgiu a Agência? É fantástica, mas assim era bem pouquinho, sabe tipo, pouquinho nem tanto, né? Porque

pra 6 meses três atos, é... Audiência pública a gente tinha lá, foram muita doidice a gente conseguiu da conta de tudo isso ainda.

ENTREVISTADORA: É, o meu recorte é justamente aí dentro desses atos, dessas incidências? Então vou te pedir, vou te lembrar, né porque eu sei como a nossa mente é, mas então esses atos, a audiência pública, o ato de extermínio no Marex, no Barreiro e foi tudo dentro dessa construção entre o projeto e o início da Agência, era isso?! O Projeto Jovens Comunicadores mais o início da Agência Jovens Comunicadores?

PATRÍCIA: É, a Agência, o projeto já tava num nível mesmo, a gente já tinha... Quando vira Projeto Jovens Comunicadores, que era um curso, né?! Quando surgiu em 2006 o curso, era um curso assim, que as pessoas vinham voluntariamente, eu num vivi essa época, quando eu entrei ainda era dessa forma, as pessoas vinham de manhã ficavam o sábado inteiro, as pessoas que vinham falar, que vinham facilitar eram voluntárias, não sei se tinha transporte, não lembro, acho que isso tinha... mas assim de resto não, então esse era um processo de maturação assim, quando a gente escreveu o projeto e tinha lá “Ação de Incidência” né?! E as incidências surgem nesse contexto, a UNIPOP já fazia atividades e encontros e tudo, mas com esse termo foi no momento assim, da feitura, da escrita do projeto. E aí nós fomos, fizemos no Guamá foi lindo! Era contra o extermínio... Era contra a redução da maior idade penal, nós fomos pra lá... Ou era contra a redução, não, era contra o extermínio da juventude negra, eu lembro, e aí nos fomos, e aí era assim essa pegada mesmo de meninos e meninas é... Saíam faziam aqueles picolés, tu sabes o que é um...? Tipo um cartaz com um pauzinho, que a gente põe um cano desse, um tubo desse assim, né? De papelão mesmo, aqueles restos, aí fazia uma imagem e tudo, poxa, é... Era... Contra eu sei que tinha um lá que era só um cartaz que era contra a redução da maioridade penal, e o foco era não ao extermínio da juventude negra.

ENTREVISTADORA: E aí é, dentro desse contexto, como é que... é muito engraçado perguntar “como”, né? Porque é uma coisa que é meio intrínseca a gente que vive esse contexto, mas como que surge esse tema do extermínio da juventude negra dentro da Agência?

PATRÍCIA: Fantástico! Bacana essa pergunta, porque quando a gente entrou na equipe, acho que isso era 2011, não se falava, o tema racismo era obvio, era uma coisa que numa instituição de defesa de direitos humanos, era uma coisa que feria então, mas não

era um tema algo que se falasse, como nós não falávamos a dois anos atrás em feminicídio, LGBTfobia, né?! São problemas que nos afetam, todo mundo se sensibiliza, mas não era um foco, não era uma coisa, uma marca e nem algo que a gente direcionasse a nossa atenção pra isso. Então o Futura veio pra Belém fazer... Eles queriam fazer uma ação, um diálogo sobre a questão do racismo e tal, e foram... chamaram pra SDDH (Sociedade Paraense de Defesa dos Direitos Humanos) E fomos, eu, Debora e Diego. E aí, houve lá a roda, movimento, galera falando e tal... E a gente saiu de lá “a gente não fala sobre racismo, a gente não fala sobre extermínio” a gente veio muito marcado assim com isso. Caramba, como é que a gente trabalha com jovem, nossa juventude são preta, mas a gente não fala disso e isso passa despercebido e tal, e aí a gente veio muito incomodada, mexida com esse tema, começamos a dialogar e começamos a pautar aqui o tema, então isso ficou nas nossas cabeças e tal, mas aí começamos a falar nas reunião “racismo”, “extermínio” e papa, começamos a pautar fortemente. E o público, o grupo que naquela altura estava, era a pauta deles e delas né, era o Sidney, veio a Ana Carla, logo na sequência desse curso. E aí a gente conseguia, era como se a gente tivesse tirado uma venda dos olhos, um tampão do ouvido e aí a gente já ouvia que eles e elas falavam disso, mas antes era como se não... sabe assim, não falava. E a gente começou a pautar essa temática, virou uma temática central na Agência e virou uma temática central para a UNIPOP.

ENTREVISTADORA: Sim, até porque a Agência, é tipo, o projeto, como tu estas me contando ele vem surgindo em 2015 e a gente passou por situações nesse período em Belém, né?! Muito problemáticas, a chacina e até mesmo o relatório que saiu, foi uma luta, né? Então esse tema ter surgido e ter sido trazido pela Agência entra nesse contexto também?

PATRÍCIA: É, é, na chacina nós já falávamos, já já, nós já estávamos com os olhos abertos, com a atenção toda aberta e o público já era preto, né? Assim pra nós.

ENTREVISTADORA: Porque na realidade a chacina foi sintomático, né? Na verdade foi o resultado do que já vinha acontecendo, no caso a problemática do que já vinha acontecendo.

PATRÍCIA: Porque, o que acontece, o que é que eu percebo assim, na verdade, sempre foi essa população que sofreu tudo isso. Mas tu vê até hoje eu vejo instituições que defendem os direitos humanos que dizem que são os jovens pretos, jovens pobres, que

são jovens... então esse debate também e isso ganha muito corpo porque a mídia começou a relatar quem era esse público, quando o mapa da violência vem e diz “olha, não, mas não é qualquer preto, não é qualquer jovem, não é qualquer pessoa, ele tem endereço, ele tem cor, sabe?! ele tem sexo, inclusive, que são os meninos né?! que são mais mortos e tal”. Então a gente passou a enxergar nesse contexto, assim, de ir a uma reunião, de ir ouvir movimentos falando, e a gente passou, e aí passou a ser um critério nosso também. Se são essas juventudes as que morrem mais, as que tem menos oportunidades, são elas que tem que ta aqui, nesse contexto e nessa pegada também que entra o tema feminicídio e LGBTfobia. Porque a gente começou a se perguntar aqui, e com o elemento que era, esse público, essas juventudes pretas, com essa identidade que se afirmaram nesse ambiente da UNIPOP, seja da Agência, do curso de comunicação, do Projeto Jovens Comunicadores como todo, ajudou a firmar, esses sujeitos saíram pras universidades e tal, foram tocar sua vida, né?! E esse novo público que chega, que parte deles são essas pessoas que tu vais conversar, o Andrei ainda é dessa, desse grupo que fala muito sobre racismo, que fala sobre negritude, é um cara que faz rima, que escreve, produz muita poesia periférica e tal, mas entra, por exemplo o Josefah que é um gay afeminado, que a gente havia conhecido acho que ele tinha menos de 12 anos, né?! No projeto já com comunicação, educomunicação no Benguí então ele vem, é, quando ele volta já com os 15-16 anos, ele já tinha trejeitos, né?! Quando era criança lá, quando ele volta mais crescidinho com 15-16 anos, voltou já se identificando como um gay, né?! E aí, olha que legal Josefah assumiu e tal, esse colega dele João que entrou aqui também, mas ele tinha feito uma passagem breve pelo curso, não estabeleceu vinculo afetivo como o Josefah, conosco e com o programa e com a UNIPOP. E depois é, o grupo que vem vindo, essa segunda leva, essa segunda geração, diria assim já com, agora com uns três-quatro anos eu acho, ela vem pautando a questão da identidade de gênero, a questão da orientação sexual, querem discutir isso, e ele vem pautando a dor do gay afeminado, né? Que não pode pegar o ônibus e tal, e enfim. E o feminicídio é um clamor, né? Que a sociedade que ta posto aí, a gente percebeu que não tinha como deixar de ouvir isso, são as mulheres sendo assassinadas no seu ambiente de afeto familiar, e as pretas novamente, né?! E também a gente tem grupo de moradores de Ananindeua que traz isso que era o grande dado né assim, Ananindeua é o município que mais matas mulheres.

ENTREVISTADORA: Atualmente quem são os coordenadores da Agência?

PATRÍCIA: Então, sou eu a coordenadora, falando diretamente sou eu, porque todos os projetos vão com meu nome, eu coordeno, mas assim, isso de modo formal. Eu digo pra todo mundo que quem coordena a Agência é a Naiane, porque ela quem acompanha o miudinho, quem pensa o miudinho, quem fica nas redes, que tem o domínio da linguagem. Eu, na condição de uma mulher adulta, num trabalho com juventude, numa instituição que ainda não é tão jovem como a gente gostaria, e quando eu falo de jovem não é do tempo, não é da idade, porque a UNIPOP já tem 31 anos. Mas não é jovem suficientemente ao ponto de não precisar dessa intermediação de uma mulher de 48 anos, entendeu?! Então eu avalio que eu existo pra ser essa voz das juventudes, pra aproximar e pra facilitar a compreensão da UNIPOP em relação aos pensamentos, aos desejos das juventudes e vice e versa, né?! Então eu intermediei essa relação, e eu digo que eu faço isso administrativamente, eu também tenho uma facilidade em relação a isso que é ter esse acesso nos dois campos. Eu sou muito querida por eles e por elas, assim, reconhecem-me na pessoa que tem essa idade uma pessoa de fácil acesso que contribui, porque eu avalio que uma instituição como essa a gente não tem que tá aqui pra da não, a gente tem que tá aqui pra possibilitar o máximo, só digo não quando não é possível mesmo pra além de mim, entendeu?! É, não sou eu, eu não digo não, em nada, porque eu acho que não tem que ter não. É... Só é não assim, de não é possível, não tem recurso, não tem a estrutura, às vezes não tem a prioridade... Então de ajudar, eles me ajudam a enxergar melhor, e eu ajudo eles e elas a enxergar melhor também do auto da minha experiência.

ENTREVISTADORA: Como esse protagonismo [das juventudes] é exercido na construção das ações, na construção dos textos, nas construções de tudo, como hoje, na construção do planejamento de um projeto de um ano inteiro que vocês vão fazer, como que tu visualizas essa questão da autonomia deles, do protagonismo que eles têm na construção de tudo?

Patrícia: Pois é, é assim, eu acho que isso tem muito a ver com minha postura aqui, mas com minha visão de mundo, o que eu defendo e institucionalmente eu faço essa luta, essa briga e tenho muito suporte pra isso, né? Institucionalmente, mas fazer uma briga no sentido das pessoas compreenderem mais e tal. Agora, eu não faço favor, por que eu acho que é direito, entendeu? A gente tem uma inversão grande de valores, por exemplo tu vai numa escola quem deveria ser o sujeito central? Aluna e o aluno, eles não são os sujeitos centrais, né?! Então na UNIPOP a gente tem tentado aqui, nos projetos que a

gente coordena, tem tentado fazer com que eles e elas sejam os sujeitos mais... mais... Porque o protagonismo, ele não... não sou eu que vou possibilitar que eles protagonizem, só vão protagonizar, quanto mais eles tiverem compreensão, desejo, tesão por isso, tendeu?! Então a gente fica aqui o tempo inteiro se perguntando se a gente tá conseguindo possibilitar essa compreensão, então quando alguém sai e sai meio... sai de qualquer jeito, ai pô, eu fico até chateada com esse sujeito, mas eu devolvo isso pra mim “onde nós falhamos?” e isso eu faço muito com a Naiane, faço muito com as pessoas que a gente trabalha, hoje é a nayane já tem um tempo que a gente ta trabalhando juntas e eu amo trabalhar com ela, por isso também, porque ela é jovem, porque ela é muito é, enfim... A gente tem muita semelhança nisso, uma complementa muito a outra. Mas acho que isso é um direito, direito total das juventudes protagonizarem, porque muitas pessoas não protagonizam porque são podadas, são impossibilitadas de protagonizar, às vezes elas estão num espaço que faz esse discurso, mas não possibilita. Tem muita gente que aí eu, aqui pode, tem todo o direito, tem toda a liberdade, não é bem verdade. Aqui também a gente não é, não é tudo bem como a gente gostaria, mas ao máximo eles e elas tem espaço. E também reivindicam, né? Porque aprenderam isso, né? E é bem bacana, às vezes eles mandam mais do que eu, eu acho ótimo.

ENTREVISTADORA: A Agência ela é totalmente vinculada a UNIPOP?

PATRÍCIA: Totalmente! Ela é um projeto dentro da UNIPOP, e ela já surge como um projeto dentro da UNIPOP.

ENTREVISTADORA: E ela é financiada sempre por editais?

PATRÍCIA: Ela é financiada assim, a Agência, ate o Fundo Brasil entrar com algum aporte ela ficava sem nada, então era assim, era uma sobra entendeu? De onde a gente vai tirar e tal, e era mais difícil, mas ela é hoje, neste momento, ela entrou no nosso projeto trienal, hoje o recurso que vem garante um pouco, garante a Agência enquanto continuidade do curso, mas hoje, antes disso nós temos a **SW?** que já está, eu acho que no terceiro, quase segundo ano, terceiro semestre quase segundo a **SW** que é uma instituição alemã, nós temos a **Silk** que é uma mulher que tem uma paixão pela Amazônia, já morou aqui e que conhece a realidade das juventudes então esse recurso já veio de lá, mas quando ela surge, ela surge de um ajuste que a UNIPOP ia fazendo. Depois não, a FLD foi um semestre, a... a FLD foi depois, primeiro Fundo Brasil dos

Direitos Humanos, depois FLD, tendeu? Ai esses recursos vão vindo daqui. Agora esse ano a gente conseguiu é, exatamente por isso, a Agência não é um apêndice, desse jeito ela fica de qualquer, ela fica de fato... Ai às vezes eu esqueci tal coisa da Agência, não ela tem um dia. E aí a gente ta arrumando esse formato de funcionamento, não pra burocratizar, mas pra que ela tenha cara de projeto, e ela tenha todo e qualquer suporte. Porque o quê que os meninos e meninas se ressentem, a gente tem muito cuidado aqui com alimentação, quando digo cuidado a gente ainda não ta ainda num nível de comidas tão saudáveis, mas também assim, elas adoram, por exemplo, hotdog e tal, mas assim tinha vezes “ah porque o curso tal lanchou arroz com galinha e deram pra gente pão com margarina, pão com queijo” então essa coisa meio que apartada e as pessoas também achando que quem estava na Agência, quem ta na Agência não é... que esse sujeito que ta na Agência não é o sujeito que também ta com fome, que ta em depressão, que ta com as mesmas dores que a gente relata das outras juventudes, não peraí, porque? Porque esse sujeito da Agência com toda essa carga de miséria, de dores, de ausência, de urgências esse sujeito é totalmente politizado, então parece que a dor não é a mesma do que vem da periferia sem nada entendeu? Porque ele não é um pedinte, ele não chega aqui falando da fome dele, ele chega aqui querendo transformar o mundo, mas quando vaza, vaza a dor, vaza a fome, entendeu? E aí a gente, também, quando a gente começou a enxergar e ouvir, por que as vezes você não desperta tua escuta pra isso.

ENTREVISTADORA: Tu falaste essa questão do lanche e eu lembrei de uma coisa que me chama muita atenção porque eu nunca vi, é sobre vocês darem o dinheiro do ônibus-transporte, com é que funciona isso?

PATRÍCIA: Menina, eu acho que eu cheguei e já era assim. É uma cultura da UNIPOP. Eu no começo, na minha trajetória toda, é trabalhando com pessoas, eu trabalhei no movimento de EMAUS, enfim, depois eu passei por vários espaços sempre do movimento social e nunca também tinha visto isso e me soava um pouco estranho no começo, até eu perceber qual era a realidade da juventude mesmo aquele jovem aquela jovem que a família tem uma renda, esse sujeito não tem liberdade total pra ir e vir, porque ele da satisfação, e as vezes quem tem a tutela, obvio, ele é tutelado, ela é tutelada por alguém, tem uma coisa “não, não vou te dar a passagem”, né?! E outros não têm mesmo, mesmo que tenha uma vida organizadinha pra ir pra escola, meu sobrinho era um exemplo desse, que muitas vezes não tinha grana pra vir, então se a UNIPOP

não possibilitasse ele era um cara que nunca deixou de ir pra aula por falta de grana, mas a prioridade era a escola, entende? Então assegurar o transporte é pra garantir que esses sujeitos venham, é que venham mesmo, que se desloquem, porque a falta do transporte é um problema grave mesmo, tem gente que às vezes não consegue o dinheiro pra vir, mesmo que a gente vá repor.

APÊNDICE F – ENTREVISTA**ENTREVISTADA: PATRÍCIA CORDEIRO****DATA: 09 de agosto de 2018**

ENTREVISTADORA: O que é a Agência?

PATRÍCIA: Então, a Agência ela é, o que a gente fala, de um pequeno salto, né? Pequeno, mas talvez grande diante do contexto de adversidade que a gente vive. Mas ela é um salto após o processo de formação do curso de comunicação popular, né? Nós já temos o curso desde 2006, mas 2011 (acho que 2011 ou 2012) a gente teve um aporte financeiro de apoio com a Oi Futuro e a gente deu um *up* assim sabe no curso... É o projeto foi que a gente conseguiu, foi aprovado, acho que foi a única instituição da Amazônia, ou fomos nós e mais algum, não sei... Mas em Belém, seguramente, só nós. E aí foi muito bacana, porque o que a gente vivia: os meninos e meninas passavam pelas formações e queriam alguma coisa a mais. Aí ficava aqui... Aí a gente dizia que era um grupo de suporte, que era não sei o que, mas não tinha um pouco por onde se afirmar. Aí esse mesmo grupo que tinha feito umas vivências, a gente planejou escrever o projeto e eram vinte [pessoas]. A gente fez a primeira turma com esses vinte e abriu pra mais vinte. Então nós fizemos o primeiro projeto de dois anos onde essas turmas se encontravam no meio do processo já com vivências que a gente chama de ações de incidência, né?! Onde a primeira turma, com toda essa gama de vivência, de conhecimento institucional, inclusive, porque já eram parte daqui da UNIPOP, vinha com os conhecimentos de dentro do curso, da linguagem, e planejaram ações de incidência. Fizemos atos no Benguí, Guamá...Participávamos do dia 18 de maio contra abuso e exploração sexual de crianças e adolescentes, enfim, essas ações elas se davam planejadas, executadas pelas juventudes obviamente com nosso suporte institucional e tudo. Depois a segunda turma fazia a vivência dos temas, mas já mergulhando nesse tempo, que já era um pouco avançado da primeira turma, foi uma experiência bacana, foi difícil por que tu juntar dois grupos diferentes, duas vivências e tudo, mas assim, foi lindo, foi fantástica essa experiência. E depois o Futuro [Oi Futuro] tem uma postura de não renovar, nós fomos muito bem cotados, muito bem avaliados, mas não podia mais renovar, eles tem uma política de cada período apoiar alguém diferente. E aí a gente foi tocando agora numa dimensão menor, mas continua com vinte pessoas o curso de

comunicação. Tu chegas num momento interessante, porque essa é a terceira aula, né Naiane? Terceiro encontro da turma de comunicação. A gente tá iniciando uma turma e a gente então ousou, assim, eram vinte jovens quando a gente lançou, não foi exatamente o edital, mas quando a gente fez o chamamento público, nós tivemos cento e cinquenta inscrições pra vinte vagas. Poxa, isso é brincar assim também, não propositalmente, mas... (E não é uma brincadeira), mas a gente chama cento e cinquenta pessoas desejantes por um processo e a gente com vinte vagas, então vamos conversar e ver aporte financeiro daqui e dali. Vamos ampliar pra trinta “ah, mas trinta...” enfim, fechamos com trinta e sete pessoas. A gente fez a seleção entre entidades parceiras como Lar Fabiano, Emaús... Foram essas duas? [pergunta à Naiane] E a Liga que é um coletivo de juventudes. E aí abrimos também pra região metropolitana como um todo. A turma tá aí, tá acontecendo o curso, tá bem legal. E nós também estamos iniciando um processo com a Agência que a gente tá vislumbrando também avançar um pouco no desenho que ela tinha, porque a Agência é o seguinte, ela não é um projeto que tenha um apoio já fixo, então ele não tá alocado, nós somos uma ONG, a gente aprova projeto... e aí o que acontece “Faz ação para, faz ação para” e a gente tá pensando em *linkar* efetivamente a Agência ao processo do Jovens Comunicadores. Então saiu... saiu as juventudes e já entram na Agência. Que juventudes são essas? Aquelas que se identificaram com a proposta e que querem permanecer com esse vínculo institucional e obviamente o vínculo é nessa vivência dos projetos. E aí a gente tá com uma turma, nós temos doze...catorze...dezesesseis pessoas na Agência, mas a nossa meta é vinte então eles estão, a própria a Agência tá planejando uma ação pra capturar mais quatro pessoas pra compor a Agência com vinte. Enfim, a gente tá trabalhando muito esse exercício de protagonismo, porque são jovens, nós temos adolescentes de 15-17 anos, né ? o Josefah?! E temos jovens de 21, 22, 23 anos, mas tem umas meninas com 18, 19 pessoas com uma primeira vivência assim, então a ideia é a gente fazer uma orientação, mas que esses sujeitos sigam e aí vamos provavelmente ter outra audiência pública, fazer essas ações. Nós obviamente temos fragilidade, mas é legal que tu possas estudar, olhar pra isso e também nos dar *feedback* e nos dar sugestões do lugar que tu tens de estudiosa, né ? Porque isso aqui, por exemplo, a Naiane ela estuda serviço social, é uma apaixonada pela comunicação, não sei porque ela foi pro serviço social, mas podia ser pedagoga como eu.

ENTREVISTADORA FALA COM NAIANE: Eu te vi no ENECOM [Encontro Nacional de Estudantes de Comunicação]

NAIANE: É, eu fui uns dias.

PATRÍCIA: É, nós fomos convidadas mesmo não sendo estudantes, então isso assim é um avanço. Isso mostra que nós temos um, nós temos um lugar que a gente tem demarcado uma posição.

ENTREVISTADORA: Sim, nas minhas pesquisas no projeto Mídias Alternativas da Amazônia, nós encontramos muitos materiais da UNIPOP, revistas, jornais....

PATRÍCIA: É verdade, a gente tem uma trajetória. A UNIPOP tem uma trajetória muito bonita no campo da educação popular, né? E a comunicação entra nisso na mesma pegada assim que é vislumbrando a transformação desse modelo de sociedade onde, no nosso caso as juventudes possam utilizar dessas linguagens, dessas ferramentas que a comunicação nos possibilita pra olhar pro seu território e buscar uma transformação, enfim... denunciar. Então a gente tem essa... o objetivo de trazer esse olhar desse sujeito pra dentro... também dele enquanto sujeito político, né?! Porque as pessoas tem uma confusão de achar que a gente fala em política parece que é relação partidária. Mas esse sujeito político que decide, que cobra, que fiscaliza, entendeu? Eu acho também que a trajetória da UNIPOP é muito rica pra nesse contexto, tem muito a contribuir, tem contribuído, né?! Porque eu acho importante pra tu perceberes a nossa metodologia, participar das reuniões da Agência, mas também vê um pouco como se dão as aulas, as atividades, qual a metodologia que os educadores e educadoras utilizam né?! Porque, que bom que tu já encontraste Paulo Freire, porque isso tudo tem um *link* muito forte, então a relação é sempre: os sujeitos. O aprendizado ele não vem de cima pra baixo, as pessoas facilitam os processos, os trabalhos de grupos são a nossa marca, o círculo, pra esse olhar dos sujeitos uns para os outros e para as outras. Eu acho que é importante tu saber: todas as terças feiras a Agência reúne. Os jovens pra poder ver, olhar as juventudes e ver um pouco desse movimento das reuniões. E todas as terças e quintas são as aulas do curso de comunicação.

APÊNDICE G – ENTREVISTA**ENTREVISTADA: PABLO CAUÊ****DATA: 30 de agosto de 2019**

ENTREVISTADORA: Nome, idade, ocupação, o bairro que mora e como se auto declara racialmente?

PABLO: É... O nome todo? Pablo Cauê Costa Bittencourt? Eu tenho 16 anos. Eu moro no Jardelândia. Faço 3º ano do Ensino Médio. Branco.

ENTREVISTADORA: Como tu conheceu a UNIPOP?

PABLO: Foi através de um amigo o Josah, porque ele também fez parte da UNIPOP.

ENTREVISTADORA: Quando? Tu lembra?

PABLO: Foi... eu acho que em maio do ano passado.

ENTREVISTADORA: E tu vieste fazer o curso....

PABLO: De comunicação popular. Isso ano passado né, 2000 e... 2018.

ENTREVISTADORA: Tu fizeste o curso junto com ele foi? Vocês fizeram o curso e ai depois foram pra Agência?

PABLO: Sim, depois a gente foi pra Agência.

ENTREVISTADORA: Como que foi essa transição assim?

PABLO: Foi como um exercício mais ou menos, porque no curso a gente meio que aprende a fazer muita coisa como radio, fanzine e tudo mais e tudo isso a gente exercita dentro da Agência .

ENTREVISTADORA: E tu conhecia antes de vir fazer o curso o que era a comunicação popular?

PABLO: Não.

ENTREVISTADORA: E como foi pra ti essa experiência?

PABLO: Foi interessante. É porque primeiro eu pensava que era mais uma coisa falada assim, mas depois eu fui percebendo que é uma coisa que tá dentro de todo mundo que pode chegar em todo mundo e eu nunca tinha tido um contato assim com essas coisas.

ENTREVISTADORA: E o que foi que te interessou quando tu recebeste um convite pra entrar na Agência?

PABLO: É porque quando eu tava no curso, a Agência já existia, então dentro do curso tinha participantes da Agência, o Josah era participante da Agência, então eu via tudo que eles faziam fora a parte do curso, então isso me interessou.

ENTREVISTADORA: Tu ficaste quanto tempo?

PABLO: Acho que um ano.

ENTREVISTADORA: E quando tu entraste assim o que tu lembra que eram as pautas assim que permeavam a atividade da Agência?

PABLO: A principal pauta é o extermínio da juventude negra, né?! Mas tinha também sobre a mulher, a violência contra a mulher, sobre a LGBTfobia.

ENTREVISTADORA: Na questão do extermínio é o que tá centralizado da minha pesquisa. Qual a importância pra ti da Agência tratar sobre isso?

PABLO: Acho que é importante, porque a Agência querendo ou não trabalha dentro da periferia, e a periferia é onde mais rola esse genocídio.

ENTREVISTADORA: Nesse período que tu estavas na Agência, tu lembra quais foram as atividades ou conteúdos que vocês produziram ou atos que vocês participaram que tinham esse recorte?

PABLO: Teve a audiência pública dentro da... Eu não lembro direito qual foi o bairro, mas teve a audiência pública. A gente participou de muitos atos do #EleNão que eram protagonizados pelas mulheres então foi isso. Ah... Teve também a... O encontro da juventude que teve muitas pautas, mas também chegou a essa.

ENTREVISTADORA: Esse da audiência e do encontro são atividades realizadas pela Agência né, pela UNIPOP? Dessas construções como era se envolver na organização, desde a organização, a divulgação, mais a cobertura do evento, como foi assim a experiência?

PABLO: Foi muito interessante, eu aprendi muito sobre todas essas vivencias sabe?! Porque querendo ou não eu sou branco e a principal pauta não faz parte do meu mundo, então me ajudou muito a entender.

ENTREVISTADORA: E nessas construções tu fizeste especificamente o que? Tu produziste conteúdo pro blog?

PABLO: Sim, a gente participava do blog, tem a conta no instagram que a gente as vezes faz live dos eventos e tudo mais.

ENTREVISTADORA: E como tu vê o exercício ao protagonismo que vocês tinham na construção? Tu acha que tinha um protagonismo no sentido de decisão, assim tu decidia aonde ia ser, por exemplo, a audiência pública, decidir quem ia convidar, eram tudo vocês que decidiam em comunhão num processo de discussão colaborativa, como era isso?

PABLO: Sim, era a gente que trazia as ideias e a Patrícia geralmente mandava pra coordenação da UNIPOP pra vê se conseguia o ofício. Então era a gente que dava a ideia.

ENTREVISTADORA: O que trabalhar na Agência, ter passado por toda essa experiencia aqui na UNIPOP do curso, da Agência , dos debates, trouxe pra tua vida, no geral?

PABLO: É... me trouxe um conhecimento, trouxe um certo respeito, trouxe uma desconstrução que eu não tinha. Eu faço parte de uma periferia, mas eu nunca vivi as pautas que a Agência traz então me trouxe muita desconstrução.

APÊNDICE G – ENTREVISTA**ENTREVISTADA: NAIANE QUEIROZ****DATA:** 30 de agosto de 2019

ENTREVISTRADORA: Primeiro eu queria que tu falasses teu nome, tua idade, o que tu faz atualmente, o bairro que tu moras e como tu te autodeclaras?

NAIANE: Meu nome é Naiane Queiroz, tenho 23 anos, sou moradora do bairro do Icuí, Ananindeua, sou estudante de serviço social. Eu trabalho aqui na UNIPOP sou educadora e articuladora da Agência e hoje, eu me autodeclaro como uma mulher preta.

ENTREVISTRADORA: Como que tu conhecestes a UNIPOP?

NAIANE: Eu conheci a UNIPOP em 2014 através de um curso de empreendedorismo que era de um projeto chamado Projeto Amazônia. Então, eu entrei na UNIPOP como educanda através desse curso, que na época era um curso de um ano sobre empreendedorismo, sobre questões socioprofissionais, aí depois eu fui migrando...Curso de comunicação, depois virei articuladora do curso de comunicação e depois adentrei a Agência e hoje estou educadora.

ENTREVISTRADORA: E tu te consideras o que na Agência, além de articuladora? Porque a Patrícia te nomeou coordenadora também e o que tu achas disso, tu te sente como coordenadora da Agência ?

NAIANE: Acho que como esse processo ele foi bem natural, da Agência. Eu tô na Agência desde a primeira edição dela, desde o início, então no início a gente sempre falava que todo mundo era articulador da Agência , e aí depois, como a Agência ela é um projeto, então hoje eu estou na UNIPOP recebendo por esse projeto então por isso que a Patrícia fala que eu sou a coordenadora do projeto porque hoje eu estou recebendo na condição de educadora e coordenadora mais a frente desse processo da Agência, mas acho que foi um processo bem de construção mesmo porque como eu tô desde o início eu consegui ver todos os avanços que a gente já teve na Agência assim.

ENTREVISTRADORA: Me fala um pouco desse início...

NAIANE: A Agência ela inicia tendo em vista ser um projeto de educomunicação somente, só um espaço de denúncia pra pauta que a gente falava na época extermínio da juventude negra. Então ela nasce com esse intuito, de ser só um espaço de educomunicação de jovens pra falar do extermínio da juventude negra. A gente tinha na época metas como, fazer uma audiência pública, fazer matérias, mobilizar parceiros. Então a gente ficou muito preso a isso. A Agência ela vem desse contexto de pesquisa, mesmo então a gente, na verdade, as pessoas que desenharam o projeto da Agência pensaram muito em fazer esse espaço. Tinha algumas outras Agências como exemplo, a Agência de notícias que é de São Paulo, tinha a Viração, na verdade, a Agência de

notícia era do Rio e a Viração de São Paulo. Então a ideia era de ser um espaço colaborativo como essas outras Agências já funcionam, mas aí quando a gente chega aqui em Belém a gente se depara com... primeiro que tem um grande diferencial que é geográfico né?. Os jovens que faziam parte da Agência na época eram de comunidades e bairros muito distantes então até pra gente sistematizar uma matéria, por exemplo, demorava muito. Porque demorava da gente se conectar pra mobilizar isso.

ENTREVISTRADORA: E aí a Agência surge com essa pauta do extermínio. E aí eu conversei com a Patrícia que eu encontrei a Agência no Relatório da CPI das Milícias de 2015 ainda quando ela não tinha sido lançada, mas ela já estava no caso sendo pensada. E como foi esse processo, não sei se tu lembras, se tu pode falar um pouco desse processo da incorporação do tema do extermínio da juventude negra, mais o aparecimento de vocês lá nesse relatório que é na verdade uma recomendação de fomento a Agência pela Secretaria de Cultura

NAIANE: A gente surge muito nesse contexto de pós-chacina da terra firme, 2014, então a gente surgiu com a ideia mesmo de contrapor a mídia de falar que tinha sido só morte de alguns jovens e que não tinha nada a ver a relação de um com o outro. Então nessa época de 2015 a Agência já estava sendo desenhada pelo Diego Teófilo e outras pessoas. Já estavam pensando nela muito porque tinham ido fazer vivências na Viração, tinham ido pesquisar um pouquinho mais sobre o extermínio da juventude negra e a gente se depara com a chacina e com a oportunidade de ter um espaço que eu acho que a Agência, como ela é um projeto dentro de uma instituição, ela não é um curso, ela não é uma coisa pensada tão somente por pessoas, ela tem uma questão institucional envolvendo, ela ganha esse “boom”. Acho que por isso a gente começa a falar que a Agência tem esse papel principal de falar do extermínio e tanto quando a gente escreve ela em 2015 a gente já fala que a gente quer realizar uma audiência pública no bairro onde ocorreu a chacina. Tanto que a gente em 2017 realiza a audiência pública na Terra Firme.

ENTREVISTRADORA: Qual a importância pra ti que a Agência pautar esse tema. Eu entendo já que ali naquele momento era o que crucial era falar ou falar daquilo que tava acontecendo, mas qual a importância assim que tu veres de uma articulação de comunicação popular pautar esse tema?

NAIANE: Eu acredito primeiro que a gente... Eu gosto de falar que a Agência ela é um espaço de narrativas, então acredito que desde que a gente iniciou ela mesmo, colocou ela em prática, tirou do papel, ela vem trazendo esse espaço de narrativas, principalmente que na época a gente tinha bem mais integrantes negros e negras na Agência. Então, a UNIPOP precisava de um espaço, acho que também Belém precisava de espaço que falasse sobre os corpos periféricos e negros então a Agência surge nesse contexto, eu acho que por isso ela é importante porque se a gente que tá na periferia a gente não consegue falar sobre o que rola na periferia é meio que vago ser comunicador e comunicadora, então por isso a importância dela pra ela de fato mostrar, o que de fato tem nas periferias.

ENTREVISTRADORA: Eu queria que tu falasse como ocorrem as decisões na Agência, podes falar de antes, do início tu era “apenas uma participante”, e agora que tu estas mais envolvida pensando o projeto mesmo

NAIANE: Antes a gente já tinha as pautas feitas pelo projeto, era um projeto bem pequeno de 8 meses então a gente já tinha as pautas definidas das ações. Então a gente tinha lá que realizar uma audiência pública, tinha que realizar três encontros. A gente já tinha isso desenhado, a gente não podia mexer por questões financeiras e porque tava escrito no projeto. Agora a gente começa ampliar a Agência pra uma construção de planejamento coletivo. É uma coisa que eu falo agora estando na condição de educadora e de coordenadora desse processo da Agência ... Eu já consigo construir mais com a galera, tanto que a gente já realizou roda de feminicídio. Então a gente começa ampliar essa construção pra ela ser uma construção muito mais coletiva e colaborativa mesmo. Então deixa de ser só um projeto que tem as suas metas desenhadas. Tanto que a gente começa a participar mais de outros atos que envolvem as juventudes em Belém e na região metropolitana porque a gente acredita que essa construção colaborativa e de parceria com quem tá na Agência ela é importante porque as pessoas são a Agência também. A gente então começa a compreender mais que a Agência ela é muito mais que um projeto, as pessoas também são a Agência.

ENTREVISTRADORA: Quando tu falas que eram atividades definidas pelo projeto, mas tipo hoje também meio que já estão definidas algumas atividades, eu vi na segunda, mas isso não restringe vocês na construção?

NAIANE: É porque antes...por exemplo, os jovens não participaram da construção dos objetivos da Agência e agora os jovens todos participaram da construção, então, por exemplo, antes a gente só falava que a gente tinha que fazer uma audiência pública e a gente fazia e quem organizava tudo; local, quem chamar... Eram os coordenadores da Agência . Na época era o Diego, a Pati que estava mais a frente. Então agora a gente trabalha pra trazer a juventudes pra construir também, pra planejar também, quais ações, o que falar, a onde fazer, com quem contar. Então eu acho que as parcerias e os processos colaborativos aumentam ainda mais sabe dentro da Agência.

ENTREVISTRADORA: Falando ainda do início, vocês tinham parcerias né? Com o Tela Firme...

NAIANE: Tela Firme, CEDENPA e Jovens + Pará

ENTREVISTRADORA: E como era essa parceria?

NAIANE: As parcerias elas vieram muito na perspectiva de que esses coletivos, grupos, indicarem pessoas para fazer parte da Agência. Então a gente tinha pessoas que eram do CEDENPA e que vieram pra Agência, compor a Agência e a gente pensou também na época em produzir as matérias sobre esses coletivos tanto que as primeiras matérias tem lá falando o que era o CEDENPA. Então as parcerias elas eram muito assim, da gente

mobilizar “x” coletivos, realizar uma matéria sobre eles e eles indicarem alguém pra fazer parte da Agência.

ENTREVISTRADORA: Sobre a produção de conteúdo pras mídias, como era essa articulação de produção porque tinha a organização da atividade, divulgação da atividade mais a cobertura

NAIANE: A gente dividia em grupos então cada grupo ficava meio definido qual era o coletivo que ia mobilizar. Por exemplo, três pessoas iam mobilizar o CEDENPA, e aí a gente pensava coletivamente o grupão de 20 jovens, a gente pensava quais seriam as perguntas a serem feitas, essas três pessoas iam lá faziam a entrevista, matéria, traziam e o Diego que tava na época mais na frente como educador era que sistematizava e diagramava a entrevista, vídeo, foto e aí a gente fazia o post coletivamente nas redes sociais. Então, por exemplo, a gente tinha mais o nosso *facebook* e o blog. A gente nem tinha o *instagram*, demorou um tempo pra criar o *instagram* e nem tinha *twitter* também, então a gente fazia esse processo. As pessoas iam coletavam material, vinham até a UNIPOP pra produzir e aí quem diagramava porque entendia mais e tinha mais técnica era o Diego que fazia isso pra gente poder fazer o post.

ENTREVISTRADORA: E atualmente isso funciona como?

NAIANE: Atualmente a gente tenta dividir também desse jeito, mas aí a gente agora tá dividindo por habilidades. Então, por exemplo, não tem uma pessoa que só tem o acesso as redes. A gente dividiu por habilidades então tem 4 jovens que cuidam do *instagram*, 4 jovens que cuidam do *facebook*, pessoas que cuidam do blog, pessoas que cuidam do *twitter*, por habilidades mesmo e por uso, porque, por exemplo, eu odeio o *twitter*, eu odeio. Então se tu me der uma conta do *twitter* eu vou só olhar o *twitter* e não vou fazer nada. Então a ideia é a gente dividir por habilidade e afinidade de uso mesmo, mas as pautas de produção de matéria e de cobertura também de atos e tal a gente divide coletivamente, vai o maior numero de pessoas que podem ir pra data, pro evento e tal, fazer a cobertura e a gente volta pra UNIPOP pra produzir a matéria, a gente tenta corrigir coletivamente também, diagramar e aí faz o post por habilidade mesmo.

ENTREVISTRADORA: Tu falaste como era a articulação das atividades, como foi no início e como é agora. Como tu vê o papel de vocês em exercitar o protagonismo das juventudes?

NAIANE: Acho que hoje a gente consegue já fazer matérias que tem a nossa cara, sabe. A gente consegue, por exemplo, ir pra feira LGBT falar, porque a galera a maioria é LGBT então a gente já não vai mais só fazer a cobertura do ato que tava pautado no projeto, sabe. A gente já consegue fazer a cobertura daquilo que interessa pra gente enquanto juventude. Então eu acho que a gente tá representado num post que a gente faz, em uma matéria, em uma foto, em um vídeo que a gente faz e até mesmo participação nos eventos. Porque a gente participa de muitos eventos enquanto Agência, a gente é chamado pra participar de eventos enquanto Agência então isso dá uma cara assim pra gente, que a gente quer tá em alguns lugares, não é em todos os lugares. Então

diz que a gente tem mais autonomia mesmo e protagonismo pra falar que a gente é juventudes, plural, mas que a gente também não quer tá em qualquer espaço, a gente quer tá nos espaços que representam e falam das nossas pautas, sabe.

ENTREVISTRADORA: Quando a Agência é convidada a falar em eventos e lugares como é definido quem vai falar?

NAIANE: É, a gente ficou um tempo sem saber como definir isso. Até pela pauta porque a nossa pauta principal era o genocídio da juventude negra então a maioria das pessoas depois, acho que de 2018 pra cá, a maioria das pessoas que estavam compondo a Agência não eram mais pessoas negras, ou que não se identificavam como pessoas negras então ficou cada mais difícil falar só dessa pauta. Por isso, a gente começou a ampliar. Agora a gente tá de fato exercitando a rotatividade das pessoas pra falar nas pautas então quando, por exemplo, tem uma roda de conversa pra falar sobre “o papel de juventudes e comunicação” vai mais a galera que cuida das redes que fala um pouquinho sobre isso. Quando é pra fazer uma oficina sobre comunicação, sobre vídeo de bolso vai a galera que cuida mais dessa parte de edição. Então a gente já consegue definir assim por habilidades. Eu digo que agora a gente já consegue fazer a divisão da Agência por habilidades mesmo. Qual é a minha habilidade que eu posso doar pra Agência e que a gente pode aproveitar pra participar dessas rodas, desses atos, dessas formações.

ENTREVISTRADORA: Como tu vê a importância do curso de comunicação?

NAIANE: O curso de comunicação popular é o curso que desperta as habilidades, a curiosidade pra alguma pauta, pra algum eixo. E aí a gente começa a...Quando tá finalizando o curso a gente apresenta a Agência, a gente fala qual o papel e qual a importância da Agência. E aí a gente pergunta quem quer fazer parte. Quem se identificou com a comunicação, com a comunicação popular, com a fotografia, com o texto, com vídeo. E por isso que a gente fala que é o despertar. O curso de comunicação ele desperta a curiosidade, até mesmo porque depois a gente começa a convidar a galera do curso de comunicação a ir pra gente pro ato. Todo ano a gente faz isso, vai ter o ato do grito dos excluídos então quem organiza a participação é a galera da Agência. O que a gente faz logo é chamar a galera do curso de comunicação pra já ver o que a Agência consegue fazer e a galera já fica mega curiosa pra saber como é, como se organiza, como faz parte. Mas a gente tem gente também que não fez o curso de comunicação, mas a maioria já fez o curso de comunicação.

ENTREVISTRADORA: Falando sobre comunicação popular, como é a tua relação com comunicação popular, com comunicação?

NAIANE: Eu sou mega apaixonada pela comunicação popular. Eu sou apaixonada na verdade pela comunicação em si. Eu sou curiosa também, então sou estudante de serviço social e eu tô meio num processo de trancar a faculdade porque eu sou muito apaixonada pela comunicação, por esse contexto de que comunicar é um direito humano então não tem como não saber a importância da comunicação dentro do cenário que a

gente vive hoje, mas dentro das negações de direitos e tantas outras violações de direitos que nos é tirado, que nem nos é mostrado na verdade através desse meio que é a comunicação, sabe. Então eu sou uma mega apaixonada assim pela comunicação, eu sou muito estudiosa então eu gosto de tá sempre em varias formações de fotografia, de vídeo, de texto, de narrativas e ao mesmo tempo eu era muito tímida quando eu entrei na UNIPOP. Então, a UNIPOP, esse espaço, da comunicação em si, mas esse espaço da UNIPOP e tá no projeto da Agência me fez perder essa timidez, mas me fez acho que também falar das negações de direitos que eu sofria na minha escola, no meu bairro, enquanto mulher. Então eu sou mega apaixonada e acho que a gente vai conquistar o mundo

ENTREVISTRADORA: A importância que a Agência teve pra tua vida no geral?

NAIANE: Eu digo que hoje a Agência ela não é só um espaço que me remunera. Ela é um espaço que me contempla enquanto mulher, enquanto ativista. Desde quando a gente pensou ela e começou a executar ela em 2017, a gente começou a falar sobre as identidades fez eu reconhecer a minha própria identidade. Então eu digo que a Agência é um espaço de narrativas e pra mim é um espaço onde eu consigo mostrar a minha narrativa. Espaço onde eu consigo ser ativista, onde eu consigo fazer muita coisa mesmo.

APÊNDICE H – ENTREVISTA**ENTREVISTADA: ALEXANDRE SOARES****DATA: 27 de agosto de 2019**

ENTREVISTADORA: Nome, idade, formação, se estuda ou trabalha, o bairro que mora?

ALEXANDRE: Sou Alexandre Soares, tenho 23 anos morro no bairro da Condor aqui em Belém. Sou formado em Jornalismo pela Estácio do Pará. E agora tô estudando aqui na UFPA Letras-Francês.

ENTREVISTADORA: Tu te declaras como racialmente?

ALEXANDRE: Olha, eu cresci minha vida inteira como sendo pardo. Agora tomando consciência que não existe isso, e também reconhecendo tantos privilégios que eu já tive por ser mais claro sabe?

ENTREVISTADORA: Mas tu te consideras pardo, então?

ALEXANDRE: Ah... Acho que tô nessa fase

ENTREVISTADORA: Como tu conheceu a UNIPOP?

ALEXANDRE: Foi através de uma amiga, que na época da faculdade eu acho que no penúltimo ano, ela fazia um curso lá, que era um curso de comunicação Jovens Comunicadores da Amazônia, e aí ela tinha contado a experiência dela que ela tinha ido pra Brasília pela UNIPOP, aquele ato da maioria penal. E aí depois disso em 2015, aí quando foi em 2016 ela me falou que tava aberto o processo de seleção pra participar da Agência, aí ela me enviou um negócio, aí eu me inscrevi e fui selecionado pra ir.

ENTREVISTADORA: Então tu não fizeste o curso de comunicação popular?

ALEXANDRE: Não, eu entrei logo na Agência.

ENTREVISTADORA: Mas quando tu entraste na Agência tu já conhecia como era o trabalho? Como seria o trabalho que era de comunicação popular, tu conhecia comunicação popular?

ALEXANDRE: Na verdade, não, não conhecia. E eu nem conhecia a UNIPOP direito, eu queria conhecer a UNIPOP antes, porque me falaram que lá tinha teatro, e aí eu tava na época do teatro, eu fazia teatro na escola de teatro da UFA e aí me falaram que tinha lá e era gratuito e então eu ia até lá passar pra saber como é, só que essa amiga me falou da Agência e eu me inscrevi. aí eu fui no primeiro dia da reunião e foi uma reunião bastante dinâmica, e foi muito curiosa, porque eu também não tinha contato, tanto com a... Que foi até um choque chegar numa sala que era formato de roda sabe, porque eu cresci minha vida toda com aquela sala estruturada sabe?! Aluno-professor.

ENTREVISTADORA: O que te interessou no projeto da Agência?

ALEXANDRE: Como eu já tava na área de jornalismo e aí era coisa com comunicação, acho que foi bem a calhar e também só que com o tempo que eu fui descobrindo que isso era muito rico também pra mim profissionalmente e pessoalmente porque era uma coisa que eu ainda não tinha contato. Eu tava tendo contato... Eu tava saindo do movimento estudantil que eu atuava, um coletivo aí político partidário, e aí eu tava procurando outras frentes pra atuar, aí foi que eu encontrei a UNIPOP.

ENTREVISTADORA: Que semestre tu tavas quando tu entraste no, semestre da faculdade no caso, quando tu entraste na Agência?

ALEXANDRE: Eu tava acho que no sétimo.

ENTREVISTADORA: No fim já né?!

ALEXANDRE: É, bem no finzinho.

ENTREVISTADORA: E até então tu não tinhas tido nenhum contato com comunicação popular no curso de jornalismo?

ALEXANDRE: Não. Não.

ENTREVISTADORA: Ai tu foi ter esse contato dentro da Agência?

ALEXANDRE: Sim, sim.

ENTREVISTADORA: Ai tu ficaste lá quanto tempo?

ALEXANDRE: Acho que fiquei 2017, 2018 e esse semestre 2019. Acho que dois anos e meio.

ENTREVISTADORA: E aí é, eu conversando com a Patrícia e também estudando eu vi que nesse período que tu entraste, 2016/2017 foi quando iniciou os debates na questão do extermínio né, da juventude negra, tiveram atos e tal. Como foi essa construção assim, desses atos, dessas atividades nesse período?

ALEXANDRE: É, eu... Eu fui da segunda turma eu acho, teve a primeira que foi da Ariane, e aí eu fui a segunda turma a entrar na Agência e aí foi bastante e interessante também, interessante e curiosa na verdade, pensar nisso, sabe?! Porque não era um assunto que tava no meu dia a dia sabe, eu sabia que existia o racismo como qualquer pessoa aqui sabe, a partir do seu senso comum que existe o racismo, mas não sabe o que de fato em quais situações o racismo está presente, sabe?! E aí foi interessante pensar nesses atos, porque até então eu tinha aquela visão de que a polícia protegia a gente, principalmente a população negra e várias outras coisas. Aí que foi tendo mais o contato, apesar de morar num bairro periférico, mas é, a gente tem muita aquela visão do centro, sabe?! A gente nem conhece a nossa vivên... A gente sabe da nossa vivência, mas não conhece o nosso bairro, os bairros arredores, periféricos.

ENTREVISTADORA: Tu lembra assim quais foram os atos específicos que tu participaste? Porque nesse período eles fizeram atos contra o extermínio atos na praça, no Barreiro e no MAREX. Teve uma audiência pública, fizeram outras atividades, tu lembra assim?

ALEXANDRE: Eu participei... A primeira atividade em sessão foi o ato no Marex. Aí depois do ato no Marex foi audiência pública, depois da audiência, também teve o encontro, depois do encontro é... teve mais um, teve mais um ato se eu não me engano, égua teve mais alguma coisa....

ENTREVISTADORA: E tu lembra assim como eram, como foram as construções desses atos assim, foi uma coisa que todo mundo discutiu, por exemplo como ia ser, aonde ia ser, o que que ia acontecer nesses atos?

ALEXANDRE: Esses atos... Essas atividades já eram planejadas no projeto, não sei se... a Patrícia deve ter te falado né?! E aí, a gente... só que o bacana dela, foi que a gente enquanto jovens, poderia protagonizar ela, sabe?! A gente colocava tudo em pauta e aí todo mundo decidia, chegava em um consenso pra ver como ia ser feito, planejava o roteiro do ato, da audiência.

ENTREVISTADORA: Tu achas que a Agência exercita esse protagonismo assim de vocês, exercitou nesse tempo o protagonismo de vocês na construção dessas ações?

ALEXANDRE: Sim, bastante. Tanto... É... Através dessas ações, mas também através de até pelo fato de a gente tá lá, de sei lá, porque a todo momento a UNIPOP coloca a gente como, a UNIPOP no caso a Agência, coloca a gente como protagonista, sabe? Pra pensar mesmo de que forma a gente vai agir contra o genocídio da juventude negra no caso, naquela época.

ENTREVISTADORA: E tu produziste textos, né?! Sobre os atos, tanto sobre, quanto de divulgação né, dos atos, eu cheguei a ver. E qual a importância pra ti, de ter participado da construção, ter participado da divulgação e ainda escrever, né?! Tu como estudante na época de, de jornalismo e atuante na Agência como foi essa experiência pra ti?

ALEXANDRE: Acho que foi bastante rica, porque era uma época que eu não me sentia seguro com a faculdade de jornalismo, tanto por tá atrás de estágio, mas também não tinha conseguido estágio, e aí foi como se eu colocasse tudo que eu fosse aprender no estágio, colocasse na Agência, sabe?! E aí eu queria a todo momento escrever, tá produzindo também as coisas, pra ganhar um pouco também de portfólio.

ENTREVISTADORA: Qual a importância da Agência pautar o extermínio da juventude negra. Qual foi a importância pra ti e qual é a importância dela pautar esse tema?

ALEXANDRE: Acho que é de extrema importância, porque é... sei lá, a gente vive num país que o racismo é velado. Onde tudo, tudo é... O negro é invisibilizado, apagado socialmente e aí mostrar isso, principalmente a gente que tem o intuito de ser uma via de contramão a mídia tradicional... E como eu ia dizendo, eu acho que é muito importante principalmente na mídia que a pessoa negra é dita como marginalizada, invisibilizada, principalmente quando mora em bairro periféricos, que esses bairros periféricos tem a imagem dita como zona vermelha, área de risco... Eu acho que a gente mostrar e principalmente ser protagonizado por jovens e principalmente os jovens que estavam lá a maioria eram negros, LGBTQs e mulheres, acho que foi de extrema importância pra dar adiante nessa luta.

ENTREVISTADORA: E qual foi a importância dessa experiência na tua vida assim? De ter passado pela Agência?

ALEXANDRE: Foi maravilhosa! Eu acho que eu nunca, sinceramente eu nunca eu acho que vou esquecer a UNIPOP, porque me fez entender várias coisas e me questionar também sobre, sabe?! Me questionar... aprender, no sentido de que eu tava entrando lá numa transição da minha, vamo dizer, descoberta da minha sexualidade sabe?! Era algo que eu num... sei lá eu tava numa fase confusa em relação a isso, não me sentia empoderado, sabe!? E ai foi lá que eu consegui tendo a vivência com outras pessoas, me empoderar sobre a minha sexualidade, mas também sobre outras coisas como ter entendimento sobre essa questão do genocídio da juventude negra sobre a concepção sobre o machismo, sobre vários aspectos.

APÊNDICE I – ENTREVISTA**ENTREVISTADA: ALEXANDRE SOARES****DATA: 30 de abril de 2020**

ENTREVISTADORA: O eu é ser jovem pra ti?

ALEXANDRE: Eu penso que ser jovem é poder protagonizar diversas histórias, principalmente, a sua. Somos cheios de sonhos, vontades e garras através disso lutamos pelo o que acreditamos e aprendemos para que tenhamos um futuro melhor.

ENTREVISTADORA: Tu achas q ser da periferia influencia em que nessa experiência de ser jovem?

ALEXANDRE: A partir desse local que ocupamos vamos a todo momento ser colocados a margem. O que nos influencia de forma obrigatória a ser mais resistentes e ter que lutar contra as desigualdades.

ENTREVISTADORA: O que tu entendes como extermínio da juventude negra? Tu acreditas que há um genocídio dessa juventude em andamento?

ALEXANDRE: sim, acredito. o que me faz ter o entendimento de que existe um sistema (capitalista e racista) que ha anos tenta exterminar corpos negros através da forma mais visível a bala, e também, com a negação de direitos como educação, cultura e etc.